Líbia: nem Kadhafi desapareceu nem Reagan desistiu

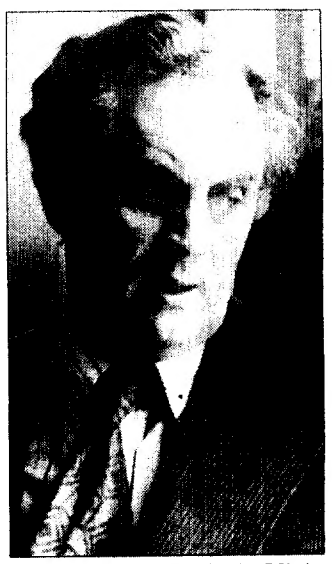
Págs. 12 e 13

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 038 Quinta-feira, 17 de Abril de 1986 Preço 40$00

Carlos Valente: temos árbitro no México

Pág. 18



Artur Ramos e Mário Vieira de Carvalho: dois dos saneados do 25 de Novembro

Decisão do Supremo

Televisão obrigada a readmitir 23 saneados

Por decisão do Supremo Tribunal Administrativo a RTP vai ser obrigada a readmitir os 23 trabalhadores que despediu, sem justa causa, na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975. Já lá vão mais de 10 anos...

Pág. 24

Discurso de ministro com greve em curso

Parte da rede da CP é para fechar

Pág. 11

Quilo vai em 90 escudos

CEBOLA PUXA AS LÁGRIMAS

Tabela da importada não é cumprida

Dois comerciantes explicam os seus «porquês» do preço da cebola

Nas últimas três semanas o preço da cebola, nos grossistas e à mesa dos consumidores, sofreu um aumento em flecha: de 30 escudos passou para 65 a 75 escudos o quilo nos grossistas, atingindo os 90 escudos junto dos consumidores.

Apontada como causa decisiva deste aumento é o fim da comercialização da produção do ano passado que, numa fase de transição para a «cebola nova» origina uma quebra no abastecimento.

Por isso, foi importada cebola, tabelada a 31$50 mas vendida a 40 escudos... várias razões para se afirmar que a cebola puxa às lágrimas do consumidor.

Pág. 9

O "Santo Genet"

Lurdes Féria

Há muito boa gente que se pela por tecer elogios fúnebres. Agora que Jean Genet — o «Saint Genet», de Sarte — morreu talvez não deixem passar, em branco, a oportunidade e venham enfeitá-lo das mais belas roupagens (sim, a ele que nunca despia o coçado blusão de cabedal negro), esses mesmos que o consideraram escritor menor, somente abonado pelo escândalo.

Pois, os olhos claríssimos de **Genet** fecharam-se para sempre em Paris, cidade onde nascera no ano em que nós derrubámos a monarquia — ou ela caiu de podre, tanto faz! Tinha portanto, a idade da República Portuguesa: 75 anos. E era, sem dúvida, um notável poeta. Poeta que, provavelmente o Mundo nunca conheceria se Jean Paul-Sartre não tivesse terçado armas em sua defesa. Estava condenado à prisão perpétua, não previa sequer a publicação dos seus livros e assim, na mira de nada, escrevia. Ou desabafava: a parte mais enérgica da sua ficção foi escrita na cadeia, de onde nunca imaginaria sair.

Na dedicatória do **«Diário de um Ladrão»** lá vem: a Sartre, a «Castor» — «Castor» era Simone de Beauvoir que, por estranha ironia do destino, lhe levou um dia de vantagem, na morte.

Criança abandonada, enteado da assistência pública, aos dez anos **Jean Genet** é acusado de ladrão. Vai parar ao reformatório de Mettray, e já se sabe como são tenebrosos os reformatórios, como são exímios em convencer os **«objectos»** que se propõem reformar de que encarnam o **Mal**. A criança acreditou, mas o adulto compreendeu todos os mecanismos: **«A vossa literatura, as vossas belas-artes, os vossos divertimentos após o jantar, celebram o crime... Podemos, hoje, afirmar que é preciso petulância para um actor se atrever em cena a fingir um assassínio, quando todos os dias há crianças e homens, cujo crime no caso de não os conduzir à morte, pelo menos os condena ao vosso desdém ou ao vosso delicioso perdão»** («L'Enfant Criminel»).

Perdoaram-lhe. Muitos intelectuais intercederam para que fosse libertado, cabendo a iniciativa a Satre e Cocteau. Depois, outros nomes se juntaram ao abaixo-assinado, tais como Picasso, Breton, Queneau... Contudo, houve quem se recuasse, num ostensivo gesto de puritanismo, a dar a cara. Já agora, a saber: Aragon, Eluard e Camus. Curioso, não é?

Jean Genet, adulto maldito, conhecia os códigos sociais, a sua hipocrisia, as suas falsas honestidades, as suas armadilhas. Daí que se risse dos juízes, **«ocultos nas suas togas»**, escudados atrás de uma máscara ridícula, e participando de uma farsa de alta comicidade. Quanto aos polícias mereciam-lhe outro respeito porque **«podiam matar»**, pôr o dedo no gatilho. Eram treinados para isso: **«Amo essas máquinas sinistras mas sorridentes, destinadas ao mais difícil dos actos: o homicídio»** («Diário de um Ladrão»).

Deliberadamente mergulha nos submundos das cidades europeias, com especial inclinação por Barcelona e o seu Bairro Chinês, e Marselha onde o **lumpen** sobrevive. Cidades de mar, pisadas por marinheiros perturbadores como **«Querelle»** que possibilitou a Fassbinder a construção de um filme agressivo, mas belíssimo. Um exercício de amor e morte, em que mais uma vez o mal se afirma. **«Uma das funções da arte é, sem dúvida, substituir a fé religiosa pela eficácia da beleza. Beleza essa que tem de ter o poder de um poema, isto é, de um crime.»** Prefiro o Genet da prosa, ao do teatro, função que ele dizia detestar, tendo no entanto acedido ao pedido de **Jouvet** para escrever **«As Criadas»**, cuja primeira versão lhe custou oito dias fechado numa pensão de Marselha. Perante o resultado em cena zangou-se muito, cortou relações com a «glória» do teatro francês, ao contrário do que sucedeu com a montagem de Vítor Garcia que achou excelente.

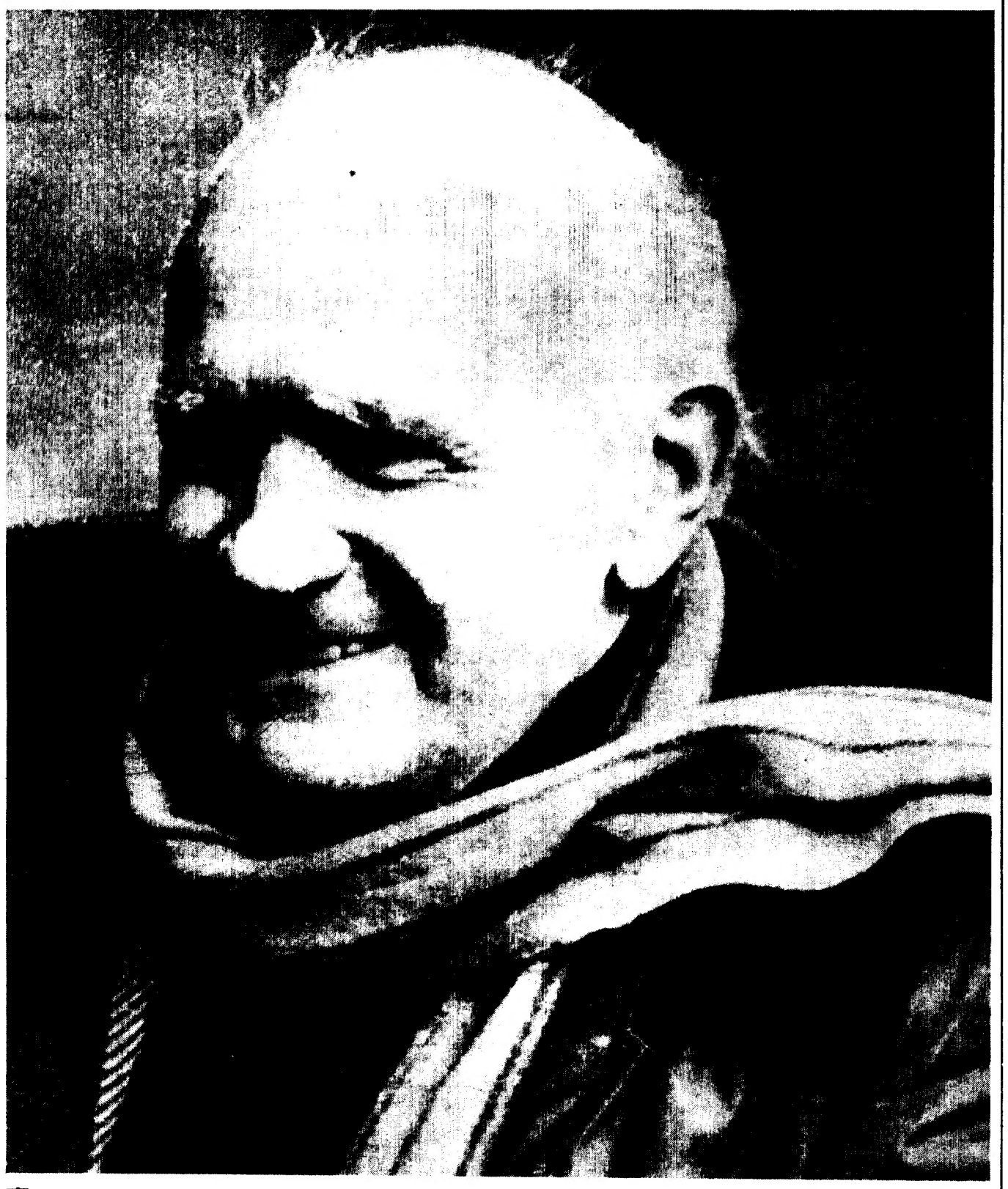
O texto de **«As Criadas»** baseia-se na história das irmãs Papin que, em 1933, assassinaram as respectivas patroas. Toda a imprensa francesa se alvoraçou, dando ao acontecimento lugar de manchete nas suas páginas; para a opinião pública o assunto era apaixonante, sobretudo para donas-de-casa e sociólogos que, entretanto, se esforçaram por arranjar uma justificação para aquela **revolta** doméstica.

Comentário de Genet: **«a minha obra não é uma ilustração desse caso, ainda que, provavelmente, existam certas relações ocultas...»**

É que o poeta vinha uma vez mais falar de si, com todo o narcisismo patente na sua escrita.

Criminoso, santo, pederasta, génio... tudo lhe chamaram. Até mesmo revolucionário foi uma das etiquetas que em determinada ocasião lhe pregaram. Concretamente, quando, a convite dos «Panteras Negras», se deslocou aos Estados Unidos, com vista a fazer uma conferência a favor daquela organização. Porém, logo retira à situação qualquer auréola de herocidade: **«com sinceridade, devo dizer que não me move, em primeiro lugar, a preocupação de mudar o Mundo.»** Mas revelou que, efectivamente se identificava com os «Panteras», sentindo-se perto deles no ódio que devotavam à sociedade branca. O mesmo ódio que Genet sentia, desde os 10 anos de idade...

Ele era um talento maléfico, com um discurso rigorosamente à margem dos vectores oficiais. Mas, apesar de tudo, manteve, ao longo da vida, um sorriso cândido...



Ritual do crime

Filipe La Féria sempre sonhou encenar «**O Balcão**», de Jean Genet, ou talvez adaptar «**A Nossa Senhora das Flores**» do mesmo autor. Tem com o seu teatro não só uma relação de fascínio como também prática: foi assistente de Victor Garcia na montagem de «As Criadas» em Cascais.

«Para mim, trata-se de um autor revolucionário que remete para a festa funenária da Idade Média, onde os actores deveriam ser um signo carregado de signos. Mas o que nele mais me seduz é o seu vocabulário sumptuoso que ritualiza o crime, paara que este atinja a santidade absoluta. Teatro dos cemitérios, ao contrário da vida, o teatro de **Genet** funciona como um enorme e deformado espelho. Ele, mesmo condecorado pelo **Poder,** será sempresempre um escritor maldito.»

Jean, o Pescador de Souquet

Talvez que a possível homenagem (?) fosse incendiar algumas cidades para que se revelasse um rosto límpido, ou o magnífico e lodoso sexo de deus. Mas, creio que um homem como Genet, ao ter atravessado a vida e o mundo na mais recolhida fuga já não desejasse sequer o fogo, ou um rosto, ou mesmo deus que, como se sabe, chega sempre atrasado a todo o lado.

A morte nunca me pareceu uma coisa gloriosa, mesmo quando a santidade adere à pele e ao coração como um destino a cumprir, como uma peste. E, poucos, foram aqueles que souberam **conviver** com o seu próprio Inferno.

A admiração que tenho pela obra e pelo homem que, humildemente, conheceu esse lugar de treva que é o do condenado à morte esperando a execução, exige todo o ouro do m eu silêncio.

À bientôt Jean, ou même le jour il faut nuit.

Lisboa, 16 de Abril de 1986
Al Berto

Primavera do desassossego

Joaquim Ribeiro Simões

1. «Geralmente, aqueles que governam devem esforçar-se por parecer grandes, sob todos os aspectos, e evitar que nos seus sentimentos transpareça o que quer que seja de indecisão e de fraqueza». Medito nestas palavras de Maquiavel e sinto a actualidade do seu significado: um bom governante, no último quartel do séc. XX, deve ser decidido e forte para convencer os cidadãos. Este axioma de «O Princípe» tem sido uma obsessão para Cavaco Silva. Tendo ao seu dispor uma conjuntura económica altamente favorável advinda da queda vertical do preço do crude e da pronunciada baixa do dólar, o Governo do PSD não tem sabido aproveitar essas condições propícias. Parece decidido em criar tensões e agitações em todos os sectores, como se na realidade dispusesse de maioria absoluta na Assembleia. Apesar dos seus 29 por cento, mostra-se impante, tentando impor a sua vontade a tudo e a todos. Concentra em si o gérmen da prepotência, a apetência totalitária herdada de alguém cujo nome me falha. Conseguiu nos breves meses da sua vigência um rico palmarés: hostilidades e malquerenças com os médicos e de um modo geral com o mundo do trabalho; tensões permanentes com os partidos da oposição, à sua esquerda na AR. Mas, a procissão ainda vai no adro. Outras crispações virão, concretamente quando da revisão das leis laborais e da reforma agrária, que irão colocar o Parlamento em polvorosa. E não se descortinam aspectos positivos neste Governo? De certo que sim. O esforço de baixar a inflação e de mostrar rigor são acções louváveis, embora, no respeitante àquela, as melhorias se fiquem a dever primordialmente às descidas do petróleo e do dólar. Qualquer Governo, por pior que fosse, conseguiria reduzir a inflação. Mas, no problema dos desempregados, quais os sucessos deste Executivo?

A continuar na senda da confrontação com a AR, este Governo cominhará sempre a beira do abismo. No entanto, terá de se manter porque de momento não existe alternativa. A oposição, à esquerda do PSD, não está ainda em condições de tomar as rédeas do poder. Convergirá certamente pela negativa, mas não pela positiva. Enquanto o PRD e o PS não arrumarem as suas casas, o Governo de Cavaco terá a via livre. **Lembrando Sartre, este Governo está condenado a governar, pelo menos até ao fim do ano.** Para nosso desassossego.

2. No CDS, as turbulências surgidas no Congresso, prosseguirão. A vitória de Adriano Moreira sobre Morais Leitão representa o triunfo da Direita nacionalista e revivalista, o que conduzirá ao alheamento ou fuga de muitos militantes capazes. Tem a vantagem de clarificar o espectro político: o CDS será a Direita, extrema, assumida, onde as ambiguidadese contornos palacianos de Lucas Pires não terão lugar. Mas este partido ficará longe da estabilidade; as teses de Adriano encontrarão espessa resistência.

Quanto ao Partido Socialista, deixou-se enredar numa agitação interna que poderá deixar profundas mazelas. A luta Constâncio — Gama para a sucessão de Mário Soares é uma escalada àspera e escorregadia. Pergunta o escriba, não haveria um processo democrático com maior operacionalidade? Um referendo às bases do partido solicitando a indicação de três nomes não seria uma hipótese correcta e viável? Além de Gama e Constâncio não haveria outros dirigentes à altura do cargo? figura-se-me que esta truculenta feira em redor das duas candidaturas desfeia a imagem do Partido Socialista perante o vasto campo dos simpatizantes (e votantes). Repito os meus votos do último artigo: **que seja escolhido o melhor, porque o Partido Socialista bem o merece.**

No respeitante ao PRD, a situação também não prima pela tranquilidade. Terá de clarificar as suas opções políticas; a ambiguidade poderá resolver esta ou aquela situação táctica, mas estrategicamente não conduz a nada. Este partido, se se afastar dos ideais de Abril, se votar contra a Esquerda em assuntos fundamentais perderá a sua razão de ser. Mas terá de convencer o eleitorado que o seu espaço é diferente do ocupado pelo PS e pelo PSD. Será capaz disso? Esperar que tudo se resolva com a entrada de Eanes, é esperar por algum milagre. Que se poderá desejar do PRD? **Que se organize e defina ideologicamente, e esteja pronto para, na altura devida, poder formar governo com o PS, contando com o apoio do PC.** E uma alternativa possível que o Presidente Soares não desprezará quando o Governo de Aníbal Cavaco cair.

3. Maior desassossego ainda transparece da situação no Mediterrâneo, o belo e poluído mar de costas luminosas, onde se forjou a nossa Civilização. Depois do ataque aéreo ordenado por Reagan contra as cidades de Tripoli e Bengazi, com massacre de militares e civis nada ficará na mesma. Se o objectivo do velho presidente americano era achincalhar Khadafi, falhou estrondosamente. O dirigente líbio, que parece estar a salvo, ficará com o seu prestígio aumentado perante o enorme conjunto de países árabes. Pregará a Guerra Santa contra os americanos que serão no futuro ainda mais odiados e hostilizados.

O terrorismo deve ser combatido com outras armas e não com porta-aviões e mísseis do último modelo. A principal resposta tem de ser política e sociológica. Por que não se esforçam os EUA e a URSS por encontrar uma solução racional para os conflitos do Médio-Oriente? Um território para o povo palestino resolveria o problema. Por que teimamos em fechar os olhos a esta realidade? Será que os palestinos não terão o direito de habitar a sua terra e forjar o seu próprio Estado?

Excepto a fria e cruel Tatcher parece que nenhum dos restantes aliados dos EUA concordou com a incrível aventura de Reagan. Ao menos, valha-nos isso. A questão que o Povo Português tem de decidir é esta: para quê o o Pacto do Atlântico? Para quê manter a base americana das Lajes?

coronel na reserva

A homenagem ao professor Eduardo Cortesão terminou com um almoço no Hospital Miguel Bombarda.

Por iniciativa do "Miguel Bombarda"

Soares presidiu à homenagem ao prof. Eduardo Luís Cortesão

● ***Enfermeiros suspenderam greve depois do apoio expresso pelo PR***

O Presidente da República lembrou ontem as figuras do pai e do tio de Eduardo Luís Cortesão, Armando e Jaime Cortesão, na homenagem que o Hospital Miguel Bombarda ontem prestou ao seu ex-presidente do Conselho de Gestão. «Foram figuras grandes da ciência, da cultura e da política nacionais», disse Mário Soares de Armando e Jaime Cortesão durante a sessão solene de homenagem a Eduardo Luís Cortesão, que ao longo dos seus 30 anos de carreira inovou a psiquiatria.

O Hospital Miguel Bombarda homenageia figuras docentes ligadas à psiquiatria que se tenham distinguido no seu exercício, ou naquele estabelecimento hospitalar, como foram os profs. Sobral Cid, Miguel Bombarda e Barahona Fernandes.

Eduardo Luís Cortesão, que agora passa a dirigir a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, continua assim a obra de «figuras grandes da ciência, cultura e política nacionais».

Antes do homenageado e do Presidente da República discursaram o administrador do Hospital Miguel Bombarda, Leão Miranda, o professor Barahona Fernandes, os médicos Fernandes da Fonseca, Ferraz de Oliveira, Guilherme Ferreira, e o enfermeiro Fernando Gonçalves.

Entretanto, os enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda, que ontem iniciaram um novo período de três dias de greve, obtiveram a solidariedade dos seus colegas do Hospital Júlio de Matos que, numa nota divulgada, denunciam as «más condições de trabalho e de exercício de enfermagem nos hospitais psiquiátricos».

Mário Soares considerou justas as reivindicações dos enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda que ontem entraram no primeiro de três dias de greve, em luta por melhores condições e menos carências, ao usar da palavra no encerramento da cerimónia de homenagem a Eduardo Luís Cortesão, que iniciou as suas funções no Hospital Miguel Bombarda em 1956, tendo sido presidente do Conselho de Gestão até 1980. Foi há seis anos, com efeito, que Eduardo Cortesão assumiu a direcção do departamento da Ajuda.

Mário Soares que foi recebido no Hospital Miguel Bombarda com palmas e vivas pelo pessoal administrativo e por enfermeiros do hospital, disse «ser sensível à chamada de atenção feita pelos enfermeiros para a sua situação, dificuldades e carências».

«Quero demonstrar que a vossa chamada de atenção é para mim motivo e razão também para estar aqui e lhes mostrar que compreendo essas dificuldades e que é preciso satisfazer reivindicações justas, tal como foi aqui reconhecido já pelo senhor representante da senhora ministro da Saúde» — disse o chefe do Estado.

«É imperativo constitucional tratar da saúde, e também da saúde mental» — referiu Mário Soares, sublinhando a frase que havia sido dita pelo professor Barahona Fernandes para significar a necessidade de uma maior atenção à área da doença mental no sector da saúde.

À sua saída, os enfermeiros aplaudiram a passagem do Presidente da República e empunhavam alguns cartazes, um dos quais dizia: «Enfermeiros que fazem greve saúdam o Presidente da República». Um delegado sindical entregou a Mário Soares um **dossier** sobre a questão que os opõe ao Governo.

Belas Artes: Soares atento ao «despejo»

O PR manifestou «a maior receptividade» à Academia Nacional de Belas Artes, cujas instalações estão em risco de serem ocupadas pelo Governo Civil e pela PSP, conforme denunciaram responsáveis da própria Academia e a deputada Margarida Tengarrinha na AR.

Soares recebeu ontem uma delegação da Academia constituída pelo arq.º Jorge Segurado (por doença do presidente Aires de Carvalho), o escultor Fernando de Pamplona, o arquitecto Frederico Georges, o pintor Abel de Moura e o jornalista (e crítico) António Valdemar.

A Academia, fundada em 25 de Outubro de 1836, e desde então instalada numa parte do Convento de São Francisco de Lisboa, está, no dizer de fontes académicas, «na iminência de ser totalmente ocupada» pela PSP, eventualidade prevista num recente despacho conjunto dos Ministérios das Finanças, Administração Interna e Educação e Cultura. Um grupo de trabalho formado por representantes dos três Ministérios, analisa, entretanto, os aspectos relacionados com a prevista saída da Academia das instalações actuais.

Mário Soares, informado pela delegação do programa das celebrações do centésimo quinquagésimo aniversário da fundação da Academia, declarou-se disposto a comparecer, «sempre que possível, nos actos públicos» que estão a ser agendados.

Língua e engenharia tratadas em Belém

O Presidente da República recebeu ontem em audiência os responsáveis pela Sociedade de Língua Portuguesa (Fernando Sylvan) e da Ordem dos Engenheiros, neste caso o presidente em exercício, Simões Cortes. Soares auscultou Fernando Sylvan sobre o projecto de unificação ortográfica actualmente em negociação e aceitou o convite da Ordem dos Engenheiros para assistir à abertura do VII Congresso dos Engenheiros que decorrerá em Lisboa entre 24 e 28 de Novembro.

No final da audiência com Fernando Sylvan este aludiu ao «incentivo que constitui para a SLP» o interesse do PR em tomar conhecimento da posição da Sociedade sobre aquela matéria, objecto de uma conferência a realizar no Rio de Janeiro de 6 a 12 de Maio.

A referida conferência em que está prevista a participação de representantes de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, tem em vista a obtenção de um acordo de unificação ortográfica, a que os sete países fiquem vinculados.

Por seu turno, o dirigente da Ordem dos Engenheiros disse que o Presidente da República aceitara estar presente no dia 7 de Junho na cidade do Porto na tarde cultural integrada no «Dia Nacional do Engenheiro».

A Ordem dos Engenheiros comemora este ano as suas bodas de ouro organizando também e já a partir do dia 21 de Abril às «Jornadas de Ouro da Engenharia Portuguesa».

Comemorações do 25 de Abril

Um apelo da URAP

A União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP) emitiu um apelo aos seus associados e ao povo em geral para que se comemore devidamente o 12.º aniversário do 25 de Abril. O apelo que será distribuído às delegações da URAP e divulgado no País, recorda que durante 48 anos «em condições difíceis, os antifascistas lutaram pela liberdade e pela justiça», presta homenagem aos que «souberam resistir, criar os germes da vitória antifascista, reunir as esperanças e transformá-las em resultados reais».

O apelo da URAP considera que:

«As recentes eleições presidenciais mostraram que existem condições para impedir o caminho a qualquer ressurgimento fascista e evidenciaram os sentimentos democráticos do nosso Povo.»

E conclui: «O resultado vitorioso das lutas antifascistas, o 25 de Abril de 1974, os 12 anos seguintes, demonstram-nos que os anseios e ideais libertadores triunfarão. Não precisamente da maneira como cada um pensa, não exactamente como cada corrente de opinião se projecta e afirma, mas sim como colectivamente se vão tecendo entre si as aspirações e posições, as acções e lutas.»

«No Povo português há sementes de futuro, das mais variadas e ninguém conseguirá impedir que cresçam e frutifiquem. Do chão fundamental dos interesses populares imediatos, dos pequenos ou grandes objectivos concretos, da relação entre eles e os grandes programas, da relação entre estes, o nosso povo forjará pela acção num futuro melhor, reorganizará os ideais libertadores da Revolução de Abril e transformará Portugal, num outro, melhor, mais justo e fraterno, de que nos possamos orgulhar.»

Açoriano em ministro da República pode ser demasiado perigoso

— escreve o "Açoriano Oriental"

O matutino micaelense «Açoriano Oriental» afirmou ontem, em editorial, que «parece demasiado perigoso para o processo autonómico a nomeação de um açoriano para desempenhar o cargo de ministro da República». «Esse perigo ultrapassaria os limites do aceitável se for escolhido um açoriano fortemente ligado a um partido», comenta o jornal.

A sintonia ideológica entre todos os órgãos do poder regional, «uma meta ambicionada por forte e influente sector partidário, arrastaria factores de desestabilização difíceis de superar», acrescenta. «Certamente que abalaria todos os esforços de unidade em que tem de assentar a consolidação, ampliação e desenvolvimento do processo autonómico, democrático e constitucional», concluiu.

Segundo o jornal de S. Miguel, estarão na agenda de políticos açorianos interessados no processo «figuras com forte conotação partidária e até uma experiência política cuja prática permite antever o que se pretende com a sua nomeação».

O analista político açoriano Branco Camacho escreve no mesmo jornal que o ministro da República «se assemelha a um apêndice incómodo, sempre sujeito a apendicite». Segundo o articulista, pretende-se agora «usar a apendicectomia para resolver o caso.

Ontem foi dia da Comunicação Social

Vizela volta em Maio ao Parlamento

A conferência de líderes parlamentares agendou para o próximo dia 15 de Maio a discussão dos projectos de lei relativos à criação do município de Vizela. A discussão desta iniciativa legislativa foi proposta pelo PCP e apoiada pelo PS, PRD e MDP. Teve todavia a oposição do PSD e do CDS.

Na mesma reunião foi também agendada mas para o dia 22 do mesmo mês a discussão e votação final do texto alternativo elaborado pela comissão parlamentar de trabalho que resultou da discussão, na especialidade dos diversos projectos de lei sobre a questão dos salários em atraso. Finalmente, foi decidido que a sessão solene comemorativa do 12.º aniversário do 25 de Abril comece ao meio-dia e não às 11 horas como era hábito.

Entretanto, o secretário de Estado da Comunicação Social, Marques Mendes, anunciou ontem no Parlamento a adopção imediata de um conjunto de medidas de apoio ao sector público da Comunicação Social. Ao intervir no debate parlamentar sobre o sector público da Comunicação Social, Marques Mendes explicou que estas medidas serão tomadas, «reformulando e ampliando algumas regalias anteriormente existentes, criando novas formas de apoio às empresas jornalísticas e definindo regras e apoios financeiros para a concretização de acções no domínio da formação e reciclagem dos profissionais da informação em Portugal».

Marques Mendes garantiu que serão imediatamente publicados vários diplomas que contemplarão uma nova regulamentação relativa ao subsídio de papel, «extirpando da anterior diversas condições como o caso da exclusão desta regalia, por via administrativa, dos jornais cujos directores tivesses sido judicialmente condenados».

O secretário de Estado garantiu que os diplomas a publicar prevêem «uma nova, mais concreta e objectiva regulamentação do sistema de porte pago e a institucionalização e aplicação do regime legal da realização, por parte dos CTT e TLP, de descontos de 30 por cento em todas as despesas de telecomunicações efectuadas mensalmente pelas empresas jornalísticas», assim como «uma regulamentação mais flexível e mais alargada da comparticipação do Estado nas deslocações dos jornalistas, através do chamado sistema do cheque transporte». «Os diplomas a publicar — prosseguiu — estabelecem a criação de um sistema de financiamento a fundo perdido, para investimentos, por parte da Imprensa Regional, em oficinas e parques gráficos e a institucionalização de um grupo de trabalho, integrando representantes do Sindicato de Jornalistas e das associações profissionais do sector para definição, concretização e acompanhamento de acções de formação profissional, criando ao mesmo tempo um fundo permanente para financiamento estatal a este tipo de acções.

José Carlos de Vasconcelos, do PRD – partido que solicitou a realização deste debate — descreveu por seu turno, o que, em seu entender, de mais relevante se passou no sector da Comunicação Social nos últimos anos e fê-lo porque — afirmou — «o impõe a situação presente, de certo modo, e em parte ainda, o prolongamento de vários passados». O deputado renovador-democrático salientou a dificuldade em legislar neste domínio e apontou como indispensável que «todos os responsáveis tenham uma nova filosofia e uma nova moral, relativamente à Comunicação Social e em especial à estatizada e às suas relações com ela».

Jorge Lacão, do PS, criticou entretanto o actual Governo por considerar a extensão do sector público de um ângulo economicista e por, ao falar em liberalizar a Informação, «estar exclusivamente a pensar em devolver ao domínio privado canais de televisão e rádio ou certos jornais».

Margarida Borges de Carvalho, do PSD, afirmou que na base do debate realizado «está o mais triste de todos os sentimentos humanos, o medo, a preocupação de alguns acerca do propósito programático de um governo de libertar o que está peado». Para a deputada social-democrata é necessário «inverter as posições de princípio e, a partir daí, iniciar uma marcha firme para a libertação do sector e fazer prevalecer o princípio da sociedade civil sobre o da estatização, o princípio da liberdade sobre o do controlo, o princípio da generalidade sobre o da especialidade».

Jorge Lemos, do PCP, disse por sua vez que «só se poderá defender a independência e o pluralismo do sector público da Comunicação Social, se houver sector público da Comunicação Social que neste momento está ameaçado». Sobre as agências noticiosas, Jorge Lemos defendeu «a necessária definição do apoio que o Estado deve prestar à Anop enquanto empresa pública» e advogou a aprovação de uma lei de radiodifusão e de uma lei de licenciamento de estações de radiodifusão «que acabe com a lei da selva actualmente existente».

Narana Coissoró, do CDS, acusou finalmente o Governo, designadamente o Primeiro-Ministro, «de transformar muitas vezes o Telejornal em tempo de antena» e de «aparecer excessivas vezes na televisão», ao mesmo tempo que se manifestou favorável à concessão de um canal de televisão à Igreja.

O PRD e os jornalistas

Deputados do PRD solicitaram ontem ao Governo que os esclareça sobre a data prevista para a aplicação da isenção da taxa de assinatura do telefone aos jornalistas.

Em requerimento entregue na mesa da Assembleia da República, os deputados renovadores-democraticos Alexandre Manuel e Costa Carvalho perguntam também ao Governo se a concessão de 50 por cento de desconto nos transportes públicos será mantida e praticada por todas as empresas abrangidas pela legislação em vigor.

Os deputados afirmam, no requerimento, que a concessão do desconto de 50 por cento aos jornalistas nos transportes públicos está a ser posta em causa pelas empresas públicas de transportes e que os TLP nunca deram cumprimento à disposição legal que isenta os jornalistas do pagamento da taxa de assinatura do telefone.

Sindicato dos Jornalistas

ELEIÇÃO DOS REPRESENTANTES DO SINDICATO DOS JORNALISTAS NO CONSELHO DE IMPRENSA

ASSEMBLEIA DE VOTO

A Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas, convoca para o dia 28 de Abril de 1986, uma Assembleia de Voto, para eleição dos representantes do Sindicato no Conselho de Imprensa.

Ao acto eleitoral concorrerão as listas que derem entrada nos Serviços do Sindicato até ao dia 23 de Abril, durante as horas de expediente (10 às 12.30 e das 14.30 às 18.30 horas), mediante protocolo ou carta registada com aviso de recepção.

As listas concorrentes deverão incluir o nome de novos sócios (seis efectivos e três suplentes), no pleno uso dos seus direitos, sendo quatro efectivos e dois suplentes de Lisboa e dois efectivos e um suplente do Porto.

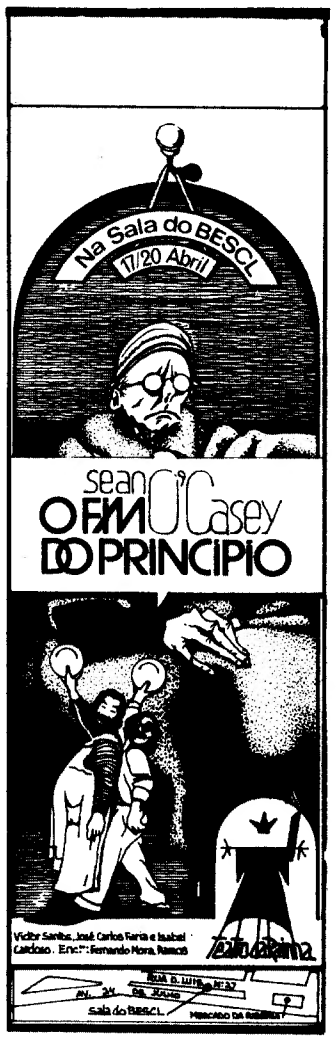
Além do documento com as assinaturas dos sócios proponentes, as listas deverão ser acompanhadas de uma declaração de aceitação de cada um dos propostos.

A eleição far-se-á por sufrágio secreto, mantendo-se as urnas abertas entre as 10 e as 20 horas do dia 28 de Abril de 1986, na sede do Sindicato – Rua dos Duques de Bragança, 7 – 2.º, em Lisboa e na sede da Delegação do Norte – Rua Conde Ferreira, 168 – 1.º, no Porto.

No dia 24 do corrente e após reunião com os representantes das listas candidatas, será distribuída uma informação com a composição das listas e quaisquer outras indicações consideradas de utilidade.

Lisboa, 16 de Abril de 1986

Pela Mesa da Assembleia Geral do
SINDICATO DOS JORNALISTAS
(Cesário Borga)
Presidente



EMPRESA DE SERVIÇOS SELECCIONA

CONTABILISTA

Experiência comprovada em empresa do Grupo A nomeadamente:

- **Registo de operações contabilísticas**
- **Controlo Financeiro**
- **Área administrativa**

Enviar «curriculum» profissional e académico ao n.º 17 403 deste jornal

EMPRESA DE SERVIÇOS SELECCIONA

TÉCNICO DE CONTAS

— **Experiência comprovada em empresas Grupo A**
— **Inscrição na D.G.C.I.**
— **Disponibilidade para deslocação ao estrangeiro**
— **Remuneração compatível**

Enviar «curriculum» profissional e académico ao n.º 17 402 deste jornal

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que por este Primeiro Juízo e Terceira Secção do Tribunal de Família da Comarca de Lisboa e nos Autos de Acção Especial de Divórcio Litigioso, com o n.º 5220, que o Autor — FERNANDO REIS DE SOUSA, residente na Rua Dr. António Martins, n.º 23-4.º Dt.º-Frente-Lisboa, move contra a Ré, sua mulher, MARIA HELENA RODRIGUES ALCÂNTARA, com última residência conhecida na Rua Dr. António Martins. n.º 23-4.º Dt.º Frente-Lisboa, presentemente ausente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando aquela Ré, para no prazo de VINTE DIAS, findos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado pelo Autor, que consiste em ser decretado o divórcio entre ambos, com o fundamento no Art.º 1779.º do Código Civil (e bem assim para no mesmo prazo, deduzir, querendo, oposição ao pedido formulado pelo Autor, no sentido de lhe ser concedido o benefício da assistência judiciária, com base na sua insuficiência económica).

O duplicado da respectiva petição inicial fica patente na Secretaria deste Tribunal à disposição da Ré.

Lisboa, 8 de Abril de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
as) Arlindo Oliveira Rocha

A ESCRIVÁ ADJUNTA,
as) Delfina Figueiredo dos Santos Silva

«DL» — 17/4/86 — 1.ª Pub.

Mário Soares confirma vogais de Eanes no Conselho Superior de Magistratura

Os dois vogais ao Conselho Superior de Magistratura que em Outubro de 1985 haviam sido nomeados por Ramalho Eanes para o representar naquele órgão judicial foram ontem confirmados no lugar pelo presidente da República, Mário Soares.

A confirmação foi feita pelo chefe do Estado no Palácio de Belém quando Almeida Borges e Almeida Simões se deslocaram à Presidência da República para «darem conhecimento da disponibilidade de funções», como disse o primeiro à saída da audiência com Soares. A confirmação dos dois magistrados deverá ser proximamente publicada no «Diário da República».

PR reúne Conselho de Estado

A primeira reunião do Conselho de Estado presidida por Mário Soares realiza-se no dia 22 de Abril com uma agenda de trabalhos «perfeitamente normal», disse ontem à NP uma fonte oficial. A mesma fonte acrescentou que é intenção do Presidente da República desdramatizar as reuniões do Conselho de Estado e não convocá-lo apenas quando há situações de crise.

Da ordem dos trabalhos da reunião do dia 22 consta apenas a aprovação da acta da reunião anterior e uma discussão sobre o modo de funcionamento deste órgão.

General Lemos Ferreira confessa

Fragatas só têm preço depois de construídas

O consórcio alemão-federal Meko vai comprar em Portugal 30 milhões de contos de produtos industriais, como contrapartida pela construção das três fragatas destinadas ao reequipamento da Armada portuguesa.

As negociações entre as autoridades portuguesas e o consórcio concluíram-se na semana passada e permitiram que os produtos a adquirir pelo grupo alemão se afastassem dos que são habitualmente objecto de exportação em Portugal - vinho derivados de tomate e têxteis - que têm mercado certo, abrangendo outros como os da indústria pesada.

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, em declarações à agência Anop revelou que a primeira fragata será entregue dentro de quatro anos, sendo as outras duas concluídas com intervalos de seis meses.

O mesmo oficial confessou ainda que não se sabe o preço por que ficarão aqueles navios. O custo total das fragatas não se pode prever com rigor, disse, por causa do aumento de preços que se verificará nos cinco anos do projecto.

António Macedo é novo director

"Acção Socialista" vai ter debates com os candidatos

António Macedo é o novo director da «Acção Socialista», o semanário do PS. O seu nome aparecerá no cabeçalho do jornal na próxima semana em substituição do de Alfredo Barroso, actual chefe da Casa Civil do Presidente da República.

António Macedo é o presidente do PS até ao congresso de Junho sendo depois substituído por Almeida Santos ou Manuel Tito de Morais, candidatos ao lugar.

O jornalista António Manuel assegura a edição da «Acção Socialista» como director adjunto em substituição de José Manuel dos Santos, chamado a Belém para assessor de Mário Soares nos assuntos culturais.

António Manuel é também o responsável pelo gabinete de Imprensa do PS e do Grupo Parlamentar socialista.

Debates

Jaime Gama e Vítor Constâncio concordaram em participar em um ou dois debates «em estilo de frente a frente» que serão posteriormente publicados no semanário do PS, anuncia hoje o «Acção Socialista».

O novo responsável pela elaboração do jornal, António Manuel, enviou cartas aos dois candidatos a sucessores de Mário Soares na liderança do PS nas quais propunha a realização dos debates com a sua participação ou de representantes seus.

O «Acção Socialista» publica cartas de Gama e Constâncio manifestando a sua concordância com a iniciativa.

Segundo o jornal, está prevista uma reunião com representantes dos dois candidatos para acertos de datas e outros pormenores.

JS já tem apoio

O conflito entre o PS e a sua organização de juventude — JS — provocado por dificuldades financeiras está aparentemente sanado, disse à NP o líder da JS, José Apolinário.

Um plano financeiro de emergência foi aprovado terça-feira à noite no decorrer de uma reunião entre o Secretariado Nacional da JS e a Comissão Permanente do PS.

«Isso contribui para o clima de desanuviamento», disse José Apolinário.

A JS tem dívidas acumuladas no valor de 2500 contos em consequência do não recebimento do subsídio mensal de 750 contos que o PS lhe dá.

As dívidas aos TLP já provocaram o corte dos telefones da sede de Lisboa da JS.

Cavaco Silva fez «charme» com emigrantes portugueses no consulado de Estugarda

"Marketing" pessoal

Cavaco regressou hoje

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva chegou a Lisboa ao fim da manhã, depois de uma deslocação de três dias à República Federal da Alemanha. Foi uma visita oficial exemplar, a primeira que o chefe do Governo faz desde que foi empossado neste cargo na sequência das eleições legislativas de 6 de Outubro passado.

E foi exemplar porque o Primeiro-Ministro saíu de Lisboa sem nenhum assunto na agenda, encontrou-se com políticos destacados sem quaisquer resultados práticos, oscilou na definição da política externa portuguesa e, finalmente, apenas conseguiu concretizar definições no campo da política económica interna e em contacto com os emigrantes portugueses.

A deslocação de Cavaco Silva foi essencialmente de «marketing» pessoal, para se promover à semelhança do que acontece no plano interno — o que foi repetidamente salientado pela sua comitiva. Elementos que acompanharam Cavaco Silva empolaram insistentemente a importância política de um discurso que o chefe do Governo iria proferir em Berlim, discurso que seria afinal, o momento crucial da sua passagem pela Alemanha.

Afinal, o discurso não passou de uma alocução em tudo semelhante à de outros políticos conservadores à beira do muro de Berlim.

Somente Cavaco Silva teve a originalidade — mas em improviso — de afirmar que acredita que «é possível partir o muro», isto para «levar a liberdade ao outro lado».

Noutras declarações e, nomeadamente, no discurso que proferiu no Palácio de Charlottenburg, Cavaco Silva defendeu concepções atlantistas, condenando a opção por terceiras vias neutralistas entre as duas superpotências. Num momento em que os países da CEE defenderam posições diferentes das americanas quanto ao conflito da Líbia, Cavaco Silva sustentou que a Europa «deve avançar na sua integração conjugando esforços com os Estados Unidos».

Ontem à tarde, no derradeiro acto da sua visita oficial, Cavaco disse aos emigrantes portugueses que dentro de um ou dois anos o escudo será uma moeda tão forte como a dos outros países da CEE e que brevemente será concretizada a regulamentação de contas de poupança crédito, cujas operações foram suspensas apenas para garantir o controlo de fraudes.

Entre o Parque Natural e a Região de Turismo

Agudizam-se as divergências sobre desenvolvimento da Estrela

O Plano de Desenvolvimento Integrado da Serra da Estrela abrangendo autarquias e organismos oficiais é ignorado pelo presidente da Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela (CRTSE), Alfredo Pinto da Silva. Segundo este declarou à Anop, o programa «não passou pela Região de Turismo».

Agudizam-se assim os problemas entre a Comissão Regional de Turismo e o Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), responsável pelo Plano de Desenvolvimento Integrado acima referido. São distanciamentos que não vêm de hoje, ao que parece, e contra os quais estão a maioria das Câmaras Municipais da área, segundo uma fonte contactada esta manhã pelo «DL». A mesma fonte disse haver muita neve na serra e cada vez serem mais os excursionistas que a visitam.

Alfredo Pinto da Silva disse, a propósito desse programa anunciado numa reunião promovida pelo Parque Natural da Serra da Estrela, que a Comissão de Turismo «não foi convidada para ela». Entretanto, na área do Parque Natural da Serra da Estrela, há quem conteste o seu presidente, Carlos Gonçalves. «A Câmaras Municipais acusam o Parque Natural de imobilismo, salvando-se apenas a dinamização que está a ser feita pelo sociólogo Alberto Martinho, do Sabugueiro», disse uma fonte da Serra da Estrela ao nosso jornal.

Por seu turno, Alfredo Pinto da Silva disse esperar que o Parque Natural comunique à Região de Turismo quais os seus projectos «já que a CRTSE tem comunicado ao parque todos os seus projectos e planos num espírito de colaboração mútua».

Classificou ainda os dois organismos como essenciais ao desenvolvimento da Região da Serra da Estrela.

Sobre o Plano de Desenvolvimento, acrescentou que o cordenador do PNSE chegou a solicitar à Região de Turismo, uma reunião para abordarem o referido documento, vindo posteriormente a ser anulada pelo responsável do Parque Natural.

Participaram na elaboração do projecto as autarquias englobadas pela associação de Municípios do Alto Mondego — Serra da Estrela, Comissão de Coordenação da Região Centro, Direcção-Geral da Agricultura, Instituto Financeiro para Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas (IFADAP) e Parque Natural da Serra da Estrela.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Campo dos Mártires da Pátria, 91
1198 – Lisboa Codex

(ANÚNCIO)

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-2-013/86
FORNECIMENTO DE DETERGENTES DESINFECTANTES BACTERICIDAS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 9 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 10 de Abril de 1986.

O CHEFE DO SERVIÇO
Ilídio Luís de Sousa

III Conferência Nacional no fim-de-semana

Ensino Superior em busca de solução condigna

O Ensino Superior é uma questão nacional — eis um juízo que nenhum cidadão deve ignorar. E isso porque o sistema educativo nacional, instrumento fundamental para a realização das funções sociais que estão associadas à Educação, Ciência e Cultura, constitui uma pirâmide na qual o Ensino Superior ocupa o ponto mais elevado.

Ora é óbvio que incumbe constitucionalmente ao Estado, através do sistema educativo, promover a democratização da educação, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.

O lugar ocupado pelo Ensino Superior no sistema educativo, acentua a JCP no documento preparatório da II Conferência Nacional do Ensino Superior, a efectuar nos dias 19 e 20 do corrente mês de Abril, no ISCTE, «confere-lhe especiais responsabilidades sociais. Evidentemente que ninguém pode duvidar que a sua posição na sociedade portuguesa, o impacto científico e cultural da sua actividade, assumem um papel nacional que transcende em muito o seu próprio âmbito, tornando qualquer questão universitária, uma questão nacional.

Acontece, porém, que o Ensino Superior atravessa uma situação de crise, cujo prolongamento e agravamento acelerado põem em causa o seu funcionamento normal, inviabilizando a prossecução das suas funções sociais. «Encontra-se à beira, lembram os organizadores da Conferência, de uma situação de ruptura funcional.»

A quem atribuir esta situação de ruptura?

Pode dizer-se, sem qualquer espécie de demagogia, que a crise do Ensino Superior «tem as suas causas no plano da política nacional». E porquê? Porque a situação de ruptura que atravessa «é o resultado directo e natural de uma política contrária aos imperativos constitucionais e aos interesses nacionais, que se reflecte negativamente em todos os sectores da vida e com especial gravidade no funcionamento das instituições de interesse colectivo.»

Imiscuindo-se na questão, afirma a JCP que «o Governo do PSD / Cavaco Silva, partido ao qual cabem as maiores responsabilidades na direcção do Ministério da Educação ao longo destes anos, não dá quaisquer garantias de alterar positivamente a situação actual, mas antes patenteia as suas intenções de continuar a execução dos planos de destruição nacional dos seus antecessores, ocultados sob enormes doses de demagogia que a conjuntural situação financeira vai permitindo.»

Na opinião dos organizadores da Conferência, «as provas dadas pelo ministro João de Deus Pinheiro ao serviço do governo PS / PSD demonstram a sua falta de vontade política de resolver os grandes problemas que se colocam ao Ensino Superior.»

É verdade que mudou o Governo, «mas permaneceu o ministro». E tal significa que «ficaram os problemas e a mesma falta de vontade». Razões que levam, pois, à realização da III Conferência Nacional do Ensino Superior: encontrar uma solução condigna. E isso porque «o programa do Governo PSD para a Educação não responde a nenhum dos problemas mais graves que se colocam ao Ensino Superior.»

Medidas para reduzir desemprego de licenciados

O secretário de Estado do Ensino Superior vai sugerir às universidades clássicas a criação de disciplinas que facilitem a profissionalização dos licenciados no desemprego — informou uma comissão de licenciados em História.

Na sequência de um encontro mantido com aquele membro do Governo, a «comissão de licenciados em História no desemprego», afirma, em comunicado, que a redução do «numerus clausus» foi outra das suas reivindicações acolhidas pelo secretário de Estado, Fernando Real.

O secretário de Estado do Ensino Superior vai também oficiar os reitores das universidades clássicas no sentido da «reconversão do curso de História noutros similares, concretamente a Geografia».

A criação de uma disciplina de Educação Cívica no ensino secundário como alternativa à frequência de Religião e Moral, é outra das sugestões a apresentar pelo secretário de Estado, de acordo com a informação da comissão de licenciados.

Para apresentação dos seus problemas, que afirmam afectar «quase 4000 licenciados no desemprego», foram também recebidos pela presidente da Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

A comissão de licenciados refere que «a presidente da associação afirmou categoricamente existirem muitas vagas naquele ramo» e adiantou que «os concursos são apenas a nível interno», aconselhando os licenciados no desemprego «a fazer pressão para que tais vagas sejam abertas a pessoas sem vínculo».

Professores em França

Fenprof solicita intervenção do PR

A Federação Nacional dos Professores solicitou a intervenção do Presidente da República para o problema de cinquenta professores de português em França que vão ficar no desemprego a partir de Agosto.

A maioria daqueles professores lecciona a língua portuguesa em França há mais de dez anos.

O seu problema é consequência de um despacho de 28 de Fevereiro que exclui para o próximo ano lectivo os professores contratados sem habilitação própria.

Segundo o secretário-geral da FENPROF, António Teodoro «houve quebra por parte do Ministério de Educação, de um acordo feito há três anos no sentido dos professores completarem as habilitações».

António Teodoro disse que em 11 de Abril foi apresentado o problema à comissão de educação, que por unanimidade deu razão aos professores e afirmou ir pedir a comparência do ministro da Educação na Assembleia da República.

Um representante de uma delegação dos professores em França que se encontra em Lisboa, disse à NP que a maior parte daqueles professores contratados possui já as habilitações exigidas, embora alguns cursos não estejam ainda reconhecidos, porque foram tirados em universidades estrangeiras.

Seminário europeu de Associação de Pais no Estoril

«A Europa no coração dos nossos filhos» é o tema em debate no seminário europeu das associações de pais que se realiza nos dias 20 e 21, no Estoril.

Aquele tema genérico subdivide-se na análise do papel das associações de pais na definição da política educativa e da relação família-escola nos países da comunidade.

Participam no encontro representantes das confederações das associações de pais dos países da comunidade e, entre as individualidades que deverão estar presentes, contam-se a presente da Confederação Nacional das Associações de Pais, Maria Botelho, professor A. Macbeth, da Universidade de Glasgow e o professor Jean Scheret, presidente da Confederação das Associações de Pais franceses. Prevê-se que Lucas Pires e António Rebelo de Sousa façam também intervenções.

O Seminário integra-se no XI Encontro Nacional das Associações de Pais que também se realiza no Estoril, a 19 e 20 de Abril.

Uma lei de Bases vai ser reclamada como condição para que a família, a escola e a sociedade vejam definidos os seus papéis no sistema educativo.

A família e o processo educativo, a escola e a forma de reduzir o insucesso escolar são subtemas agendados para discussão.

No decorrer da 102.ª sessão do julgamento de Monsanto

Réu diz que esta PJ é uma tristeza

«Se quero responder? Claro que quero. Lamento é só poder fazê-lo agora, dois anos depois de ter sido preso sem saber porquê» — disse ontem Hélio Salgueiro ao responder à pergunta sacramental que o juiz-presidente do Tribunal de Monsanto sempre faz ao réu que vai começar a depor.

Comerciante de vidros, na Marinha Grande, 33 anos de idade, detido desde 21 de Agosto de 84 como presumível elemento das FP-25, Hélio Salgueiro é descrito na acusação como «elemento de ligação entre várias componentes do Projecto Global». Ontem, no entanto, com voz firme, o réu afirmou desconhecer 'totalmente' tal Projecto até à data da sua detenção e acrescentou com alguma graça:

«O meu projecto global é a minha vida de comerciante. Tratabalhava de segunda-feira a segunda-feira, sete dias por semana, sem domingos nem feriados. Fazia sete a oito mil quilómetros por mês ao serviço da minha pequena firma. Era-me impossível ter qualquer actividade política».

Na sequência o réu declarou não ter tido nunca qualquer intervenção na OUT e na FUP — e foi então a altura do juiz-presidente observar:

«Mas foi candidato pela FUP em 1980...»

Sem se perturbar, Hélio Salgueiro retorquiu:

«Pediram-me para ser candidato e não tive nenhum problema. Dei o nome. Se o PS, o PCP ou a UDP me tivessem convidado teria dado a mesma resposta».

Hélio Salgueiro acrescentou ainda ter estado filiado pouco tempo no PCP e ter colaborado pontualmente com vários partidos «à esquerda do PS».

A Polícia é uma tristeza

Grande parte das perguntas feitas no Tribunal a Hélio Salgueiro incidiram sobre a carta por si enviada a Otelo a acompanhar uma informação a este prestada pelo agora declarante Fernando Santos Mendes, também da Marinha Grande, sobre um indivíduo de apelido Santiago.

Segundo a acusação, este Santiago seria o militante do Projecto Global de pseudónimo «Duarte», que, depois de 'recuado' no País Basco, viria a ser objecto de vivas polémicas, ameaças e projectos de expulsão da organização por não cumprir normas conspirativas.

Hélio Salgueiro explicou os seus contactos com Otelo: como comerciante de vidros e na sequência de um negócio com Cabo Verde que correu 'o pior possível', recorreu ao tenente-coronel, através de um amigo, para que lhe conseguisse uma reunião na Embaixada daquele país africano. Otelo atendeu-o o melhor possível e em troca solicitou-lhe que obtivesse do Fernando Mendes, a residir igualmente na Marinha Grande, uma informação por escrito sobre o tal Santiago.

«Peça-lhe isto da minha parte que ele sabe do que se trata» — terá dito Otelo a Hélio Salgueiro, na versão deste, claro, que assim fez. Mais tarde, recebida a resposta por escrito, enviou-a por correio a Otelo, sem conhecer o seu conteúdo.

«Nunca imaginei que uma carta que enviei ao tenente-coronel Otelo me viesse a trazer tantos problemas» — desabafou a certa altura.

Hélio Salgueiro, noutro passo das suas declarações, desmentiu — como já aconteceu com outros réus — as afirmações de Macedo Correia, que classificou como «anedotas».

«Nunca o conheci de lado nenhum, e só aqui, no Tribunal, o vi, e mesmo assim de costas (dada a topografia da sala), nunca de frente».

Por outro lado, o réu afirmou também não lhe pertencerem alguns dos documentos que figuram no processo como tendo sido apreendidos em sua casa.

«A Polícia Judiciária desmanchou o «dossier» onde tinha arquivado comunicados de vários partidos, até do ELP e do CDS, que costumava guardar' — disse, comentando de seguida:

«É uma tristeza a polícia que temos».

Hélio Salgueiro continuará a ser ouvido esta tarde em Monsanto, estando igualmente convocado o réu Lídio Manuel da Silva Galinho.

Indeferimento

No início da sessão de ontem o juiz-presidente indeferiu a libertação provisória do réu Frederico Benjamim, pedida na véspera pelo respectivo defensor.

Segundo o Tribunal, a liberdade provisória «não é admissível» relativamente ao crime por que o réu está pronunciado (associação terrorista).

«Mantêm-se inalteráveis os pressupostos da prisão preventiva» de Frederico Benjamim, detido desde 21 de Agosto de 84, e «não foram trazidos quaisquer elementos que determinem a alteração da situação» — considerou o tribunal.

A acusação feita a Frederico Benjamim baseia-se nas declarações do seu co-réu «arrependido» Alexandre Figueira.

Vigília de solidariedade

Diversas organizações promovem uma vigília de solidariedade a Otelo Saraiva de Carvalho na noite de 24 para 25 de Abril junto ao Forte de Caxias — informou o Secretariado para apoio a Otelo.

As organizações que promovem a vigília — e que explicarão as razões da iniciativa em conferência de Imprensa marcada para dia 21 — são a Comissão Contra a Injustiça e Repressão Políticas (CIRP), Solidariedade contra a Repressão (SCR), Comissão de Familiares dos Presos Políticos (CFCPP) e o próprio Secretariado para o apoio a Otelo.

O Partido Socialista Revolucionário, a UDP e a FUT, entre outras formações políticas, declararam já aderir à iniciativa, que tem a solidariedade manifesta de dezenas de intelectuais e políticos, como é o caso de José Afonso, Lindley Cintra, Vasco da Gama Fernandes, Augusto Abelaira, Melo Antunes, Aquilino Ribeiro Machado, Emidio Santana, Baptista Bastos, Irene Cruz e Regina Louro.

Resposta ao Provedor de Justiça

PSP de Coimbra diz que não agride cidadãos

O comandante distrital da PSP de Coimbra, Pereira Brás, disse que «não se registaram casos de agressões a cidadãos nas esquadras de Coimbra nos últimos anos».

Interrogado por um jornalista da Anop, Pereira Brás escusou-se a comentar o relatório divulgado pelo provedor de Justiça sobre casos de agressões a cidadãos alegando não estar habilitado pelo comando.

«Não estou habilitado pelo comando para fazer comentários sobre esse assunto», afirmou.

Em conferência de Imprensa, Pereira Brás refutou a existência de retaliações neste comando distrital sobre membros da Associação pró-Sindical da PSP salientando: «Não permitimos actividades sindicais no comando porque a Associação não tem existência legal. Para além disso não há mais nada».

Nesta reunião foi divulgada a actividade da PSP durante o primeiro trimestre de 1986.

O aumento da delinquência juvenil no primeiro trimestre de 1986 relativamente a anos anteriores, é uma das principais conclusões do relatório apresentado pela PSP.

O comandante da corporação, Pereira Brás, atribuiu o recrudescimento da delinquência juvenil aos vários casos de fugas de menores da Tutoria de Coimbra ocorridos no início do ano.

Pereira Brás disse também que o comando distrital de Coimbra continua a debater-se com falta de efectivos policiais sublinhando que os agentes que vão entrar este ano não compensam os que se aposentam.

Por seu lado, o comandante da PSP de Setúbal informa que a criminalidade aumentou globalmente no primeiro trimestre de 1986 nas áreas urbanas daquele distrito.

O comandante da PSP de Setúbal em declarações à Imprensa afirmou que o agravamento da criminalidade se verificou com mais incidência «nos furtos em residências e a objectos do interior de viaturas».

«Nos furtos a pessoas mantêm-se os níveis registados em igual período do ano anterior e s furtos as estabelecimentos revelam melhoria, sendo Almada e Barreiro as zonas mais atingidas», disse o major José Oliveira.

O comandante da PSP disse também que se verificou um agravamento da criminalidade no campo da delinquência juvenil, particularmente em Setúbal, Montijo e Barreiro.

A PSP de Setúbal capturou e deteve 342 pessoas de Janeiro a Março de 1986, o que representa um número superior ao primeiro trimestre de 1985, disse.

A maior percentagem de detenções refere-se a autores de crimes de furto, roubo e arrombamento, seguindo-se a detenção por condução ilegal, desobediência, injúrias ou agressão a agentes.

O major José Oliveira disse que sete por cento das detenções ocorreram por consumo e posse de droga.

Segundo a PSP, as localidades de Setúbal, Barreiro e Almada são as zonas que registam maior índice de criminalidade no distrito.

NOTARIADO PORTUGUÊS

14.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

– Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 8 de Abril do ano em curso, lavrada de folhas 68 a folhas 71 verso do livro de notas 87-D, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá nos termos dos artigos constantes da respectiva fotocópia, que se compõe de seis folhas, e vai conforme ao original na parte reproduzida, nada havendo na dita escritura que amplie, restrinja, ou condicione, quanto se reproduz ou narra.

– Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial aos nove de Abril de mil novecentos oitenta e seis.

ART.º 1.º

A sociedade adopta a denominação de «ARTEFÍCIO, SOCIEDADE INTERNACIONAL DE DESIGN, LIMITADA» tem a sua sede em Lisboa, na Rua de Xabregas, números dois a quatro, piso dois, número duzentos e treze, freguesia do Beato, e poderá abrir sucursais ou agências em qualquer parte onde se julgue conveniente.

ART.º 2.º

O objecto da sociedade é efectuar estudos de «design» e comercializá-los, bem como executar ou mandar executar e comercializar as peças ou outro produto resultante dos referidos estudos.

ART.º 3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, com início nesta data.

ART.º 4.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores é de um milhão de escudos e está representado e dividido em sete quotas, quatro do valor nominal de cem mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios Laura Manuela Martins Rocha dos Santos, José Eduardo Ferreira da Silva Gomes Pereira, José Hartvig de Freitas e Ana Hartvig Sorensen de Freitas, e três do valor nominal de duzentos mil escudos cada, pertencentes uma a cada um dos sócios Ana Cristina Rocha dos Santos de Sousa Rodo, Anabela Gomes de Campos e Cláudia Rocha dos Santos de Sousa Rodo.

ART.º 5.º

Poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital até duas vezes o capital social, quando deliberado por todos os sócios em assembleia geral, podendo ainda ser admitidos suprimentos de qualquer sócio, devendo a assembleia geral deliberar sobre o vencimento de juros e seu montante.

ART.º 6.º

Um. A cessão onerosa de quotas, total ou parcial, não poderá efectuar-se sem que a quota, ou a parte da quota alienanda seja oferecida em primeiro lugar à sociedade e em segundo lugar a cada um dos sócios.

Dois. A oferta será feita em carta registada com aviso de recepção, na qual se indiquem o preço da cessão e o promitente cessionário, devendo o ofertante aguardar por quinze dias a resposta da sociedade, ou, se esta não responder ou o fizer negativamente, a resposta de todos os sócios.

Três. A aquisição da quota poderá ser feita pelo preço estabelecido pelo proponente, ou nos termos do número seguinte, devendo, no caso de desinteresse da sociedade mas de mais de um sócio pretender a sua aquisição, ser dividida entre eles, na proporção do valor das respectivas quotas ou nos termos por eles acordados.

Quatro. Se os preferentes não concordarem com o preço indicado pelo ofertante e este persistir em vender, o preço da cessão será a importância que proporcionalmente corresponder à quota, em conformidade com o último balanço aprovado.

ART.º 7.º

Não poderão os sócios constituir outras sociedades com o mesmo objecto social, nem trabalhar para outras sociedades afins, sem a aprovação de setenta e cinco por cento do capital social.

ART.º 8.º

Poderá a sociedade amortizar a quota de qualquer dos sócios nos casos seguintes:

a) Por acordo entre a sociedade e o sócios;

b) Quando qualquer dos sócios ceder ou dividir a sua quota sem autorização da sociedade;

c) Sempre que um sócio pretenda alienar a sua quota e esta não seja pretendida pela sociedade ou pelos outros sócios, nos termos do artigo sexto;

d) Sempre que qualquer quota seja, total ou parcialmente, objecto de acto judicial que a retire da posse ou propriedade do titular.

§ 1.º A amortização da quota, nos casos previstos neste artigo, será sempre feita pelo seu valor nominal, com excepção da situação prevista na alínea c), pois aqui o valor da amortização será calculado nos termos do artigo sexto do pacto social.

ART.º 9.º

UM. Os gerentes serão eleitos em assembleia geral e exercerão as suas funções com dispensa de caução e sem qualquer remuneração, a não ser que a assembleia geral vote nesse sentido.

DOIS. A sociedade obriga-se, nos actos de mero expediente, com a intervenção de qualquer gerente, e, nos demais, com a intervenção de dois sócios gerentes.

Ficam, desde já, nomeados gerentes, Laura Manuela Martins Rocha dos Santos, José Eduardo Ferreira da Silva Gomes Pereira e Ana Hartvig Sorensen de Freitas.

ART.º 10.º

Os lucros líquidos comprovados pelo balanço de cada exercício, depois de feitas as amortizações, reintegrações e provisões julgadas convenientes, terão a seguinte aplicação:

a) cinco por cento para reserva legal, enquanto não estiver realizada ou for necessário reintegrá-la.

b) A percentagem que for deliberada para a constituição de outros fundos.

c) O restante para ser distribuído pelos sócios, na proporção das suas respectivas quotas.

ART.º 11.º

As assembleias gerais serão convocadas por carta registada, com oito dias de antecedência, ou por convocação directa e pessoal a cada um dos sócios, devidamente documentada quanto à respectiva tomada de conhecimento.

ART.º 12.º

A alienação de quaisquer bens imóveis e exclusivamente estes, de que a sociedade seja titular, somente é válida e possível mediante deliberação da assembleia geral obtida por uma maioria mínima de setenta e cinco por cento do capital.

ART.º 13.º

Fica vedado aos gerentes em nome da sociedade a concessão de avales, fianças ou quaisquer outras garantias.

DL – 17/4/86

Aumento da criminalidade em Portugal não tem relação com Código Penal

— afirma o director do Centro de Estudos Judiciários

O Código Penal Português, de 1 de Janeiro de 1983, introduziu alterações legislativas que directamente nada têm a ver com o aumento da criminalidade em Portugal, disse à Anop, Laborinho Lúcio, director do Centro de Estudos Judiciários.

Laborinho Lúcio disse que o aumento da criminalidade que se tem verificado em Portugal nos últimos anos, sobretudo nos crimes contra a propriedade «não são uma consequência directa» do novo Código Penal «nem do seu conteúdo».

As principais alterações ao Código Penal anterior, que vigorou de 1886 até 1983, ocorreram no domínio da aplicação de penas e sistemas alternativos à pena de prisão.

Elaborado «na linha do que foi a evolução da generalidade das legislações penais europeias, o Código Penal Português é mais avançado do que algumas delas, que ainda agora se estão a adaptar à nova filosofia, como por exemplo, a França», disse.

Laborinho Lúcio explicou as inovações do Código Penal Português relativamente aos seus congéneres europeus «pelo conjunto de medidas alternativas à pena de prisão e também pelo poder de intervenção que concede ao julgador, no sentido de individualizar mais profundamente cada caso sujeito a julgamento».

O director do Centro de Estudos Judiciários disse que o actual Código Penal pressupõe uma aplicação «não exclusivamente» jurídica, mas «relacionada com a sociologia, psicologia, psiquiatria e outras ciências», que contribuem para o estudo do direito criminal.

O Centro de Estudos Judiciários vai realizar de 21 a 25 de Abril um curso internacional de criminologia, em que cerca de 50 participantes portugueses e estrangeiros vão debater «o direito penal em acção numa sociedade em evolução».

Os subtemas são «as políticas legislativas penais: perspectivas europeias», pelo professor Pierre Bolle «as sanções penais clássicas e alternativas nas políticas criminais europeias», por Henri Kerner, da Universidade de Heidelberg e «o contributo das Ciências Humanas na elaboração e aplicação do conceito de responsabilidade penal), por Figueiredo Dias, da Universidade de Coimbra.

«A prevenção social e o sistema penal», por Eliana Gersão directora do Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do CEJ, será o tema do último dia do curso, que suscitou «grande interesse aos participantes estrangeiros que têm de novo em reapreciação a sua própria leigislação penal», disse Laborinho Lúcio.

Interrogado sobre a necessidade de realização de um novo Código de Processo Penal, já apresentado pelo Governo à Assembleia da República e em discussão nas comissões especializadas, director do CEJ disse que «o anterior sofreu tantas alterações ao longo dos anos que está desajustado da realidade».

Adaptar

«A realização de um novo Códio Penal, não justifica só por si a alteração do Código de Processo Penal», disse. «Neste momento, o que interessa, é adaptar o Código de Processo Penal à filosofia que presidiu à elaboração do Código Penal e que permita, por exemplo, uma maior rapidez na conclusão dos processos».

O director do CEJ explicou que o Código de Processo Penal «é um conjunto de regras indispensáveis ao funcionamento das instituições que têm por missão aplicar o Código Penal e a legislação penal em geral».

Referindo a oposição de vários sectores de opinião ao Código Penal de 1983, Laborinho Lúcio disse que as «pessoas pensam erradamente que o novo Código Penal é muito aberto e que veio introduzir reduções nas penas de prisão muito significativas».

«De uma maneira geral, o máximo de penas previstas no novo Código Penal é inferior ao mesmo limite do Código Penal de 1886. As penas concretas aplicadas situam-se em níveis semelhantes porque a experiência da aplicação do velho código já nos dizia que os limites máximos nunca eram atingidos», disse Laborinho Lúcio.

A actual legislação penal prevê penas «que não cabiam no Código de 1886, como por exemplo, o regime de prova, de semidetenção, de prisão por dias livres e de admoestação, que são medidas susceptíveis de serem aplicadas em julgamento, e que vem permitir ao tribunal ter várias alternativas para encontrar a solução indiividual e socialmente mais adequada».

Do anterior Código Penal mantiveram-se as penas de prisão, multa e o instituto da suspensão da pena. As penas actualmente em vigor podem varia entre um mês de prisão e 20 anos.

«Há ainda a hipótese de redução extraordinária abaixo do mês de prisão e a possibilidade teórica máxima de pena de prisão até 25 anos», acrescentou o director do Centro de Estudos Judiciários.

O CEJ é um departamento dependente do Ministério da Justiça cuja função é a formação de magistrados.

Laborinho Lúcio disse ainda que um dos objectivos do Curso Internacional de Criminologia é a apreciação da vigência de três anos do novo Código Penal e a verificação da eficácia das medidas por ele indicadas.

O ministro da Justiça preside à sessão de abertura do curso, no dia 21 de Abril.

Engenho explode à porta do PCP de Ponta Delgada

Um engenho explosivo de fraca potência rebentou no fim do dia de ontem à porta da sede do Partido Comunista, em Ponta Delgada — soube hoje a NP.

A bomba, de fabrico artesanal, foi colocada por um indivíduo num pequeno orifício feito na porta do edifício, tendo sido depois ateado o rastilho.

Testemunhas disseram que o autor do atentado fugiu numa carrinha, onde se encontravam outros indivíduos, cujo número não conseguiram determinar.

Os estragos causados pela deflagração do engenho são reduzidos e os nove militantes comunistas que se encontravam na sede não foram atingidos.

O PCP considerou o atentado uma «provocação» que, segundo afirma, «resulta da instabilidade interna e institucional motivada pela substituição do ministro da República para os Açores».

Pescador desapareceu próximo de Alzejur

Uma embarcação de pesca artesanal deu à costa cerca das 17h00 de ontem no lugar de Pipa, no concelho de Aljezur.

A embarcação, pertencente a António Alves Pacheco, 65 anos, tinha saído para o mar juntamente com outras oito embarcações.

Cerca das 12h00, quando todos já tinham regressado da faina, foi considerado anormal o não regresso de António Pacheco.

Encetada a busca localizou-se o barco naufragado mas não foi encontrado o seu tripulante, presumindo-se que tenha sido tragado pelas águas.

Pescadores disseram que o facto terá ficado a dever-se a «acidente de trabalho», uma vez que o mar estava calmo.

Neve afecta o trânsito na serra da Estrela

As estradas de Piornos, Torre e Sabugueiro, na serra da Estrela, mantêm-se cortadas ao trânsito devido à queda de neve – informou o Centro de Limpeza de Neve.

Também na cidade da Guarda tem sido frequente, ao longo do dia de ontem, a queda de neve e aguaceiros.

O trânsito rodoviário em toda a restante área do distrito da Guarda está a processar-se normalmente.

Diz que não sabia o que era

Alemão responde em Odemira por plantar liamba

O julgamento do alemão Peter Huhn, acusado de possuir uma plantação de liamba, na sua quinta perto de Odemira, teve ontem início e continua hoje com uma visita dos juízes, réu e diversas testemunhas àquela propriedade.

Durante o julgamento, Peter Huhn afirmou que, em 1983, quando semeou pela primeira vez as plantas de liamba, não sabia do que se tratava.

Posteriormente, disse, veio a descobrir «através da consulta de diversos livros na Alemanha», que se tratava realmente de cannabis, planta utilizada para o fabrico de diversos estupefacientes.

Interrogado sobre a finalidade da plantação dos pés de cannabis, planta utilizada para o fabrico de diversos estupefacientes.

Interrogado sobre a finalidade da plantação dos pés de Cannabis, o réu alegou tratar-se de planta «muito bonitas» e de, graças às suas dimensões, pretender também fazer com elas «vedações» e «dar sombra» em certos locais da sua quinta.

Esta versão viria no entanto a ser contestada pelo cabo da Guarda Fiscal que descobriu as plantas.

Segundo esta testemunha de acusação, a plantação, em filas alinhadas, de grande parte dos pés de cannabis, indicaria que a sua utilidade não era a de fazer sombra.

O réu negou também que a sua quinta se situasse em local isolado, ou de difícil acesso, alegando assim não pretender esconder nada.

Negou ainda qualquer intenção de vender as plantas de cannabis.

Peter Huhn, 42 anos, foi preso em Agosto de 1985, quando alguns elementos da Guarda Fiscal detectaram na sua propriedade 102 pés de 0lantas de liamba adultas e 330 em viveiro.

O réu comprou a quinta, situada em Montosinho, concelho de Odemira, em 1981, afirmando residir nela durante parte do ano, e no outro período na Alemanha Federal.

Motorizadas: causa principal das mortes na estrada

O maior número de mortos e de traumatizados por acidentes nas estradas portuguesas é provocado pelas motorizadas, foi ontem revelado no Porto durante a abertura das Quartas Jornadas Ortopédicas.

Promovidas pelo Serviço de Ortopedia do Hospital de S. Juão do Porto, o encontro conta com a presença de especialistas de renome internacional e de mais de uma centena de médicos portugueses de todas as regiões do País.

O especialista José Oliveira, no decorrer da sessão de abertura, revelou que «a traumatologia cresce em número que continua a preocupar todos os responsáveis».

«Multiplicam-se as normas e regras de condução, impõem-se medidas de protecção no trabalho, combate-se e condena-se o alcoolismo, mas, mesmo assim, continua a crescer o número de acidentes e a aumentar o número de mortos ou de mutilados graves», lamentou.

José Oliveira revelou ainda que só no bloco de Ortopedia e Traumatologia do Hospital de São João, no Porto, são operados por mês cerca de 170 doentes, com uma média de internamento pelo serviço de urgência de 10 a 12 doentes por dia.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

— É o que eu te digo! — *afirmava o meu amigo Tomé, nacionalista dos quatro costados, enquanto, com lentos movimentos de ritual, mexia a colher na «bica» escura* — **O espírito heróico dos portugueses não morreu: mantém-se de pé e digno dos avós.**

Quando engata, ninguém o segura. Temos para uma tarde ou para uma noite. É um erudito, ou seja, um fofoqueiro de nomes e datas, um «vá pelos seus dedos» das páginas amarelecidas.

Aí começa ele, sob o «doping» da cafeína, a recordar nomes e factos. Lidador, o fronteiro de Beja, estás a ver? Estava na frente da nacionalidade, guardava os limites, é um acto puro da consciência nacional.

Veja-se o alferes Duarte de Almeida o toco da bandeira seguro entre os dentes, sem braços, a esvair-se em sangue, decepado todo menos no moral.

Este não deve ser glorificado por ser português, mas por ser homem e nada mais do que homem.

E o povo de Lisboa, antes querendo morrer de fome que render-se aos castelhanos? E o povo de Almada, a resistir à tortura da sede, com a água de todos os poços envenenada?

— Ò Tomé, mas onde queres tu chegar?

— Então tu não vês que estamos todos nós condicionados ou, falando modernamente, *programados* **para o antigo, para o passado, para o que já não há? Para o que já houve? Para o que morreu?**

— E não morreu?

— Claro que não, homem, valha-te Deus! O heroísmo é que mudou de sinal, cada época tem o seu heroísmo próprio. Ora repara...

Desdobrou um jornal.

Fotografia de jogadores de futebol. Legenda: **os onze heróis da Alemanha.**

Desdobrou outro jornal: **Em preparação a gesta do nosso tempo: o México-86...**

Tomé tem razão. Vivemos uma época exaltante!

Estamos escrevendo páginas gloriosas. Camões, Camões, quando é que ressuscitas?

Situação é cíclica

Preços da cebola sobem em flecha

Ciclicamente a situação repete-se: no período final da comercialização da produção da cebola, quando se espera para breve o aparecimento nos mercados da do ano, o preço daquele produto hortícula sobe em flecha. E, se há três semanas, nos grossistas, o quilo da cebola andava pelos 30 escudos, o seu preço oscila agora entre os 65 e os 75 escudos, e chega à mesa do consumidor a, pelo menos, 90 escudos.

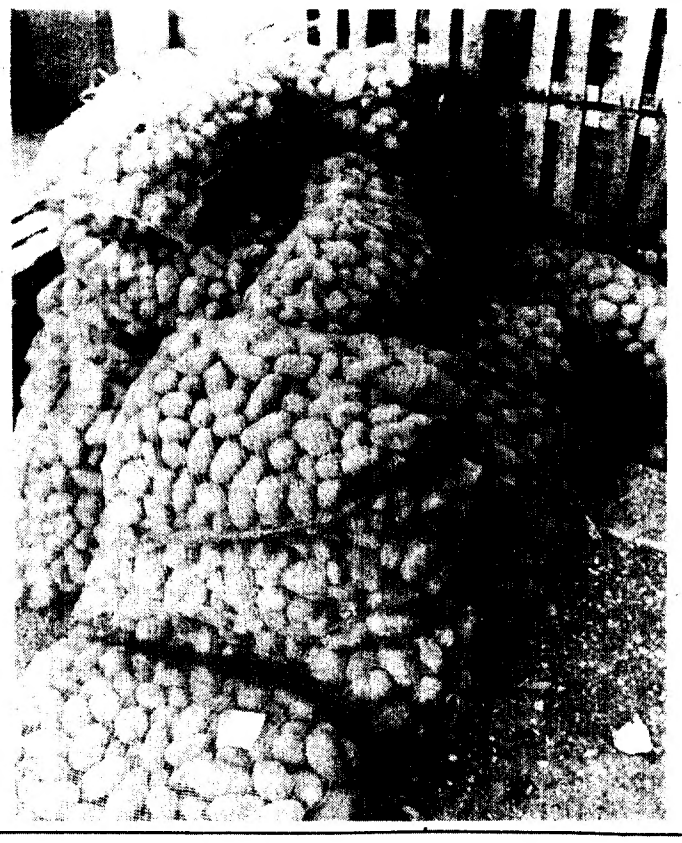
«O preço da cebola começou a subir há três semanas» relata ao «DL» Albino Pardal, há mais de 20 anos dedicado à venda grossista de produtos hortículas. Por isso é com naturalidade que constata os súbitos aumentos de preço: «Neste País tem que ser assim, porque não há estruturas, não há garantias de preço».

A cebola que se encontrava ensacada no Mercado da Ribeira, na Avenida 24 de Julho, é na sua maioria de origem nacional, da zona da Póvoa de Varzim, conhecida como cebola de Barcelos. «Todos os anos, nesta altura, só se arranja cebola de lá e por isso ela aumenta até aparecer a nova», comenta Fernando Silva, outro dos grossistas com banca naquele mercado.

No entanto, apesar da subida de preço, Albino Pardal tem uma teoria muito própria: «vende-se mais cebola, agora, porque as pessoas gostam de comprar caro...» Não nos foi possível confirmar esta tese junto dos retalhistas, mas os preços a que a cebola chega ao consumidor não serão os mais convidativos ao consumo.

Esta situação poderá, no entanto, vir a ser alterada. Por um lado, a nova produção — a «cebola nova» — virá a reforçar a oferta do mercado, baixando os preços, prevendo-se que este movimento tenha algum significado a partir do final do corrente mês.

Por outro, espera-se para os próximos dias o efeito da importação das cebolas holandesas que, paradoxalmente, são mais baratas que as nacionais. Contudo, nem tudo é claro, e se o tabelamento é de 31$50, no Mercado da Ribeira o preço das «importadas» é de 40 escudos. «A cebola importada é a 31$50 só no papel, mas há quem a venda a 40 escudos o quilo», sublinha Albino Pardal.



Batata importada contra a especulação

O Governo decidiu autorizar a importação de batata ao preço de referência de 18.50 escudos, tendo em vista uma regularização do mercado. A importação destina-se, também, «a evitar movimentos especulativos de preços no mercado».

Desde o início de Março, o preço da batata tem registado «uma tendência muito clara de subida» nos mercados grossistas de Lisboa e do Porto e verificam-se actualmente dificuldades no seu aprovisionamento, disse uma fonte do Serviço de Informação dos Mercados Agrícolas (SIMA) contactada pela Anop.

Na primeira semana de Março, o preço por grosso da batata oscilava entre 13 e 15 escudos, acrescentou. Hoje, o custo da batata situa-se entre 23 e 25 escudos no mercado grossista do Porto e entre 20 e 25 escudos no de Lisboa.

A mesma fonte do SIMA salientou que «os serviços têm conhecimento de que existe actualmente pouca batata na posse dos produtores» e que a produção deste ano «registou alguns atrasos».

Os portugueses consomem por mês cerca de 90 mil toneladas de batata e uma variação entre 80.000 a 100.000 toneladas na produção afecta rapidamente o mercado, salientou.

A chamada «batata nova» é ainda em quantidades reduzidas — disse — e espera-se que tenha algum significado apenas em Maio. A mesma fonte acrescentou ainda que, desde há duas semanas, está a ser vendida batata intervencionada pela Junta Nacional de Frutas, numa tentativa já de regularização do mercado.

Gentil Martins foi ontem a Belém

Médicos confiam em Soares para se entenderem com Beleza

O Presidente da República aguarda «uma palavra da ministra da Saúde» sobre os vários problemas que afectam a classe. Mário Soares, segundo o presidente da Ordem dos Médicos. Gentil Martins, estará à espera que Leonor Beleza lhe transmita indicações solicitadas por Belém sobre o sector.

A saída, o presidente da OM disse que os diferendos que têm oposto a Ordem ao Ministério da Saúde não foram abordados durante a audiência de meia hora com o presidente Soares. «Discutimos apenas problemas gerais de saúde», vincou.

Sobre os diferendos com o Ministério da Saúde, Gentil Martins salientou que «um dos pontos de atrito» é a não aceitação por parte do ministro da justificação das faltas dos médicos do Norte durante a recente greve. «Queremos evitar a confrontação», adiantou, mas mantemos uma certa firmeza nas nossas posições».

O presidente da Ordem dos Médicos apontou ainda o problema da falta de publicação dos contratos-tipo dos médicos e o do desemprego dos jovens profissionais, recordando também a falta de colocação de especialistas nos hospitais da periferia.

Gentil Martins sublinhou que a Ordem está solidária com a greve dos enfermeiros do hospital Miguel Bombarda. «Não é atirando pedras aos médicos que se consegue motivá-los», disse.

Empreiteiros ganham "round" à Câmara

Taxa de urbanização gera polémica em Vila Real

A Câmara Municipal de Vila Real decidiu ontem suspender uma taxa de urbanização devido aos protestos de construtores civis e empreiteiros, que a consideravam excessiva.

Uma delegação de empreiteiros e construtores civis preparava-se para encetar o bloqueamento de estradas e o acesso à Câmara Municipal mas «felizmente da parte do município houve a melhor colaboração e diálogo, no sentido de se estudar a aplicação do imposto, juntamente connosco», disse à NP o porta-voz da comissão, Jorge Vaz considerou que a aplicação de impostos onerosos poderá levar à paralisação de muitas construções, porque «pagar 100 ou 200 contos, só para licenças, levaria a uma crise no sector habitacional», disse. «Não se compreende que todos os materiais custem mais em Trás-os-Montes do que no resto do País, com o cimento mais caro 50 escudos por saco, a areia e o ferro, o que já torna difícil o desenvolvimento do sector da construção civil», acrescentou.

Os empreiteiros de Vila Real assinalaram ainda que a derrama que estava em execução era paga duas vezes, «uma aquando do loteamento de urbanização e a outra no licenciamento das obras», e assinalam que um prédio de propriedade horizontal com uma superfície de 100 metros quadrados poderá futuramente custar 90 contos, quando normalmente custaria pouco mais de 20 mil escudos. «Há compromissos de muitos empreiteiros relativos a apartamentos já vendidos, que não consideravam esta taxa», sublinham.

O presidente da Câmara Municipal, disse, por seu lado, que o executivo, depois de ouvir os construtores civis, deliberou «suspender as taxas reclamadas e mandar estudar o assunto pelos seus serviços técnicos de obras, que depois de ouvida uma delegação dos interessados, nos fornecerá um parecer, para posterior apreciação e decisão».

Armando Moreira justificou a implementação da taxa de urbanização pelo Decreto-Lei 98/84 de 29 de Março, preceito (ou legislação) que compete no entanto às Câmaras Municipais fazer aplicar, de acordo com as percentagens que o executivo deliberar.

De acordo com construtores civis a Norte do Porto, a taxa de urbanização apenas está a ser praticada em cerca de 15 por cento das autarquias de todo o País.

Na Marinha Grande

Governo admite encerrar duas empresas vidreiras

O Governo poderá decidir o encerramento de empresas vidreiras na Marinha Grande se o estudo que encomendou ao IAPMEI sobre o sector assim o aconselhar, segundo uma fonte oficial citada pela NP.

O secretário de Estado da Indústria solicitou ao Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais um estudo económico que analisará a hipótese de encerramento de empresas vidreiras, sector que vem debatendo-se com graves problemas estando cerca de dois mil trabalhadores com salários em atraso.

Tendo conhecimento desta decisão do secretário de Estado, o Sindicato Vidreiro convocou uma reunião de emergência com a Comissão de Trabalhadores e a Comissão Sindical da Ivima e da Pereira Roldão, duas das empresas especialmente visadas pelo saneamento do sector.

Uma fonte do Ministério da Indústria considerou que o sector vidreiro tem de ser profundamente analisado pois a situação «tal como está actualmente não pode ser mantida».

O Estado cumpriu o acordo que fez no ano passado com quatro empresas da região, participando com 60 por cento para a sua reestruturação enquanto os empresários não contribuíram com os 40 por cento que lhes competia — referiu a fonte.

Doce é o morango e grande é a Europa

A súbita riqueza dos agricultores de Huelva

Fernando Oliveira
Serviço NP/DL

Na ponta mais ocidental da Andaluzia, paredes meias com o Algarve, os agricultores trocam hoje de carro todos os anos e os jovens são aliciados a abandonar os estudos para trabalhar na terra — os morangos estão a dar.

É um mundo por vezes insólito aquele que se nos depara nestas terras até há bem pouco tempo ingratas: um mundo onde o trabalhador agrícola recebe 2 500 pesetas por dia (cerca de 2 500 escudos) e onde o morango parece estar numa clínica de cuidados intensivos, alimentado a soro.

«Strawberry Fields Forever» ou «campos de morangos para sempre» parece ser o lema beatleano dos agricultores daqui, que tratam com mimo o fruto vermelho, dando-lhe casa de plástico, rega localizada e adubo líquido, para ele ficar do tamanho de um tomate.

Há cinco anos apenas, a maior parte dos agricultores entre Ayamonte e Huelva amanhavam com dificuldade as pobre terras de que dispunham, cultivando batata ou cereais, mais para consumo caseiro do que para comercialização.

Hoje, esta região é considerada a «catedral» do morango espanhol, contribuindo com cerca de 70 por cento para a produção nacional daquele fruto.

O negócio do morango é um assunto sério, que faz a Espanha ganhar anualmente mais de 7 milhões de contos em divisas, com a exportação de 40 mil das 80 mil toneladas que produz.

Um grupo de cerca de 100 agricultores visitou várias explorações agrícolas da zona, nomeadamente em Moguer, Lucena, Lepe, Cartaya e Isla Cristina — sendo de espanto a impressão geral face à capacidade de produção de morangos dos espanhóis.

O abafador e o berlinde

À boa maneira portuguesa, e um pouco como na fábula da raposa e das uvas, houve quem fizesse o reparo: «os morangos deles são muito grandes, não têm gosto nunhum», esquecendo-se que perante o «abafador» espanhol, o «berlinde» português só serve mesmo para o mercado interno, enquanto as barreiras alfandegárias não permitirem a entrada do fruto até aos mercados da Ribeira ou do Bulhão.

Face à espantosa força espanhola, que possibilidades têm os produtores portugueses de exportarem morangos para a Europa Comunitária?

«Poucas, pelo menos nos anos mais próximos» — reconheceu — um alto responsável do SIMA. «Mas esta visita será sempre útil para os agricultores portugueses verem como a organização é a chave para qualquer tipo de sucesso».

Seja através de cooperativas, a maioria, seja através de empresas médias industriais, a produção de morangos espanhola já está ao nível da melhor da Europa, tanto quanto a qualidade, aspecto, embalagem e normas sanitárias.

«O que vimos foi do melhor que há no mundo, os espanhóis já ultrapassaram os italianos, que até aqui eram os líderes no mercado internacional do morango» — referiu o técnico português.

Hoje em dia, hectares e hectares de estufas ao longo das estradas dão ideia do que ali estão a fazer dezenas de camiões TIR, provenientes da França, Holanda, Bélgica, Alemanha ou Inglaterra: o morango espanhol, o «freso», está a invadir a Europa.

Um português no negócio

Um português tem estado um pouco por detrás deste sucesso no país vizinho, garantindo a muitos dos produtores o escoamento dos seus morangos e outros frutos.

Carlos Ramos, o director comercial da multinacional inglesa Mack and Edwards, tem o seu quartel-general no mercado de Covent Garden, em Londres, meca dos horto-frutícolas europeus e um dos maiores do seu género no mundo.

É em Covent Garden que são diariamente cotados os «frescos» comunitários, com preços que servem depois de orientação para os vários países membros da CEE, incluindo Portugal.

Carlos Ramos tem feito contratos com cooperativas e empresas privadas agrícolas espanholas, estando-se neste momento num «boom» que ele gostaria de alastrar até Portugal.

«Mas a realidade portuguesa é muito diferente, as cooperativas têm à sua frente agricultores que não percebem nada de gestão de empresas, pelo que é muito difícil um diálogo» — referiu.

Este «self made man» que passa a vida em aviões, entre Pequim e Caracas, Madrid e Tóquio, garante grande parte das frutas e hortaliças que os europeus comem fora de tempo, os chamados «primores», que custam caro, mas são facilmente colocados numa Europa com grande poder de compra.

Portugal, e especialmente o Algarve, têm grandes possibilidades na exportação de «primores», mas para isso terão de ser reformuladas todas as estruturas de comercialização, e especialmente melhoradas as condições de qualidade e higiene dos produtos.

Quanto ao morango, ironicamente, parecem ter sido os portugueses quem indirectamente contribuiu para a súbita riqueza dos camponeses de Huelva: com o diferendo pesqueiro e a impossibilidade de exercer a sua actividade como até então, muitos espanhóis abandonaram as artes e instalaram-se na terra, procurando aí fazer o que mais dinheiro desse — até agora não estão arrependidos.

O morango é doce e grande é a Europa.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$10	56$10
ALEMANHA FED. (marco)	65$40	66$60
ÁUSTRIA (xelim)	9$25	9$45
BÉLGICA (franco)	3$057	3$257
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	106$55	109$05
(notas de 5 a 1000)	107$05	109$55
DINAMARCA (coroa)	17$75	18$15
ESPANHA (peseta)	1$005	1$125
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	148$05	151$55
(notas de 5 a 1000)	148$55	152$05
FINLÂNDIA (marka)	29$05	29$65
FRANÇA (franco)	20$55	21$25
HOLANDA (florim)	58$05	59$15
IRLANDA (libra)	200$15	204$15
ITÁLIA (lira)	$087	$097
JAPÃO (iene)	$812	$847
NORUEGA (coroa)	20$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	223$85	228$35
SUÉCIA (coroa)	20$50	21$00
SUÍÇA (franco)	78$10	79$60
VENEZUELA (bolívar)	6$95	7$95

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

UGT PORTUGAL

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Serviços do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA ELEITORAL

Convocam-se todos os sócios para a eleição de delegados ao Congresso no dia 19 do próximo mês de Junho de 1986.

Os locais de votação e o respectivo horário serão oportunamente informados.

As listas terão que ser apresentadas até ao dia 19/5/86.

Setúbal, 11 de Abril de 1986

O Presidente do Conselho Geral
Bernardo Joaquim Nunes Venâncio

No Brasil

Inflação negativa pela primeira vez

O Brasil registou uma inflação negativa de 1,48 por cento em Março, o que acontece pela primeira vez em vários anos — anunciou o presidente Sarney.

José Sarney falava sobre os primeiros resultados da implementação do plano de estabilização económica, que entrou em vigor a 28 de Fevereiro.

O presidente brasileiro disse que a descida da inflação foi conseguida sem prejudicar o crescimento económico, que se mantém nos níveis previstos pelo governo, ou seja, 5 por cento.

José Sarney saudou a população brasileira que — disse — assumiu «a missão de fiscalizar o congelamento dos preços».

O panorama apresentado pelo presidente do Brasil para o futuro da economia do país «é de optimismo». O balanço que o Executivo brasileiro faz deste período de governação aponta para «uma recuperação concreta da economia do país e do poder de compra dos trabalhadores».

A inflação no Brasil atingia em média por mês cerca de 15 por cento de aumento. Em Março, a deflação verificada no Brasil foi de 1,48 por cento, tendo a alimentação e bebidas registado uma descida da ordem dos 5 por cento.

A taxa de emprego, no mesmo período, cresceu em 2,9 por cento, valor superior ao ritmo verificado em Março de 1985.

José Sarney afirmou, ainda, que as vendas no comércio retalhista subiram em 10 por cento, enquanto no sector exportador o aumento foi em 34 por cento, correspondnendo a um saldo positivo na balança comercial de 665 milhões de dólares.

O presidente anunciou um crescimento em 12,3 por cento do sector industrial e em 9 por cento do consumo de energia eléctrica e garantiu a normalidade no abastecimento e o prosseguimento do actual ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), cuja meta se situa em torno dos 5 por cento.

«Somos a oitava potência entre as economias mais desenvolvidas do Ocidente, mas quanto aos indicadores sociais ocupamos a quinquagésima-sétima posição no contexto mundial», concluiu.

Esta situação — sublinhou — tem de ser «irradicada de vez».

Ao despedir-se do Banco de Portugal

Fundo de Garantia Bancária proposto por Constâncio

O governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, defendeu a criação de um «Fundo de Garantia Bancária» destinado a operações de fortalecimento da solvabilidade de algumas instituições bancárias.

Falando em Lisboa, num jantar de despedida do cargo de governador do Banco Central organizado pela Associação Portuguesa de Bancos, Vítor Constâncio salientou que aquele fundo seria «um instrumento de supervisão preventiva das instituições» que herdaria as receitas das sobretaxas que até agora se destinam ao Fundo de Compensação.

As operações de fortalecimento da solvabilidade dos bancos — salientou — poderiam traduzir-se no aumento de capitais próprios e operações de saneamento.

O Fundo, segundo o governador do Banco de Portugal, deveria ser acompanhado por uma revisão dos coeficientes de cobertura das instituições financeiras e pela introdução de regras de classificação das carteiras de crédito por grau de risco.

«É essencial resolver problemas que se colocam no sistema para pôr todas as instituições em pé de igualdade e permitir assim uma sã concorrência com plena autonomia de gestão», justificou.

Num discurso centrado sobre o futuro, como Vítor Constâncio fez questão de sublinhar, o governador do Banco de Portugal recordou também alguns dos problemas actuais do sistema financeiro português em geral e do sistema bancário, em particular.

Depois de referir que o sistema bancário apresenta «alguns sinais de debilidade a carecerem de superação, em resultado das servidões que o Estado e a crise das empresas lhe impuseram nos últimos anos», salientou como os dois principais problemas da Banca portuguesa «a situação de excesso de liquidez mal remunerada aplicada em dívida pública e o crédito mal-parado».

A introdução de bilhetes do tesouro a um ano e a transformação de parte da dívida pública antiga nestes novos títulos foi uma das medidas adiantadas pelo governador do Banco de Portugal como necessárias à melhoria da situação do sistema bancário.

Vítor Constâncio salientou, ainda, a necessidade de serem introduzidos novos instrumentos, tendo advogado, a propósito, a possibilidade de os bancos emitirem, ainda este ano, certificados de depósito.

Novos tipos de depósitos

Aquele responsável propôs também a criação de novos tipos de depósitos, salientando, a propósito, os depósitos-poupança, «sem prazo, não movimentáveis por cheque, de alimentação regular com taxas de juro progressivas e pagas ao mês», por forma a «permitir a alteração mais rápida do juro dos depósitos sempre que o nível de taxas é alterado», precisou.

«Para ser mais eficaz, este novo instrumento — acrescentou — deveria ser acompanhado da maior penalização ou até eliminação de mobilização antecipada dos depósitos de maior maturidade.7

O governador do Banco de Portugal salientou a fraca evolução do sistema financeiro português do ponto de vista da respectiva estrutura.

Neste contexto, realçou que, isoladamente, a Banca detém cerca de 90 por cento dos recursos e distribui 87 por cento do crédito.

«De 1979 a 1985, o peso do sistema bancário no total do financiamento externo desceu apenas de 95 para 88 por cento, enquanto a importância do mercado de títulos (obrigações e bilhetes do Tesouro) passava de 1,39 para 5,83 por cento. O total das acções no conjunto do activo do sistema pesa apenas 0,14 por cento», frisou.

No conjunto do sistema bancário, as instituições privadas representam cerca de 5,4 por cento do crédito distribuído e os novos bancos, criados desde 1985, cerca de 0,48 por cento, acrescentou.

No entanto, o governador do Banco Central admitiu que «tem sido intensa desde há algum tempo a actividade legislativa inovadora, acompanhada de alteração de funcionamento de vários mercados».

A propósito, referiu a legislação relativa à criação de fundos de pensões, fundos de investimento mobiliário e imobiliário, de sociedades de capital de risco, sobre a revisão do enquadramento legal das sociedades de investimento, de locação financeira e das caixas de crédito agícola mútuo.

Vítor Constâncio afirmou que «não se pode pensar para já em abandonar o controlo de crédito interno e externo, como forma de assegurar condições gerais de financiamento compatíveis com a manutenção dos equilíbrios macroeconómicos».

«A gestão dos limites de crédito não está isenta de problemas, sobretudo nesta fase em que a desaceleração dos preços terá de ser acompanhada pelos agregados monetários», sublinhou.

O governador do Banco de Portugal recordou que «o sector público administrativo tem necessidades de financiamento superiores às do ano passado, mesmo em percentagem do Produto Interno Bruto, e para um aumento do agregado de liquidez total de 20,5 por cento, já muito acima da inflação, absorvera cerca de 60 por cento da expansão dessa liquidez, contra 40 por cento em 1985».

Segundo o ministro das Obras Públicas

Parte da rede ferroviária não tem razão de existir

Uma parte da rede ferroviária da CP não tem possibilidade de originar níveis de tráfego minimamente compensatórios das despesas que origina, considerou ontem o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Falando na posse da administração da CP, Oliveira Martins disse existirem basicamente duas redes ferroviárias na CP e não uma só.

«Numa delas, corre um tráfego real e existe outro potencial que poderá justificar comercialmente o funcionamento do transporte ferroviário», salientou, acrescentando que, na outra, «só os hábitos adquiridos, a deficiência dos meios de transporte alternativos e uma certa ideia de prestígio local, competem ao seu funcionamento».

Neste âmbito, Oliveira Martins considerou indispensável que a CP continue a ter presente esse facto, «estabelecendo o mais claramente possível as fronteiras entre as duas redes, baseando nessa separação muitas e importantes decisões da sua gestão».

«Também o Estado não pode deixar de conhecer, o melhor possível, quanto custa aos contribuintes manter uma parte da rede que hoje, seguramente, já não seria construída...», frisou o ministro.

Oliveira Martins reafirmou a intenção do Governo de promover uma melhor coordenação dos investimentos em infra-estruturas e de favorecer uma maior influência das forças do mercado, no campo da prestação dos serviços de transporte.

Sublinhou a necessidade de uma liberalização «não descontrolada, mas feita com conta, peso e medida», através da harmonização das condições de concorrência entre todas as empresas que operam no mercado dos transportes internos.

Observou que a intervenção do Estado é insubstituível na modernização das infra-estruturas, mas que o campo da prestação de serviços deverá ser entregue cada vez mais ao mercado.

O ministro das Obras públicas afirmou, ainda, que as receitas da CP, sem subsídios ou indeminizações compensatórias, pouco mais cobrem do que 50 por cento dos custos, o que considerou «francamente pouco».

Carvalho Carreira presidirá a um Conselho de Gerência que integra ainda, Arménio Jerónimo Martins Matias e José de Sá Braamcamp Sobral, também empossado ontem.

Concentração dos trabalhadores

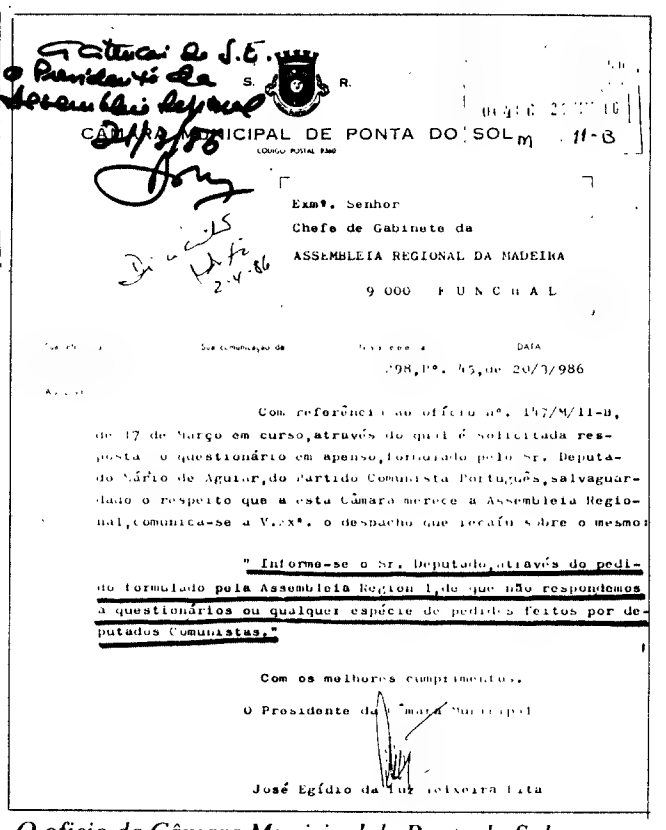
A voz dos trabalhadores da CP em greve ouviu-se no salão nobre do Ministério das Obras Públicas, enquanto decorria a posse da administração da empresa.

Através de dois altifalantes instalados num automóvel estacionado defronte do edifício do Ministério ouviam-se diferentes músicas e a voz de um dirigente sindical, explicando que as greves na CP se devem a divergências sobre o reenquadramento profissional e aumentos salariais.

A nova administração da CP, mesmo antes de ser empossada, era, assim, sensibilizada pelos representantes dos trabalhadores para as causas do conflito laboral que se arrasta na empresa há cerca de um mês.

Hoje, os trabalhadores ferroviários concentram-se no Terreiro do Paço, frente ao Ministério dos Transporte, no seu trigésimo dia de greves sectoriais rotativas.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários informou que na reunião de conciliação de ontem à tarde, no Ministério do Trabalho «nem o Governo nem o Conselho de Gerência da CP deram um único passo no sentido de aproximarem as suas posições da intransigência negocial às reivindicações dos trabalhadores».



Exmº. Senhor
Chefe de Gabinete da
ASSEMBLEIA REGIONAL DA MADEIRA
9 000 FUNCHAL

...98,Pº. 45,de 20/3/986

Com referência ao ofício nº. 147/4/11-B, de 17 de Março em curso, através do qual é solicitada resposta ao questionário em apenso, formulado pelo Sr. Deputado Mário de Aguiar, do Partido Comunista Português, salvaguardado o respeito que a esta Câmara merece a Assembleia Regional, comunica-se a V.Exª. o despacho que recaiu sobre o mesmo:

"Informe-se o Sr. Deputado, através do pedido formulado pela Assembleia Regional, de que não respondemos a questionários ou qualquer espécie de pedidos feitos por deputados Comunistas."

Com os melhores cumprimentos.

O Presidente da Câmara Municipal

José Egídio da Luz Teixeira Pita

O ofício da Câmara Municipal de Ponta do Sol para a assembleia regional é peremptório: não respondem a qualquer espécie de pedidos feitos por deputados comunistas

A democracia madeirense...

O presidente da Câmara Municipal de Ponta do Sol, na Madeira, tem uma curiosa e democrática posição quanto ao relacionamento entre as autarquias e os órgãos de soberania. Na opinião do sr. José Egídio Teixeira Pita a Assembleia Regional «merece o respeito» da Câmara a que preside, mas nem todos os deputados têm os mesmos direitos e detêm a mesma quota-parte da soberania popular.

Questionado pelo Parlamento madeirense acerca dos direitos dos trabalhadores daquela autarquia, o presidente da Câmara de Ponta do Sol dirigiu um ofício à Assembleia, onde comunica que não responde às perguntas apresentadas.

Não que o Parlamento não lhe mereça respeito, como já se disse. A questão é outra e o despacho reproduzido no ofício explica claramente as razões de Teixeira Pita.

Reza assim o despacho: «informe-se o sr. deputado, através do pedido formulado pela Assembleia Regional, de que não respondemos a questionários ou qualquer espécie de pedidos feitos por deputados comunistas».

Pois é, o problema do presidente da Câmara é que as perguntas foram feitas pelo deputado João Aguiar e, para ele, os comunistas não são deputados como os outros.

Administração do Metro desafiada a pagar os salários que propagandeou na Imprensa

«**Monstruosa falsificação**» e uma «**colossal mentira**» é como os trabalhadores do Metropolitano de Lisboa qualificam os anúncios pagos publicados pela Administração daquela empresa pública nos jornais e onde são referidos números salariais que os trabalhadores dizem não corresponderem à realidade.

Depois de garantirem que esses anúncios pretendem virar a população utente do Metro contra os trabalhadores, que estão a fazer greves diárias de duas horas, a Comissão Executiva da FESTRU convidou publicamente o Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa a provar «**de forma inequívova que os trabalhadores auferem os vencimentos publicitados**».

Segundo um comunicado da FESTRU, «**os trabalhadores dispõem-se a levantar de imediato a greve se o CG assumir o compromisso (por escrito e no acordo de empresa) do pagamento mensal de tais valores com os proporcionais aumentos às restantes categorias profissionais não referidas no anúncio amplamente publicado na Imprensa**».

«Se o CG tiver a ombridade de o fazer — conclui a Federação dos Rodoviários — ficará, por certo com a face mais lavada e poderá então falar de ética e moral, o que neste momento não pode fazer. Os trabalhadores, a população não esquecem os graves danos que o CG tem causado a esta importante empresa pública de transportes: comprou terrenos por mais de 100 mil contos quando valiam apenmas 15 mil, paga a um comissário de festas de aniversário qualquer coisa como 2000 contos e aufere chorudos vencimentos que se recusa a tornar públicos».

24 HORAS

Ajuda aos "contras" recusada

A Câmara dos Representantes votou contra a proposta do presidente Reagan para a concessão de ajuda militar norte-americana aos rebeldes nicaraguanos. Embora a administração Reagan esperasse o apoio dos republicanos para intensificar a ajuda militar aos «contras», a sua grande maioria juntou-se aos democratas, recusando apoio económico e militar no valor de 100 milhões de dólares aos rebeldes que combatem o governo sandinista. A proposta da Casa Branca visava uma ajuda imediata aos «contras» no valor de 30 milhões de dólares e 70 milhões que seriam enviados em Julho próximo. «Espero singelamente que os obstrucionistas reconsiderem a sua posição porque a América observa-os», dissera anteriormente Reagan tentando obter o apoio do Congresso para a ajuda aos «contras».

Actividades da Renamo

A Renamo reivindicou em Lisboa ter sustido nova operação das tropas do Zimbabwe na Gorongosa, Moçambique, tendo morrido no contra-ataque 237 soldados das forças de Harare.

Num comunicado divulgado na capital portuguesa, o porta-voz da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) anuncia ainda o derrube de dois helicópteros e um Mig-21 das «forças invasoras». Assinado pelo porta-voz da Renamo, Paulo Oliveira, o documento anuncia o prosseguimento dos combates, nos quais este movimento afirma estar a utilizar equipamento bélico do Zimbabwe, incluindo material antiaéreo «perdido pelas tropas de Harare e de Maputo» desde Agosto último.

Réus do "Achile Lauro"

MAGISTRADOS italianos que investigam o caso «Achille Lauro» ordenaram o julgamento de um líder palestiniano e 13 outros indivíduos da mesma nacionalidade, acusados de envolvimento no sequestro daquele paquete. Os indivíduos são acusados de assassínio,posse ilegal de um cadáver, desvio do navio para fins terroristas, rapto, fazerem parte de uma grupo armado, ferimentos e assalto. Mohammed Abu Abbas, líder da Frente de Libertação da Palestina é acusado pelos magistrados italianos de direcção da operação e foi-lhe dirigido um mandado internacional de captura. Oito dos acusados estão detidos em Itália e dos outros seis desconhece-se o paradeiro.

O assassínio de Palme

O governo sueco anunciou que vai nomear uma comissão independente para analisar a investigação conduzida pela Polícia sobre o assassínio do ex-primeiro-ministro Olof Palme, ocorrido a 28 de Fevereiro. Mês e meio depois do atentado em plena rua, que custou a vida a Palme, as autoridades perderam o rasto do autor do crime, enquanto se acumulam as críticas à Polícia e ao seu chefe em Estocolmo, Hans Holmer, que dirige as investigações.

Desemprego recorde

A Embaixada do Zaire em Lisboa, desmente em comunicado que os mísseis antiaéreos «Stinger» fornecidos pelos Estados Unidos à UNITA sejam canalizados pelo território zairense. O comunicado rejeita «as alegações de certa Imprensa americana e sul-africana», «tendenciosas e falsas», que «alguns jornais portugueses (diários e semanários)» tiveram «real prazer em transcrever para prejudicar as boas relações existentes entre Angola e o Zaire». A Embaixada do Zaire afirma que o seu país «fica e ficará fiel à sua política de boa vizinhança e a sua vocação africana e respeitará os acordos de defesa com Angola».

UNITA: Zaire desmente

O desemprego na Grã-Bretanha atingiu em Março deste ano um novo recorde, com um total de 3 197 000 desempregados, revelam estatísticas do Ministério britânico do Trabalho, ontem publicadas.

Em Março, o número de desempregados aumentou em 36,8 por cento, tendo sido o maior valor registado num só mês desde Setembro de 1981.

Contra o "raid" americano

CPPC convoca concentração esta tarde

O Conselho Português para a Paz e Cooperação convoca hoje às 19 e 30, uma concentração de protesto em frente à Embaixada dos Estados Unidos da América, a Sete Rios.

O CPPC apela a todos os cidadãos de Lisboa e às associações cívicas, religiosas e sindicais a participar nesta acção, contra «novas agressões e acções terroristas da administração Reagan dos EUA».

Entre outras organizações que apoiam publicamente a iniciativa do CPPC, conta-se o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Outras manifestações

De referir que ontem realizaram-se várias manifestações de protesto em diversos países, com destaque para as verificadas em Espanha, pelo segundo dia consecutivo, contra a acção militar dos EUA na Líbia.

As principais manifestações, com alguns incidentes, feridos e presos, ocorreram em Madrid, Saragoça, Barcelona, Sevilha e Bilbau foram convocados por grupos políticos, sindicais e organizações da esquerda e da extrema-esquerda, uma organização socialista também participou nos actos.

Uma nova manifestação está marcada para esta tarde «contra a agressão ianque à Líbia, pela paz no Mediterrâneo e desmantelamento das bases». Será de novo no centro de Madrid.

Na capital espanhola, cerca de 5000 pessoas manifestaram-se a noite passada, respondendo a uma convocatória da organização «plataforma cívica, criada com a integração de diversos grupos para a campanha contra a NATO no referendo popular sobre a NATO, liderada pelo Partido Comunista, que teve dirigentes a participar nas manifestações dos últimos dias.

À tarde, cerca de 50 integrantes do Movimento pela Paz, o Desarmamento e a Liberdade, dirigido pela senadora socialista Francisca Sauqilho, realizara um acto de protesto diante da Embaixada dos Estados Unidos em Madrid, passeando-se com cartazes alusivos ao ataque militar à Líbia.

Em Saragoça cerca de 1000 pessoas manifestaram-se contra o ataque militar a Tripoli e a favor do desmantelamento das bases militares norte-americanas em Espanha.

O ataque dos EUA à Líbia

Kadhafy reafirma fid

O dirigente líbio Muammar Khadafy falou a noite passada, ao país através da Televisão para «incitar à revolução popular em todo o mundo».
Num discurso de 21 minutos, parte do qual foi captado pelo centro de monitorização da BBC em Cavesham, na Inglaterra, o dirigente líbio acusou o presidente norte-americano Ronald Reagan de «dar ordens para assassinar crianças e destruir casas».

O coronel líbio qualificou os bombardeamentos da Aviação norte-americana contra Tripoli e Benghazi de «um falhanço» e reiterou que Reagan «anunciou ao mundo com arrogância, insolência e desumanidade que tinha dado ordens para assassinar os filhos de Khadafy e os filhos dos líbios».

Noutro passo do seu discurso televisionado, Khadafy assevera que «nunca abandonaremos a luta pela unidade das nações árabes, pela libertação da Palestina e pela revolução popular, por muitos **raids** aéreos que eles (os norte-americanos) lancem contra nós».

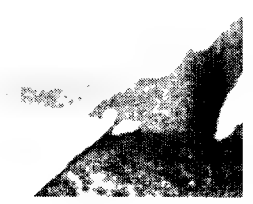
«As nações árabes, África, o Terceiro Mundo e todas as forças de libertação já manifestaram a sua prontidão em lutar ao nosso lado. Se novos **raids** tiverem lugar enfrentá-los-emos com toda a firmeza e coragem e infligiremos pesadas perdas» ao inimigo, disse ainda Khadafy, na sua primeira intervenção pública após o ataque da madrugada de terça-feira contra Tripoli e Benghazi pela Aviação norte-americana.

Depois da intervenção de Kadhafy, centenas de membros dos Comités Revolucionários líbios saíram à rua em Tripoli, em manifestações de alegria, que se prolongaram até de madrugada, carros com os faróis acesos no máximo e buzinando sem parar, manifestantes à pé gritando «viva Khadafy!» e «morra a América!», circularam durante a noite em todos os bairros de Tripoli e concentraram-se na Praça Verde, no centro da cidade, junto do porto.

Jornalistas e televisões estrangeiras cobriram as manifestações de alegria, que traduziram o alívio das tensões dos últimos dias e o fim dos boatos sobre o destino de Muammar Khadafy.

A Praça Verde esteve profusamente iluminada, em contraste com o corte de energia eléctrica que reinava na capital desde o ataque aéreo norte-americano na madrugada de terça-feira.

Reagan, por seu turno, afirmou ontem que Khadafy tinha julgado mal os claros sinais que os Estados Unidos enviaram de que não tolerariam o terrorismo e acrescentou esperar que o líder líbio «não se engane outra vez».



Uma das vítimas do «raid» norte-

O presidente norte-americano disse que por vezes «a luta para preservar a liberdade e a força da lei deve ser levada para os campos de batalha».

Numa cerimónia comemorativa do Dia da Lei, Reagan reafirmou que os Estados Unidos «não se enfurecem rapidamente e apenas usamos a força em último recurso».

Brandt dialoga com líderes da oposição sul-africana

Willy Brandt, antigo chanceler alemão-federal, encontrou-se durante uma hora com líderes da Frente Democrática Unida ((UDF),a maior organização plurirracial sul-africana.

A frente que afirma ter dois milhões de militantes e visa especialmente o fim do **apartheid,** admitiu ontem em comunicado que pode ser obrigada a rever a sua posição de não-violência, face à violência de que têm sido alvo alguns dos seus militantes.

Um alto responsável da UDF no Norte do Transval, Peter Nchabeleng, morreu na semana passada numa prisão do bantustão de Lebowa. Segundo a UDF, há provas de que foi torturado mas a Polícia disse que Nchabeleng pereceu devido a um ataque cardíaco.

Brandt não fez comentários à Imprensa sobre o seu encontro com a UDF mas uma dirigente da organização, Albertina Sisulu, disse que o político alemão-federal lhes prometeu que fará todos os possíveis para apoiar a luta.

Segundo a dirigente da UDF, foi também pedido a Brandt que sensibilize o Governo de Khol para o facto dos interesses económicos a longo prazo da Alemanha estarem em alimhar com aqueles que estão a lutar por uma mudança.

Durante esta sua visita privada de três dias à África do Sul Brandt vai encontrar-se também com homens de negócios alemães alemães-federais na Africa do Sul e com brancos da oposição no Parlamento.

Brandt partirá depois para o Botsuana, onde assistirá a uma reunião da Internacional Socialista.

delidade à revolução popular

norte-americano, no hospital de Tripoli

no
er
.
o
ra
ça
os

a-
a-
os
le
il-

«Tentámos a diplomacia, tentámos a condenação pública, as sanções económicas e, sim, tentámos uma demonstração de poder militar. Mas Kadhafi intensificou a sua guerra terrorista, enviando os seus agentes a todo o mundo para assassinar e trucidar crianças» — sublinhou Reagan.

Entretanto, várias unidades da esquadra soviética estavam a navegar rumo ao Golfo de Sidra ou encontram-se já ao largo da costa líbia — disseram esta manhã círculos ocidentais em Moscovo.

O Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros — acrescentaram — advertiu ontem todos os embaixadores acreditados em Moscovo de que a União Soviética faria «pleno uso» do seu direito à livre navegação marítima e aérea.

O «Pravda» escreve hoje a este respeito que os diplomatas «foram informados das medidas adoptadas pelo governo soviético a propósito da agressão dos Estados Unidos contra a Líbia».

Moderação na CEE

Entretanto os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze, hoje reunidos em Paris, decidiram abster-se de publicar uma nova declaração sobre o conflito norte-americano-líbio e limitaram-se a reafirmar a necessidade de fazer prova de moderação no Mediterrâneo.

Um porta-voz da CEE disse que os ministros dos 12 países comunitários europeus decidiram intensificar os seus esforços diplomaticos para pôr fim ao terrorismo naquela região.

Os Doze voltarão a discutir em pormenor a questão do conflito norte-americano-líbio na sua reunião prevista para a próxima segunda-feira no Luxemburgo. Ontem, a primeiro-ministro britânica Margaret Thatcher venceu a oposição no Parlamento que apresentou uma moção de censura ao seu governo pelo apoio dado aos ataques norte-americanos contra a Líbia.

No entanto, sondagens de opinião pública hoje divulgadas mostram que os britânicos, na sua maioria, desaprovam a acção militar norte-americana e o apoio dado por Thatcher, nomeadamente permitindo a utilização dos aviões estacionaos nas bases norte-americanas em Inglaterra.

Hoje, um funcionário do Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros disse que a Itália está a estudar a formação de uma força multinacional para retirar os seus cidadãos e outros de diversas nacionalidades da Líbia.

De referir que mais de 8000 italianos trabalham na Líbia, particularmente nos sectores petrolífero e da construção civil.

Angolanos pedem asilo a Espanha

Uma família angolana composta pelo casal e três filhos chegou a San Sebastian depois de sair clandestinamente de Angola e decidiu solicitar asilo político em Espanha, informa o jornal «O Diário Basco».

A família encontra-se instalada no Lar do Transeunte de San Sebastian.

Além de três filhos, é formada por Maybiyu Elicelajao e Manuel João Inácio, que expressaram a intenção de pedir asilo político em Espanha por estarem cansados de tanta guerra no seu país.

Os cinco angolanos chegaram a Espanha depois de subornar com 50 quilos de café um dos marinheiros de um navio português que os levou até à cidade do Porto, explicaram em declarações ao jornal «O Diário Basco».

Ali atravessaram clandestinamente a fronteira espanhola pela Galiza num camião de carga, com três filhos, de 9, 3 e um ano e meio de idade, respectivamente, e chegaram a San Sebastian por via férrea.

Durante os últimos dois anos chegaram a Espanha dezenas de angolanos solicitando asilo político, acolhidos durante algum tempo pela Cruz Vermelha, informa o mesmo jornal.

Filha de Estaline regressa aos EUA

A filha de Estaline deixou ontem a União Soviética em direcção à Suíça, de onde vai partir para os Estados Unidos — revelou em Moscovo uma fonte da companhia suíça de aviação.

Svetlana fugiu para o Ocidente em 1967 durante uma viagem a Nova Deli, numa deserção imersa em grande publicidade.

Os 17 anos seguintes foram passados na sua maioria nos Estados Unidos, onde casou, em 1970, com o arquitecto William Wesley. O casal teve uma filha, Olga, em 1971, mas divorciou-se dois anos depois.

Svetlana e filha mudaram-se depois para Inglaterra, onde viveram 18 meses, e em 1984 decidiu regressar ao seu país com Olga.

Pouco depois do seu também muito publicitado regresso à União Soviética, Svetlana disse em conferência de Imprensa não ter sido feliz um único dia no Ocidente e retratou-se do livro de memórias que escreveu, em que fala da sua vida como membro da «elite soviética», na sua qualidade de filha de Estaline.

Svetlana e Olga, que não fala russo, não terão sido bem recebidas pelos seus familiares em Moscovo, pelo que se mudaram para Tbilisi, capital da Geórgia, terra natal de Estaline.

A Imprensa britânica e norte-americana referia com frequência que Olga Peters, agora com 14 anos não se sentia feliz em Tbilisi.

A jovem acabou por regressar ontem ao internato britânico que frequentava antes de ir para Moscovo.

CONCURSO
MÉXICO
mer Mundial
o diário
as grandes figuras do futebol mundial
DEZENAS DE PRÉMIOS:
DOIS AUTOMÓVEIS
VIAGEM A ROMA PARA DUAS PESSOAS
VÍDEOS E TELEVISORES
MÁQUINAS DE LAVAR
É FÁCIL, COLECCIONA-SE COMPRE o diário
A PARTIR DE 14 DE ABRIL

COMÍCIO de AMIZADE
PCP-PC VIETNAME
ÁLVARO CUNHAL
NGUYEN THANH BINH
18 Abril 86
21,30 h
PAV. S.G. SACAVENENSE

UMA REVISTA ONDE HABITA A CULTURA
MOVIMENTO Cultural
À VENDA O Nº 2 NAS LIVRARIAS
Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Elvas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/643, arquivo 762, para o estabelecimento na freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas, de uma linha aérea a 6 KV com 1749 metros, do P.T.-ELV n.º 13 – Vila Fernando, ao posto de transformação, ELV n.º 46 (Defesa da Atalaia), sito na Herdade Defesa da Atalaia, de Maria Pilar H.S.S. Antunes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 7 de Abril de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo primeiro juízo e segunda secção desta comarca de Almada se anuncia que correm éditos nos autos de Acção Especial de Despejo n.º 3873/80 que Serra & Irmãos Ld.ª move a Frederico António de Oliveira Pegado, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Tristão Vaz n.º 22-1.º Dt.º em Lisboa, é este réu citado para contestar, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob pena de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e tudo como melhor consta da petição inicial, cujo duplicado lhe será entregue quando solicitado.

Almada, 10 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO
Mário Meira Torres Veiga

A ESCRIVÃ-ADJUNTA
Leontina Caeiro

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 9.º Juízo Cível de Lisboa, na Acção Sumária n.º 11699 em que é Autora TV Nova Cor – Aluguer, Instalações e Representação Video, Ld.ª e Ré Alda Manuela Veiga Galhardo, com última residência conhecida na Quinta da Bogalheira, lote 13-casa 11, CAMARATE, correm éditos de 30 dias, para, no prazo de 10 dias, findos o dos éditos, citando a Ré para contestar a acção na qual a Autora pede a sua condenação a pagar-lhe a quantia de Escudos 120 400$00, acrescida dos juros de mora vincendos, à taxa legal, e os já vencidos quer sobre os que se vençam e não sejam pontualmente pagos até ao efectivo e integral pagamento.

Lisboa, 1 de Abril de 1986.

O Juiz de Direito
João Augusto Moura Ribeiro Coelho
O Escrivão Adjunto
Nuno Rodrigues Ferreira

DL 17/4/86 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 13.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, nos autos de C.I.T. sob a forma sumária n.º 141/85 que a autora ANA CRISTINA GONZALEZ DA CONCEIÇÃO GONÇALVES move contra FRIVAPOR DE ALEXANDRE & MONTEIRO, LDA., cuja última morada conhecida foi no Lote 18-r/c – à Reboleira Sul – Amadora, correm éditos notificando a ré, de que foi designado o dia 3 de Junho de 1986, pelas 14 horas para se proceder a audiência de discussão e julgamento.

Notifica-se também de que tem de apresentar as suas testemunhas no julgamento nos termos do art.º 88.º, n.º 2 do Código do Processo do Trabalho; que é obrigatória a sua comparência pessoal no dia e hora acima indicados, nos termos do art.º 89.º, n.º 1 do mesmo diploma legal.

Notifica-se ainda de que nos termos do art.º 89.º, n.º 3, se faltar e não justificar a falta e não se fizer representar por mandatário judicial, será condenado no pedido, excepto se tiver provado por documento suficiente que a obrigação não existe; se apenas se fizer representar por mandatário judicial, consideram-se provados os factos alegados pela autora que forem pessoais da ré e bem ainda o n.º 4 do mesmo art.º se ambas as partes faltarem injustificadamente e não se fizerem representar por mandatário judicial aplicar-se-á o disposto na 1.ª parte do n.º anterior.

Mais se notifica de que tem o prazo de 5 dias para efectuar o preparo para julgamento no montante de 2570$00.

Lisboa, 8 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Artur Manuel Ventura de Carvalho
A Escriturária
M.ª Fernanda Valentim S. Carrapiço

«DL» – 17/4/86 – 2.ª Pub.

«UNIVERSAL VIDRO-SOCIEDADE TÉCNICA DE AUDIOVISUAIS, LIMITADA»

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Março corrente, lavrada de folhas 39 a 40 v., do livro de notas para escrituras diversas número 184-E, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi elevado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, de trezentos mil escudos para dois milhões de escudos, sendo o aumento de um milhão e setecentos mil escudos, todo subscrito pela sócia Diana Tacchini Patriarca e realizado com a transferência feita da sua conta de suprimentos para o capital social da dita sociedade; que ainda pela mesma escritura, foi alterado parcialmente o respectivo pacto social, substituindo a redacção dos artigos quarto e quinto, pela seguinte:

QUARTO:

O capital social é de dois milhões de escudos, está integralmente realizado em dinheiro e nos valores do activo e corresponde à soma de duas quotas, uma de um milhão e oitocentos e cinquenta mil escudos, pertencente à sócia Diana Tacchini Patriarca e outra de cento e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Mauro Patriarca.

QUINTO:

A gerência da sociedade bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente ficam a cargo da sócia Diana Tacchini Patriarca, desde já nomeada gerente, sem caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo suficiente a sua assinatura para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, designadamente a compra e venda de bens móveis.

PARÁGRAFO ÚNICO:

A sociedade pode constituir mandatários nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, e a sócia gerente pode delegar em quem quiser, no todo ou em parte, por meio de procuração, os seus poderes de gerência.

ESTÁ CONFORME. Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos vinte de Março de mil novecentos e oitenta e seis.

O 3.º Ajudante,
Maria do Carmo Ramalho
Branco Dias dos Santos

DL – 17/4/86

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3166, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia da Assunção, concelho de Elvas, de uma linha aérea a 30 KV, com 438 metros, do poste n.º 14 da linha Elvas-Estremoz ao PST n.º 1474 – Bairro Europa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

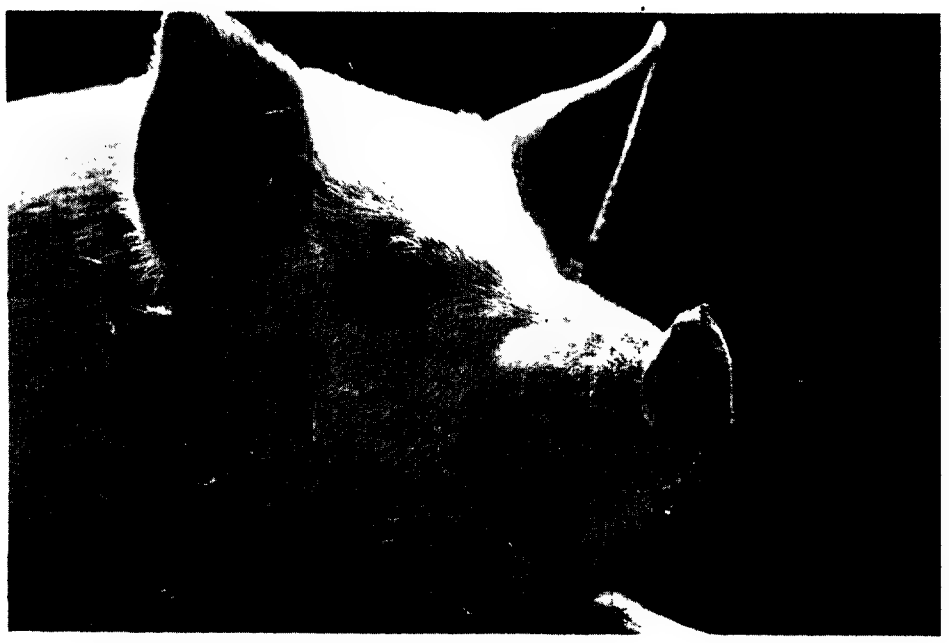
Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 7 de Abril de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

DIRECÇÃO-GERAL DA PECUÁRIA

DECLARAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS DE SUÍNOS



Senhor SUINICULTOR:

Durante os meses de Abril e Dezembro, a lei obriga-o a declarar o número de suinos existentes na sua exploração, assim como a localização desta.

Faça a declaração de existências, qualquer que seja o número de suínos que possua. Só assim os serviços oficiais poderão estabelecer programas eficazes no combate à Peste Suína Africana.

Colabore deste modo com os serviços oficiais na luta contra a Peste Suína Africana.

Tenha em atenção os Editais dos Serviços Regionais de Agricultura, afixados nos locais habituais.

Não esqueça!

O prazo termina já em 30 de Abril

«IMAGEM 85 – PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE AUDIOVISUAIS, LIMITADA»

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Março corrente, lavrada de fls. 35 v.º, a 36 v.º do livro de notas para escrituras diversas número 184-E, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, os únicos sócios entre quem ficou a existir a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, elevaram o capital social de UM MILHÃO DE ESCUDOS para DOIS MILHÕES DE ESCUDOS, sendo o aumento de um milhão de escudos, todo subscrito e realizado pela sócia Maria Cecília da Cunha Alves Incisa Di Camerana, quanto a quinhentos mil escudos em dinheiro e quanto aos restantes quinhentos mil escudos, pela transferência que ela fez da sua conta de suprimentos para o capital social da sociedade. – Ainda pela mesma escritura foi alterado parcialmente o pacto social da referida sociedade, pela subetituição da redacção dos artigos primeiro, quarto e quinto, que ficou sendo a seguinte:

PRIMEIRO

A sociedade continua com a denominação IMAGEM 85 – PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE AUDIOVISUAIS, LIMITADA, tem a sua sede em Cascais, no Beco Torto, número doze, rés-do-chão-B, freguesia e concelho de Cascais, podendo ser mudada para qualquer outro local por deliberação da assembleia geral.

QUARTO

O capital social é de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e nos valores do activo e corresponte à soma de duas quotas, uma de um milhão novecentos e noventa mil escudos, pertencente à sócia Maria Cecília da Cunha Alves Incisa Di Camerana, e outra de dez mil escudos do sócio Dr. Giovanni Maria Incisa Di Camerana.

QUINTO

A gerência da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo da sócia Maria Cecília da Cunha Alves Incisa Di Camerana, desde já nomeada gerente, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo suficiente a sua assinatura para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, designadamente compra e venda de bens móveis.

PARÁGRAFO ÚNICO – A sociedade pode constituir mandatários nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e a sócia gerente pode delegar em quem quiser, no todo ou em parte, os seus poderes de gerência.

Está conforme. – Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos vinte e um de Março de mil novecentos e oitenta e seis.

O Escriturário Superior,
(Maria Antonieta Cordeiro da Silva Sucena)

DL – 17/4/86

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No dia 5 do próximo mês de Maio pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Torres Vedras, nos autos de Execução Ordinária n.º 11/84 da 2.ª Secção, 2.º Juízo, em que são Exequentes Carlos Bernardes & Filhos, Ld.ª com sede em Bairro de Vila Morena, Torres Vedras e executado Mário António Gonçalves Fortes, casado, comerciante, que também usa o nome comercial de «Mafor» com sede na Rua Dias Neiva, 36-E, em Torres Vedras, hão-de ser postos em 2.ª praça para serem arrematados por metade do valor indicado no processo, os bens a seguir descriminados:

VERBA N.º 1: – Quota no valor nominal de 800 000$00 no capital social de 1 000 000$00 da sociedade comercial, «Sociedade Mário Fortes – Mobiliário Metálico, Ld.ª»;

VERBA N.º 2: – Quota no valor nominal de 50 000$00 no capital social de 100 000$00 da sociedade comercial «Sociedade Mangof-Importação e Exportação, Ld.ª»;

VERBA N.º3: – Quota no valor nominal de 240 000$00 no capital social de 300 000$00 da Sociedade Comercial, «Os Primeiros anos – Estabelecimento de Ensino Infantil, Primário e Secundário, Ld.ª».

Torres Vedras, 14 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
Luís Eduardo Branco de Almeida Gominho
O Escrivão adjunto
Benilde Eugénia Faria Azevedo

DL — 17/4/86

Presente nas três finais uefeiras

Futebol espanhol não passa bola a ninguém

Espectacular e inédito comportamento do futebol espanhol envolvido nas provas uefeiras para clubes: três símbolos atingem as três finais provando, à saciedade, que terá de contar-se (muito seriamente) com a «vingança» do antigo «mundial» (aqui ao lado, há quatro anos) já nos estádios mexicanos.

Com efeito, o futebol espanhol viveu uma noite de gala, com momentos inesquecíveis para milhares de adeptos. Real Madrid (Taça UEFA) e Barcelona (Taça dos Campeões Europeus) fizeram explodir de entusiasmo os estádios de Santiago Bernabeu e Nou Camp, com vitórias (5-1) e (3-0) frente ao Inter de Milão e IFK Gotemburgo, respectivamente, em jogos de nervos e emoção. O Barcelona, que igualou o seu adversário no marcador, (no conjunto das duas mãos) acabou por passar à final com 5-4 por grandes penalidades.

Na Taça dos Campeões Europeus, o Barcelona teve a força invulgar de anular três golos em Nou Camp, forçando os nórdicos ao prolongamento e ao desempate por penalties. Pichi Alonso, autor de um «hat-trick» (com tentos aos 9, 63 e 70) foi a grande mola da turma catalã, que ganhou por 5-4 em grandes penalidades, para delírio colectivo de 90 mil adeptos.

O Barcelona, orientado pelo britânico Terry Venables e que conta nas suas fileiras com o alemão-federal Bernd Schuster e com o escocês Steve Archibald, terá agora como adversário na final, marcada para dia 7 de Maio (em Sevilha) o Steaua de Bucareste, da Roménia. O clube do Exército romeno afastou, nas meias-finais da competição, o poderoso Anderlecht (da Bélgica) com uma vitória (3-0), tendo Victor Piturca sido o responsável por dois dos golos. O Steaua, que havia perdido (0-1) em Bruxelas, marcou o 3.º tento por intermédio de Gabrilla Balint, numa partida presenciada por 30 mil pessoas.

Na Taça das Taças, Atlético de Madrid e Dínamo de Kiev irão medir forças na final agendada para dia 2 de Maio, em Lyon (França) e que promete ser um bom espectáculo dada a grande forma das duas equipas. O Atlético de Madrid, com um golo de vantagem na 1.ª mão, cometeu a proeza de derrotar o Bayer Uerdingen no ambiente deste por 3-2, depois de ao intervalo ter estado a vencer por 2-0. Rubio (16 minutos), Cabrera (28) e Prieto (58) marcaram pelos espanhóis, que atingiram a final com um saldo positivo de 4-2.

O Dínamo de Kiev, beneficiando de uma vitória clara (4-0) há quinze dias, limitou-se a assegurar a presença na final, com um empate (1-1) no campo do Dukla de Praga, que esteve longe do rendimento que produziu frente ao Benfica. O veterano Oleg Blohkine foi um dos elementos mais em evidência nas hostes soviéticas, apesar de o golo ter pertencido a Belanov (aos 64) numa jogada de bom recorte técnico.

Necessitando de recuperar a desvantagem (1-3) trazida de Milão, o Real Madrid jogou deliberadamente ao ataque, mas só conseguiu abrir o activo a um minuto do intervalo, através de Hugo Sanchez, na marcação de uma grande penalidade. O «internacional» Gordillo colocou a turma madrilena na rota do êxito, ao fazer o 2-0 (aos 63), mas o irlandês Liam Brady reduziu para 2-1 de penalti (aos 65) deixando os locais em perigo. Sanchez, um quebra-cabeças para a defesa italiana, fez o 3-1 (aos 74) adiando a resolução da eliminatória para o prolongamento, onde o Real Madrid se impôs de forma definitiva, com golos de Santillana (aos 93 e 108).

Uma multidão inquieta, calculada em 110 mil pessoas, presenciou a luta «feroz» e sem tréguas entre dois monstros do futebol latino: Real Madrid e Inter de Milão, com os espanhóis a levar a melhor por 5-1 (após prolongamento) com 3-1 no final do tempo regulamentar. O mexicano Hugo Sanchez e o veterano Carlos Santillana, ambos com dois golos, foram os heróis do Real Madrid, que vai defrontar o Colónia (RFA) na dupla final da Taça UEFA, com datas marcadas para dia 30 e 6 de Maio.

O Colónia, «carrasco» do Sporting na prova, não precisou de suar muito para empatar (3-3) no terreno dos belgas do Waregen, chegando ao final com a vantagem confortável de 7-3. O dianteiro «internacional» Klaus Allofs foi a figura central do desafio, ao conseguir um «hat-trick», com golos aos 26, 34 e 68 minutos.

Barcelona: Júlio Alberto verdadeiramente imparável

Madrid: Maceda impede a progressão de Altobelli

Como fica a história

Resultados da 2.ª mão das meias-finais das taças europeias de clubes de futebol:

• Taça dos Campeões: Barcelona (Espanha)-Goteborg (Suécia), 3-0 (após prolongamento).

Apurado: Barcelona, por grandes penalidades: 5-4. Na 1.ª mão Goteborg-Barcelona, 3-0. Steaua Bucareste (Roménia)-Anderlecht (Bélgica), 3-0. Apurado: Steaua. 1.ª mão: Anderlecht-Steaua, 1-0. Final (7 de Maio, em Sevilha): Steaua (Roménia)-Barcelona (Espanha).

• Taça dos Vencedores de Taças: Dukla de Praga (Checoslováquia)-Dínamo de Kiev (URSS), 1-1. Apurado: Dínamo de Kiev. 1.ª mão: Dínamo de Kiev-Dukla de Praga, 3-0; Bayer Uerdingen (RFA)-Atlético de Madrid (Espanha), 2-3. Apurado: Atlético de Madrid. 1.ª mão: Atlético de Madrid-Bayer Uerdingen, 1-0. Final (2 de Maio, em Lyon): Dínamo de Kiev (URSS)-Atlético de Madrid (Espanha).

• Taça UEFA: Waregen (Bélgica)-Colónia (RFA), 3-3. Apurado: Colónia. 1.ª mão: Colónia-Waregen, 4-0; Real Madrid (Espanha)-Inter de Milão (Itália), 5-1 (após prolongamento). Apurado: Real Madrid. 1.ª mão: Inter-Real Madrid, 3-1. Final (29 do corrente, em Madrid, e 8 de Maio, em Colónia): Colónia (RFA)-Real Madrid (Espanha).

Itália: o negro totobola

Dez pessoas foram detidas e três dirigentes de clubes de futebol italianos estão sob inquérito devido a possível envolvimento com o escândalo recente de apostas ilegais de Totobola. Giuseppe Marabotto (o magistrado designado para a investigação do caso) afirmou que a rede ilegal de apostas estava sediada em Turim e Roma. Marabotto acrescentou que alguns dos suspeitos detidos tentavam (desde 1985) fixar os resultados de diversos jogos das 1.ª e 2.ª divisões.

A s investigações ainda não detectaram qualquer envolvimento de jogadores com o mais recente escândalo no futebol italiano. Em 1980, alguns dos considerados melhores futebolistas da época foram suspensos por largo período pela Comissão disciplinar da Liga Italiana, devido a alegada ligação com um escândalo semelhante.

Os dirigentes que estão sob inquérito são Italo Allodi (do Nápoles) Tito Corsi (do Udinese) e Franco Janich (do Bari). Allodi demitiu-se já do cargo que exercia no Napóles, após ter sido interrogado.

Slivkovic assina pelo Marselha

O jugoslavo Blaz Sliskovic assinou contrato com o Marselha da primeira divisão francesa de futebol, clube orientado pelo antigo seleccionador nacional Michel Hidalgo. Sliskovic (médio, 27 anos) necessitou de autorização da Federação Jugoslava de Futebol para se transferir para o clube francês e o valor da transferência não foi revelado pela direcção do Marselha.

Inglaterra: Lineker eleito "o melhor"

O avançado Gary Lineker, do Everton, foi eleito o futebolista inglês do ano, ao recolher 80 por cento dos votos dos jornalistas da Imprensa desportiva britânica. Lineker, que marcou um total de 33 golos esta temporada pela sua equipa, é um dos jogadores-chaves da selecção inglesa de futebol para o «Mundial» no México.

O guarda-redes Peter Shilton (Southampton) foi o segundo mais votado, tendo Peter Beardsley (Newcastle) ficado no terceiro lugar.

Esta é a segunda vez consecutiva que um jogador do Everton ganha o galardão, depois do guarda-redes Neville Southall ter conquistado o almejado título o ano passado.

As "estrelas" da noite

Campeões

Sob arbitragem do alemão-federal Roth, alinharem:

Steua: Dukadam; Stefan Ivan, Ilie Barbulescu, Adrian Bumbescu e Miodrag Belodedicitu; Dorel Stoica, Ladislau Boloni e Mihai Balan; Gavrila Balint, Victor Piturca e Marius Lacatus.

Anderlecht: Dirk Vekeman; Gruen, Luka Peruzovic, Morten Olsen e Henrik Andersen; Per Grimann, René Vandereycken, Enzo Scifo e Frank Vercauteren; Juan Lozano (Arnor Gudohnsen, 72) e Erwin Van Der Berg.

Golos: Victor Piturca e Gravilla Balint.

■

Com arbitragem do italiano Casarini actuaram:

Barcelona: Urruti; Sanchis, Migueli, Alessanco e Julio Alberto; Victor, Schuster (Pedrasa, 60), Calderez e Carrasco; Alonso (Clos, 60) e Esteban.

Gotemburgo: Wernersson; R. Nilsson, Larsson (Mordt), Svensson, Fredriksson e Andersson; Petersson, Tord Holmgrem e Tony Holmgrem; T. Nilsson e Elkstrom.

Golos: Alonso (3).

Taças

Com a direcção do jugoslavo Sostaric, as equipas alinharam:

Dukla de Praga: Kostelnik; Bazant, Novak, Fiala e Rada; Lausman, Pelc e Fitzel; Luhovy, Korejcik e Kriz.

Dinamo de Kiev: Tchanov (Mikailov, aos 88 minutos); Bal, Baltacha, Kuznetsov e Demianenko; Rats, Yakovenko e Yaremchuk; Zavarov (Yevtuchenko, aos 84), Bielanov e Blokin.

Golos por Bielanov e Kritz.

Bayer: Vollack; Dalmgen, Herget, W. Funkel e Edvalsson; Bommer, Kliger, F. Funkel e Felives; Gudmunsson e Schafer.

Atlético de Madrid: Mejias; Tomas, Arteche, Ruiz e Clemente; Júlio Prieto, Landaburu, Stien e Marina; Cabrera e Rúbio (Pedraza).

Golos: Rúbio, Cabrera, Júlio Prieto, Schafer e Gudmunsson.

UEFA

Waregem: Wim Deconinck; Pino Decraeye, Marc Millecamps, Ivan Deslover e Franky Fekenne; Armin Gortz, Alain Vanbackel, Dany Veyt e Filip Dsmet; Juvenal Olmos e Liam Buckley.

Colónia: Harald Schumacher; Dieter Prestin, Karl-Heinz Geile, Michel Van de Korput e Paul Steiner; Thomas Hassler, Hans Peter Lehnof, Matthias Honerbach e Uwe Bein; Olaf Janssen e Klaus Allofs.

Golos: Klaus Allofs (3), Dadi Mutombo (2) e Armin Goertz.

■

Sob a direcção do árbitro holandês Jan Keizer as equipas alinharam:

Real Madrid: Agustin; «Chendo», Sanchis (Salguero, 14), Maceda e Camacho; Gordillo (Juadito), Gallego e Gonzalez; Butragueño, Hugo Sanchez e Santillana.

Inter de Milão: Zenga; Bergomi Mandorlini, Baresi e Collovati; Ferri, Fanna, Tardelli e Altobelli (Marini); Brady e Rummenigge (Belnazzani).

Golos: Hugo Sanchez (2), Santillana (2), Gordillo e Brady.

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia dez de Abril de mil novecentos e oitenta e seis, nesta cidade de **Lisboa** e no Sétimo Cartório Notarial, e na Rua de S. Nicolau, número vinte e seis, primeiro, perante mim licenciada Olívia da Conceição Nunes Pinto Capelo Ramos, notária respectiva, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO

PEDRO ZEA MANTERO BELARD, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, casado com a segunda outorgante sob o regime da comunhão de adquiridos, residente na Rua Eduardo Coelho, n.' 23, 1.' Lisboa.

SEGUNDO

MARIA DEL CARMEN ZEA MORALES MANTERO, natural de Espanha, de nacionalidade portuguesa, casada sob o aludido regime com o primeiro outorgante, e com ele residente na referida morada.

TERCEIRO

FRANCISCO XAVIER ZEA MANTERO, natural de Lisboa, freguesia de Alcântara, divorciado, residente em Cascais, no Beco das Terras, n.' 11

QUARTO

PEDRO ANTÓNIO ZEA MANTERO, casado com a setima outorgante sob o regime de comunhão de adquiridos, natural de Lisboa, freguesia de Alcântara, residente em Lisboa, na Rua Agostinho Neto, lote 8, 2.°-F.

MARIA CAROLINA ZEA MANTERO, divorciada, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, residente em Cascais, na Rua Monte Carmo, n.° 3.

SEXTO

MARTA DE ZEA MANTERO, natural da freguesia e concelho de Cascais, solteira, maior, residente na Rua Eduardo Coelho, n.° 23, 1.°, em Lisboa.

SÉTIMO

MARIA JOSÉ DE CARVALHO VIANA BAPTISTA MANTERO, natural de Lisboa, freguesia do Campo Grande, casada com o quarto outorgante sob o aludido regime e com ele residente.

OITAVO

CARLOS FERNANDO OLAVO CORRÊA DE AZEVEDO, natural de Lisboa, freguesia de S. Nicolau, casado com a nona outorgante sob o regime da separação de bens, residente na Rua Santana à Lapa, n.' 180, rés-do-chão esquerdo, em Lisboa.

NONO

MARIA ISABEL CABRAL DE MAGALHÃES OLAVO DE AZEVEDO, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, casada com o oitvo outorgante sob o aludido regime, com ele residente na referida morada.

DÉCIMO

MARIA CECILIA DE OLIVEIRA COELHO DE NORONHA GAMITO, natural de Lisboa, freguesia da Pena, residente na Praça Jose Fontana, n. 9, 6.' esquerdo, em Lisboa, casada sob o regime de comunhão geral com António Manuel Noronha Gamito.

Verifiquei as identidades dos outorgantes pela exibiçao dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, n.'' 127643, de 24/9/985, 128708, de 9/3/984, 356192, de 27/8/984, 2204980, de 26/2/986, 2013558, de 29/3/982, 10491301, de 5/3/985, 5161062, de 26/11/984, 11360, de 19/4/982, 4707963, de 19/4/982, e 2097782, de 13/9/984, todos do Arquivo de Lisboa

E POR ELES OUTORGANTES FOI DITO:

Que, pela presente escritura constituem entre si uma sociedade anónima de responsabilidade limitada que adopta a denominação de "MANTEROHOLDING, SOCIEDADE DE GESTÃO, S.A.R.L.", fica com a sua sede em Lisboa, na Rua de S. Julião, número cinquenta e oito, freguesia da Madalena, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Que, o capital social, inteiramente realizado em dinheiro, o que afirmam sob sua responsabilidade, é de cinco milhões de escudos, dividido em cinco mil acções de mil escudos cada uma, subscritas por eles accionistas como consta do duplicado da guia de depósito efectuado na Caixa Geral de Depósitos, que arquivo em cumprimento do disposto no número três do artigo cento e sessenta e dois do Código Comercial

Que, a sociedade se regerá pelas disposições e nos demais termos constantes do documento complementar anexo, que fica a fazer parte integrante desta escritura, elaborado nos termos do numnero dois do artigo setenta e oito do Código do Notariado, cujo conteúdo todos os outorgantes declaram conhecer perfeitamente pelo que dispensam a sua leitura.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

Foi me exibido o certificado emitido pelo Registo Notarial de Pessoas Colectivas em 17/2/986, que certifica a admissibilidade da denominação adoptada pela sociedade ora constituída. Adverti os outorgantes de que devem requerer o registo deste acto, obrigatoriamente, no prazo de três meses a contar de hoje. Esta escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos, com a advertência constante da parte final do número quatro do artigo vinte e quatro da Tabela Emolumentar em vigor, declarando ainda as partes de que a sociedade tem por objecto a gestão de participações noutras sociedades, como forma indirecta de exercício de actividades comerciais e industriais, e ainda, que são seus órgãos sociais a Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal.

Pedro Zea Mantero Belard
Maria Del Carmen Zea Morales Mantero
Francisco Xavier Zea Mantero
Pedro António Zea Mantero
Maria Carolina Zea Mantero
Marta de Zea Mantero
Maria José Viana Baptista Mantero
Carlos Fernando Olavo Corrêa de Azevedo
Maria Isabel Cabral de Magalhães Olavo de Azevedo
Maria Cecilia de Oliveira Coelho de Noronha Gamito

A Notária
Olívia da Conceição Nunes Pinto

Estatística: Série: A. A. Caderneta: 2352
Verbete: 10
Conta registada sob o n.° 12

ESTATUTOS

CAPÍTULO I
DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJECTO E DURAÇÃO

Primeiro

A sociedade adopta a denominação "MANTEROHOLDING Sociedade de Gestão, S.A.R.L."

Segundo

1. A sede é em Lisboa, onde tem estabelecimento na Rua de São Julião cinquenta e oito, podendo ser transferida para qualquer outro local do território português por simples deliberação do Conselho de Administração

2 O Conselho de Administração poderá instalar ou encerrar estabelecimentos, sucursais ou outras formas de representação social onde houver por conveniente.

Terceiro

A sociedade tem por objecto a gestão de participação noutras sociedades, como forma indirecta de exercício de actividades comerciais e industriais.

Quarto

É proibido à sociedade conceder créditos bem como prestar garantias a débitos contraídos por terceiros.

Quinto

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

CAPÍTULO II
CAPITAL SOCIAL, ACÇÕES E OBRIGAÇÕES

Sexto

O capital social é de CINCO MILHÕES DE ESCUDOS, integralmente subscrito e realizado, e divide-se em acções do valor nominal de mil escudos cada uma

Sétimo

1. O Conselho de Administração poderá elevar, por uma ou mais vezes, até CEM MILHÕES DE ESCUDOS o capital da sociedade, qualquer que seja a forma por que o aumento ou aumentos se efectivem

2. Salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral, na subscrição de novas acções terão preferência os titulares de acções de emissões anteriores, na proporção das que ao tempo possuírem

Oitavo

1. As acções são nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis.

2. Poderá haver títulos representativos de uma, cinco dez, vinte, cinquenta, cem ou mais acções

3. Os títulos, definitivos ou provisórios, representativos das acções conterão as assinaturas de dois administradores, uma das quais pode ser por chancela

Nono

A sociedade não reconhece mais de um proprietário por cada acção; na hipótese de acções pertencentes a mais de uma pessoa, deverão os seus proprietários escolher de entre si um que os represente junto da sociedade.

Décimo

1. Na venda de acções da sociedade a quem dela não seja accionista, os restantes accionistas gozam do direito de preferência, salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral.

2. Fica desde já autorizada, renunciando os restantes accionistas ao direito de preferência que lhes cabe, a venda pelo accionista Pedro Zea Mantero Belard a José Artur Zea Mantero de cem acções.

Décimo Primeiro

A Sociedade pode emitir obrigações, nominativas ou ao portador, nas condições e dentro dos limites que, de acordo com a lei, a Assembleia Geral delibere, mas, salvo deliberaçao em contrário, sempre com direito de preferência por parte dos accionistas

CAPÍTULO III
ASSEMBLEIA GERAL, CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E CONSELHO FISCAL

SECÇÃO I
ASSEMBLEIA GERAL

Décimo Segundo

1. Cabe o direito de voto a todo o accionista a quem pertença um número de acções não inferior a cem e que tenha, até oito dias antes da data da respectiva reuniao da Assembleia Geral, pelo menos essas acções averbadas ou registadas ou depositadas em seu nome na sede social ou em estabelecimento de crédito designado pelo Conselho de Administração, conforme forem nominativas ou ao portador.

2. Os accionistas que não possuírem o número mínimo de acções acima referido poderão agrupar-se de forma a completá-lo, desde que as suas acções se encontrem nas condições estabelecidas no número anterior, devendo fazer-se representar por um só deles, cujo nome será indicado com dois dias de antecedência em relação ao que tiver sido designado para a reunião da Assembleia Geral, em carta dirigida ao presidente da mesma.

3. Por cada cem acções nas condições estabelecidas no número um deste artigo contar-se-á um voto, e cada accionista representará tantos votos quanto os correspondentes às acções que em seu nome estiveram averbadas, registadas ou depositadas

Décimo Terceiro

A mesa da Assembleia Geral é composta por um presidente e dois secretários, eleitos de entre os accionistas.

Décimo Quarto

1 As reuniões ordinárias da Assembleia Geral realizar-se-ão nos três meses subsequentes ao termo de cada ano social, e as reuniões extraordinárias quando deverem ter lugar nos termos da lei

2. A Assembleia Geral reunir-se-á na sede social ou em qualqur outro lugar do território português, conforme o Conselho de Administração propuser com o assentimento do presidente da mesa ou de quem o substitua.

Décimo Quinto

O accionista com direito de voto poderá fazer-se representar por outro accionista com igual direito, mediante carta dirigida ao presidente da mesa.

Décimo Sexto

1. A Assembleia Geral poderá funcionar em primeira convocação quando estejam presentes ou representados accionistas cujas acções correspondam à maioria absoluta do capital social.

2. Em segunda convocação, poderá a Assembleia Geral funcionar e deliberar validamente qualquer que seja o quantitativo do capital representado.

3. Ficam salvo os casos excepcionais estabelecidos por lei imperativa.

SECÇÃO II
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Décimo Sétimo

1. A administração da sociedade é exercida por um Conselho de Administração composto por três, ou cinco membros, os quais escolherão de entre eles um presidente.

2. Ao presidente incumbe convocar e dirigir as reuniões do Conselho de Administração.

3 O Conselho de Administração tem a faculdade de nomear os substitutos de qualquer dos seus membros impedidos de exercer as respectivas funções ou cujo mandato tenha sido renunciado Os substitutos preencherao os cargos dos substituidos, sendo o impedimento temporário, até que ele cesse e, sendo o impedimento definitivo ou havendo renuncia do mandato, até ao termo da duraçao normal do mandato do inicialmente substituído sem prejuízo de livre revogabilidade do mesmo mandato pela Assembleia Geral.

4 Os membros do Conselho de Administração são dispensados de prestar caução.

Décimo Oitavo

1 O Conselho de Administração reúne-se, pelo menos uma vez por mês, e alem disso, sempre que o respectivo presidente o convoque, por iniciativa própria, ou a pedido da maioria dos membros do Conselho ou a pedido do Conselho Fiscal ou de quem o substitua.

2. As deliberações do Conselho de Administração são tomadas por maioria de votos, cabendo ao presidente, no caso de empate, voto de qualidade.

3. Qualquer dos membros do Conselho de Administração pode, nas respectivas reuniões, fazer-se representar por outro, mediante simples carta, ou expressar por escrito o seu voto sobre assuntos determinados.

Décimo Nono

Compete ao Conselho de Administração exercer em geral os mais amplos poderes de gerência, representando a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, assim como praticando todos os actos tendentes à realização do objecto social, e em especial:

a) adquirir, alienar e obrigar por qualquer forma acções, partes sociais ou obrigações de outras sociedades, bem como quaisquer outros bens móveis;

b) adquirir bens imóveis e aliená-los ou obrigá-los por quaisquer actos ou contratos, ainda que de constituição de garantias reais,

c) confessar, desistir ou transigir em quaisquer acções bem como comprometer-se em Árbitros;

d) constituir mandatários nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 256.° do Código Comercial ou para quaisquer outros fins,

e) desempenhar as mais funções previstas nestes estatutos e na lei.

Vigésimo

A sociedade fica obrigada pela assinatura do presidente do Conselho de Administração, pelas assinaturas conjuntas de dois administradores ou de um administrador e de um procurador com poderes bastantes, e ainda pela só assinatura de um procurador com poderes bastantes, se tal constar expressamente da respectiva procuração.

SECÇÃO III
CONSELHO FISCAL

Vigésimo Primeiro

1. A fiscalização de todos os negócios sociais incumbirá, salvo o caso previsto no número seguinte, a um Conselho Fiscal, com as atribuições expressas nestes estatutos e na lei, composto por três membros efectivos e dois suplentes, que poderão ter ou não a qualidade de accionistas da sociedade, devendo um deles ser designado como presidente na Assembleia Geral.

2. A Assembleia Geral poderá confiar a uma sociedade de revisão de contas o exercício das funções do Conselho Fiscal, não procedendo então à eleição deste.

SECÇÃO IV
DISPOSIÇÕES COMUNS

Vigésimo Segundo

1. Os membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, assim como o presidente e o secretário da mesa de Assembleia Geral, serao por esta eleitos de três em três anos, sendo permitida a sua reeleição uma ou mais vezes

2 No caso de empate em eleição para o preenchimento dos diversos cargos sociais, será escolhido o accionista que possuir maior número de acções e, sendo igual este numero, preferirá o mais velho

Vigésimo Terceiro

1. Os membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal auferirão as remunerações mensais que lhes forem fixadas por uma comissão constituida por três accionistas, especialmente eleita para o efeito, de três em três anos, pela Assembleia Geral, sendo permitida a reeleição uma e mais vezes.

2. A comissão referida no número anterior poderá fixar, além das remunerações mensais ali mencionadas, a participação dos lucros a atribuir aos membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

3. O exercício do cargo de membro de comissão de remunerações é incompatível com o de membro dos Conselhos de Administração ou Fiscal.

CAPÍTULO IV
EXERCÍCIOS SOCIAIS E APLICAÇÃO DOS RESULTADOS

Vigésimo Quarto

O ano social é o civil.

Vigésimo Quinto

Os lucros, líquidos, comprovados pelo balanço e apurados em cada exercício, depois de feitas as provisões ou reintegrações que o Conselho de Administração julgue convenientes e de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal, enquanto não estiver realizado ou sempre que for necessário reintegrá-lo, serão aplicados na constituição ou reforço de fundos ou em outros fins julgados convenientes aos interesses sociais e para dividendo aos accionistas, conforme for deliberado pela Assembleia Geral

CAPÍTULO V
DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO

Vigésimo Sexto

A sociedade poderá dissolver-se por deliberação da Assembleia Geral tomada pelos votos conforme de, pelo menos, setenta e cinco por cento do capital social e dissolver-se-á ainda nos demais casos que a lei prevê.

Vigésimo Sétimo

Dissolvida a sociedade, proceder-se-á extrajudicialmente à respectiva liquidação e, salvo deliberação em contrário tomada de harmonia com o § 1 do artigo 131.° do Código Comercial, serão liquidatários os membros do Conselho de Administração que estiverem em exercício, os quais terão, além das atribuições mencionadas nos diferentes números do artigo 134.° daquele Código, todos os poderes abrangidos nos §§ 1.° e 2.° do mesmo Código.

CAPÍTULO VI
DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Vigésimo Oitavo

As pessoas colectivas associadas serão representadas no exercício dos seus direitos sociais pela pessoa que para tanto indicarem por carta registada dirigida à sociedade.

Vigésimo Nono

Para todas as questões emergentes destes estatutos, designadamente as relativas à validade das respectivas cláusulas e ao exercício dos direitos sociais entre os accionistas e a sociedade ou entre esta e os membros dos seus corpos gerentes ou liquidatários, é exclusivamente competente o foro da Comarca de Lisboa

Trigésimo

Ficam desde ja nomeados para servirem até ao final do exercício de mil novecentos e oitenta e oito, as seguintes pessoas para os cargos adiante indicados:

Conselho de Administração
Dr. Pedro Zea Mantero Belard
Dr. Francisco Xavier Zea Mantero
Pedro António Zea Mantero
Mesa da Assembleia Geral
Presidente
Dr. Carlos Fernando Olavo Corrêa de Azevedo
Secretarios
Dr.ª Maria Isabel Cabral de Magalhães Olavo de Azevedo
D. Maria Del Carmen Zea Morales Mantero

Conselho Fiscal — Nos termos do artigo 21.° n.° 2, dos Estatutos, o exercício das respectivas funções é confiado à sociedade de revisão de contas denominada "A. Gonçalves Monteiro & P. Oliveira Veloso".

O general Firmino Miguel presidiu às festividades em Mafra

Nosso Exército faz desporto

Comemorou-se no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (CMEFED), em Mafra, o dia festivo do Serviço de Educação Física do Exército (SEFE). Presididas pelo vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Firmino Miguel (em representação do chefe do Estado-Maior do Exército), as cerimónias constaram da leitura de mensagens, imposição de condecorações e desfile das forças em parada, a que se seguiu uma visita às instalações do CMEFED e um encontro de futebol de cinco entre equipas da direcção do Serviço e do CMEFED.

O Serviço de Educação Física do Exército, para além das suas tarefas essencialmente militares, tem vindo a desenvolver importantes acções de cooperação com entidades civis de que se apontam alguns exemplos: abertura a elementos civis dos cursos de treinadores e árbitros de andebol, atletismo, voleibol, futebol e orientação, em colaboração com o Instituto Nacional de Desportos; funcionamento de centros de ensino de equitação essencialmente destinados à juventude, em Braga e Estremoz; frequência dos cursos de instrutores e monitores de equitação, realizados no CMEFED, por civis indicados pela Federação Equestre Portuguesa e pelo Centro Nacional de Produção Cavalar; apoio às actividades da Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno; cedência de éguas (para estudos com embriões) à unidade de Évora; abertura de diversos pavilhões gimnodesportivos e outras instalações desportivas à prática desportiva civil federada e apoio à juventude da vila de Mafra (pelo CMEFED) através do ensino de equitação, natação, atletismo e desportos colectivos.

Pentatlo moderno: Luís Monteiro vai ao "mundial"

Luís Monteiro obteve os mínimos fixados para o campeonato mundial de pentatlo moderno (4500 pontos) ao somar 4502 pontos durante o «meeting» qualificativo, que decorreu na semana passada em Paris. Monteiro, que foi o pentatleta português melhor classificado nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (ao terminar na 42/a posição), esteve em evidência na prova de natação, onde obteve 1040 pontos e assegurou a presença no «mundial» de Roma, a realizar em Agosto.

Portugal foi ainda representado pelo júnior Gonçalo Durão (19 anos) que ficou aquém dos mínimos, mas somou 4466 pontos em provas fixadas para o escalão sénior. Gonçalo Durão dispõe de nova tentativa para obtenção dos mínimos, durante o «meeting» de Inglaterra, marcado para Birmingham durante o mês de Junho.

Entretanto, a Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno organiza, de 21 a 25 de Maio, o «meeting» de Lisboa.

"Gandulas": 2.ª, em Sacavém

Pela 5.ª vez em terra portuguesa, vai realizar-se a festa da entrega dos troféus «Gandula», uma iniciativa (tocada de todo o sentimento e digna do aplauso mais rendido) do jornalista Wilson Brasil («Gazeta dos Desportos» e Rádio Comecial) que, exclusivamente movido pelo ideal de «homenagear em vida», anualmente escolhe os nomes mais em evidência nos diferentes campos da vida desportiva portuguesa e internacional.

Como vem sendo tradicional, a festa de entrega dos «Gandulas» constitui um momento alto do nosso ano desportivo: o «show» já aconteceu no pavilhão benfiquista do Estádio da Luz, em Viseu, em Coimbra e em Sacavém. Na próxima 2.ª feira, volta o magnífico recinto do Sacavenense a ser palco desta meritória e generosa realização de Wilson Brasil, com atracções musicais no cartaz e, no desfile dos premiados, muita gente conhecida, enquadrada em festival que «o mestre dos comentaristas» sempre esmeradamente prepara e consegue erguer.

Realçamos, com orgulho, que Neves de Sousa (responsável pelo sector desportivo do nosso jornal) será distinguido com o prémio máximo: o «Gandulão», que é prémio para quem, nas cinco edições, sempre mereceu o troféu. Wilson Brasil justifica assim a outorga dessa bonita estatueta: «**Neves de Sousa: mais um ano de extraordinário fulgor, numa carreira que tem sido traçada pela perseverança no êxito constante. Respeitado, a sua opinião é recebida como legítima lição, por seus vastos conhecimentos**». Recebendo o «Gandulão» como «**comentarista do ano**» o nosso camarada de trabalho faz questão de alongar o prestígio do prémio ao próprio Wilson Brasil: só um grande, um enorme coração, poderia espalhar felicidade e amizade a jorros, entre todos quantos conhecem a forma de estar na vida de um verdadeiro homem bom. Cidadão, jornalista e radialista a quem os colegas escutam em silêncio para aplaudirem de pé.

Bibliografia desportiva

«Foot»

Mensalmente a «Foot» pode considerar-se um oásis ao dispor do entusiasta pelas coisas do desporto que não quer limitar-se ao vulgar noticiário de resultados e classificações, antes procura conhecer melhor as «nuances» do mais belo jogo de conjunto que se pratica por aí fora e, igualmente, aperceber-se do perfil das «estrelas» dos relvados e do meio ambiente em que evoluem.

Dirigida pelo «internacional» belenense Norton de Matos e tendo o jornalista João Querido Manha como chefe de Redacção, a «Foot» é colocada em todas as bancas pela Interpress (Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas) o que é garantia de correspondência ao louvável esforço desenvolvido pela turma de uma revista jovem, toda virada para a frente em matéria de Informação dentro de um específico campo de acção: o tal que aglutina multidões.

Modalidades

Grande Prémio de Loures

O 7.º «Grande Prémio» em Ciclismo de Loures, primeira prova por etapas do calendário nacional inicia-se amanhã, em Camarate, com a participipação de todas as equipas profissionais portuguesas. A corrida, organizada pelo Grupo Desportivo de Lousa, com o apoio do Município de Loures, integra-se nas comemorações do 12.º aniversário do 25 de Abril e do centenário da Fundação do Município.

O «Grande Prémio» terá cinco etapas, sendo duas de estrada, dois circuitos e um contra-relógio, no total de 450 km. O calendário da corrida é o seguinte:

- Dia 18: 1.ª etapa, 9 horas: Camarate-Moscavide (100 km); 2.ª etapa, 17 e 30 horas: Circuito Codivel (75 km).
- Dia 19: 3.ª etapa, 08 e 30 horas: Prior Velho-Pontinha (160 km).
- Dia 20: 4.ª etapa, 09 horas: contra-relógio individual, Loures-Loures (35 km); 5.ª etapa, 17 e 30: Circuito St. Ant. Cavaleiros, 20 voltas (80 km).

Acácio da Silva: 12.º

Acácio da Silva classificou-se em 12.º lugar na «clássica» Flecha Walone, disputada ao longo de 246 quilómetros, e ganha pelo francês Laurent Fignon. Acácio da Silva chegou com mais 3 minutos e 38 segundos que o vencedor que cobriu o difícil percurso em 6 horas, 24 minutos, 39 segundos. Iniciaram a prova 259 ciclistas e Fignon começou a saborear a vitória a 14 quilómetros da meta, quando deixou para trás o dinamarquês Kim Andersen, que com ele fugira ao quilómetro 208 da prova.

Boxe em Campo de Ourique

Realiza-se amanhã (21.30 h), no pavilhão do Sport Lisboa e Campo de Ourique a 6.ª sessão do Campeonato de Lisboa (Série B e iniciados), com o seguinte programa de combates: Elias de Sousa (1.º de Maio)-Avelino Monteiro (Belenenses); Fernando Gomes (Sporting)-Abílio Alves (E. Amadora); Eduardo Correia (Sporting)-Carlos Antero (Musgueira); Luís Fragoso (E. Amadora)-David Manuel (Vitória); Luís Santos (Brandoense)-Avelino Mendes (Belenenses); Artur Jorge (Musgueira)-João Nóbrega (Musgueira); Jorge Lopes (1.º Maio)-Paulo Jorge (Musgueira) e António Santos (E. Amnadora)-Jorge Rocha (Brandoense).

Divulgados hoje os mínimos para Seul

Concluído o trabalho preliminar da Comissão Técnica do Comité Olímpico Português (junto das Federações) e obtido consenso já ao nível da Comissão Executiva, pode de imediato proceder-se à divulgação pública dos critérios e mínimos olímpicos estabelecidos para os Jogos de Seul, em 1988, com entrada em vigor a partir deste mês de Abril.

Para tanto o COP fez convite formal para a conferência de Imprensa que terá lugar na sede do Comité pelas 17.30 horas de hoje com prestação de esclarecimentos julgados necessários e distribuição de documentação adequada.

Relembra-se, a propósito, que a Comissão Técnica lançada em 1986 é presidida pelo vice-presidente do COP (prof. A. Celorico Moreira) e composta pelos profs. Manuel Robalo Gouveia, José Sacadura, Costa Matos e Fernando Mota, sendo secretariada pelo prof. Jorge Adelino Soares.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 16 DE 20 DE ABRIL DE 1986

Diário de Lisboa X11 X11 XXX 1XX1; Jornal da Beira 211 111 XX2 1X12; Correio do Vouga 211 111 X22 1211; Jornal «A Defesa» X11 111 XX1 X112; Diário de Coimbra X11 11x XX2 1X11; O Dia 111 11X 122 X11X; O Diário 11X X1X 112 X211; Diário de Viseu X11 111 X22 X222; Folha do Domingo 211 111 122 XXX2; Ecos do Cacia 211 111 X1X 111X; O Emigrante 211 11X X22 X1XX; Gazeta de Felgueiras X11 112 2X2 1XX2; Rádio Totobola X1X 111 X12 12XX; Linhas de Elvas 111 11X X1X X112; Litoral X11 111 XX2 1112; Maria da Fonte X11 11X X22 12X2; O Mensageiro 211 11X XX2 1X1X; Notícias de Viseu 211 11X 12X 1X22; Clube da Manhã X11 111 X2X 2X12; RDP /Manhã Manhã X11 111 X22 1XX1; RDP /Secção Desportiva 211 11X 122 121X; RDP / Tempo de Desporto 111 111 122 12XX; Boomerangue X11 111 1X2 122X; Programa da Manhã 21X 11X 12X X2X2; Canal Mais X1X 112 X22 1X2X; Fotogramas 111 111 1XX 1XXX; Palavra Puxa Palavra 211 11X 1XX 2221; Fora de Jogo 211 111 1XX 1X22; Grande Sábado 211 11X 1XX 2X2X; Sintonia Desportiva 211 111 1XX 1X2X; Bola ao Centro 2XX 11X 122 2XX2; RR-Diário do Desporto X1X 111 12X 11XX; RR -Bola Branca 211 11X 2X2 1X12; Notícias de Guimarães X11 11X 2X2 1112; Notícias de Gouveia 111 111 XX1 2121; Correio de Coimbra X11 111 X2X 12XX; Reconquista 211 111 12X 1211; Desporto Regional X11 11X XX2 1X22; Notícias do Douro 211 X1X 1X1 XXXX; Jornal de Santo Tirso 111 XX1 XX1 1121; Jornal de Amarante X11 111 122 1XXX; No Estúdio e no Estádio X11 X1X X2X 121X; O Jornal da Lixa X11 X1X 1X2 11XX; Voz do Ave 211 111 1XX 1XXX; Rádio Sports X11 111 112 1122; Defesa de Espinho X11 111 X21 1211; Notícias de Felgueiras 211 111 XXX 1X1X; O Jornal de Felgueiras 21X 11X X22 1XX2; RR-Desporto 111 111 XX2 1X11; Jornal de Sintra 211 11X 122 11X2; A Voz do Domingo X11 111 1XX 1211; Voz de Lamego 211 111 1X2 111X; Penalti 111 111 122 1111; A Comarca de Arganil X11 111 X22 12XX; Cardeal Saraiva 211 1X1 X2X 122X; Dribling 111 111 1X2 1X12; A Ordem 111 111 1X2 1x11; Fim de Semana Desportivo X11 11X X2X 12X2; Rádio Guarda X11 X21 11X 1X12; Panorama Desportivo X21 X11 1X1 XX1X; Horizonte 211 111 11X 2111; Jogo 21X 112 221 12X1; Comércio de Leixões 211 111 122 1XX2; De Tudo um Pouco 211 111 X11 X11X; Jornal de Gaia X11 XX1 X1X X1XX; Jornal da Graça 211 111 XX2 1111; Jornal de Notícias X11 111 XXX 1X11; O Primeiro de Janeiro X11 11X 22X 121X; Quadrante Norte X11 111 122 1112; Repórter do Dia 211 111 1XX 1111; Resenha Desportiva X11 X11 XX2 1X11; Alvo Desportivo 111 X1X 1XX 1111; Rádio Alvo 111 111 1XX 111X; Alvo 211 111 1X1 1X12; Alvo Suplemento X11 X1X 112 1111; A Voz dos Ridículos 111 111 12X 1111; Rádio Placard 111 21X 122 11XX; Estúdio 64 111 21X 11X 1X11; A Arte de Bem Madrugar X1X 1X2 121 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Boavista-Benfica	16	33	30	2	5	5
2. Sporting-Salgueiros	77	1	1	10	1	1
3. Braga-Chaves	70	9	0	11	1	1
4. Académica-Aves	65	12	2	8	3	1
5. Belenenses-Penafiel	75	3	1	10	1	1
6. Marítimo-Setúbal	48	28	3	7	4	1
7. Portimonense-Guimarães	40	33	6	6	5	1
8. Espinho-Rio Ave	11	36	32	2	5	5
9. Vianense-Vizela	9	30	40	1	5	6
10. Águeda-Elvas	61	12	6	9	2	1
11. U. Leiria-Feirense	27	32	20	4	5	3
12. Montijo-U. Madeira	41	25	13	5	4	3
13. Oriental-Estoril	25	29	25	4	4	4

(*) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
X11 111 1X2 1X1X

Benfica: protesto improcedente

O Conselho de Justiça da Federação de Futebol considerou improcedente o protesto apresentado pelo Benfica referente ao jogo que realizou com o Salgueiros, em Vidal Pinheiro. O mesmo aconteceu em relação aos protestos que diziam respeito aos embates Guarda-Santa-combadense e Nacional-Montijo.

Porém, o m esmo Conselho deu procedência aos protestos dos jogos Moreirense-Leixões (retirando-se as penalidades que tinham sido aplicadas ao Moreirense)e Amora-Comércio e Indústria (ficando os amorenses livres da suspeita de terem alinhado com três estrangeiros).

Andebol: Federação equacionada

O Académico Basket Clube de Braga (ABC) decidiu solicitar **um inquérito urgente à degradação intencional e sistemática do andebol português, corporizada pelos responsáveis do órgão máximo da modalide.**

O ABC foi multado em 20.000 escudos e castigado com a interdição do seu pavilhão em cinco jogos pela Federação Portuguesa de Andebol (FPA) **tendo em consideração que foi a 6.ª vez que foi multado pela actuação do seu público,** desta vez no encontro frente ao Sporting, segundo o comunicado da FPA. Desta forma, o encontro Académico de Braga-Benfica realiza-se (no próximo sábado) no Pavilhão da Académica de S. Mamede.

O ABC considera **agoniantes os momentos vividos nos pavilhões Flávio Sá Leite, em Braga (ABC-Sporting) e Restelo, em Lisboa (Belenenses — ABC) que são prova insofismável de que, quando o poder não está em mãos justas e honestas a prática desportiva deixa de ter razão de existir.**

Para o ABC, o problema não está em quem é mandado (árbitros), mas sim em quem manda, **«nem no facto de castigar clubes, atletas, ou dirigentes, mas sim nas causas intencionais perpetadas pelo organismo federativo para a degradação da modalidade».**

Portalegre: brilha outro Estrela

A crise directiva do Estrela de Portalegre ficou resolvida em assembleia geral, uma das mais concorridas de sempre, com a eleição dos novos corpos gerentes do clube. O símbolo portalegrense estava a ser dirigido há cerca de 20 dias por uma Comissão administrativa, após o anterior presidente da direcção se ter demitido.

Às eleições concorreu apenas uma lista, da qual constam figuras conhecidas, não só no distrito de Portalegre como também a nível nacional. Assim, Júlio Miranda Calha (ex-secretaário de Estado dos Desportos) ficou a presidir à assembleia geral, enquanto à frente da direcção ficou Álvaro Ricardo Nunes, que foi candidato a Presidente da República nas últimas eleições.

Uma fonte do Estrela de Portalegre afirma que os novos dirigentes da colectividade estão a encarar a hipótese de conseguir um «plantel» para a próxima época futebolística que possa disputar a subida à 1.ª divisão nacional.

O Estrela de Portalegre, que ocupa o 4.º lugar na tabela classificativa do campeonato nacional de futebol (Zona Centro) utilizará, na próxima época, o Estádio Municipal da cidade, cujo relvado será em breve inaugurado.

Dois mil ginastas em representação de 30 colectividades de todo o País, desfilaram no Pavilhão Carlos Lopes, palco da VI Sporgina (festival nacional de ginástica de manutenção, que tem a particularidade de reunir atletas com mais de 30 anos). Organizado pelo Sporting, o festival foi incluído nas comemorações dos 80 anos do clube de Alvalade.

Justiça ainda a tempo

Carlos Valente vai arbitrar no Mundial

Quando já ninguém o imaginava possível, pois a escolha foi feita há cerca de dois meses e a dupla apresentada por Portugal (Rosa Santos ou Raul Nazaré) fora recusada pelo Comité de Arbitragem da FIFA, a grande surpresa chegou esta manhã: por voluntária abdicação de um juiz da Escócia, o seu lugar, no «mundial» do México, passa a pertencer ao setubalense Carlos Valente que, ainda no último domingo, rubricou soberba exibição na direcção da partida Benfica — Sporting.

Covilhã: prossegue Vieira Nunes

O treinador Vieira Nunes assinou por mais uma época, para orientar a equipa principal do Sporting da Covilhã. Os jogadores Pereira (defesa central), Isima (médio), Maurício (ponta-de-lança) e Martins (guarda-redes) rescindiram o contrato que os ligava ao clube. O brasileiro Niromar renovou o seu contrato por mais uma época.

Companhias aéreas jogam futebol

Vinte e oito equipas, em representação de companhias aéreas de vários países, vão disputar, na Figueira da Foz, um torneio de futebol, promovido pelo Interline Clube de Portugal. O torneio, que decorre de 22 a 27 do corrente, terá a participação de árzitros como Raul Nazaré, Alder Dante, Ezequiel Feijão e Veiga Trigo. Uma equipa do Interline Clube de Portugal conquistou, no ano passado, o 3.º lugar num torneio idêntico.

Europeu: juniores

O primeiro jogo de Portugal no europeu de futebol para juniores B (menos de 16 anos), com a Escócia no dia 1 de Maio, será dirigido pelo árbitro sueco Karlsson. Segundo a lista de nomeações para as primeiras partidas do campeonato (divulgado pela UEFA) a partida Portugal-Grécia, que terá lugar a 3 de Maio, será arbitrada pelo checoslovaco Gregr. A UEFA não designou ainda o juiz para o encontro que vai pôr frente a frente portugueses e italianos, a 5 de Maio. Por seu lado, o árbitro Carlos Valente (de Setúbal) dirige, no dia 1 de Maio, o embate entre a República Democrática Alemã e a Áustria.

UEFA: presidência

Georges vai assumir a presidência da UEFA no congresso da organização, que se inicia a 24 deste mês, em Cascais, depois de já ter sido informado que a sua candidatura foi a única a ser apresentada. Georges continuará assim mais quatro anos à frente da União Europeia de Futebol, lugar que vem ocupando desde o falecimento do italiano Artemio Franchi.

Microscópio

Basquetebol: europeu

A selecção nacional que está a participar em Reykjavik (Islândia) na fase de qualificação do Europeu do Grupo C, defronta hoje, na 3.ª jornada da competição, a Islândia. Recorde-se que a turma portuguesa, que ontem descansou, foi batida na ronda inaugural pela Escócia, por 67-65.

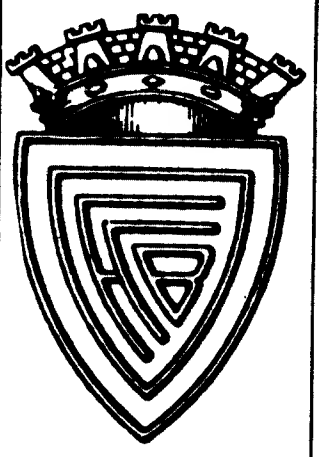
Golfe: circuito português

António Dantas (Quinta da Marinha) ganhou a 1.ª volta da 3.ª prova do Circuito Profissional Português de Golfe, que está a disputar-se no Clube de Campo da Aroeira (Costa de Caparica). António Dantas fez o percurso de 18 buracos com 75 pancadas (três acima do par do campo), menos uma que os segundos classificados Rogério Valente (Quinta do Lago), Fernando Folha e Carlos Agostinho (Oporto Club), Carlos Aleixo (Estoril) e João de Sousa (Clube Santo da Serra da Madeira). Nas posições imediatas ficaram Henrique Paulino (77), Luís Espadinha (78) e Augusto Paulino (79).

A 3.ª prova para atribuição da «Ordem de Mérito» do golfe profissional português tem quatro voltas, terminando no sábado, e tem 366 contos em prémios monetários, cabendo ao vencedor 66 mil escudos. Participam na prova 25 profissionais portugueses. As duas primeiras competições da «Ordem de Mérito» disputaram-se nos campos de Palmares e de Tróia.

Benfica: "o maior" em cassete

Cantar em disco o Sport Lisboa e Benfica, especialmente no tocante às suas proezas futebolísticas, tem sido bom negócio através dos tempos: isso já sucedeu com o extinto Conjunto Sem Nome dirigido por Rui Nunes) tal como com Mário Simões (compositor e pianista bem popular). Agora, em cassete, é João Moutinho quem surge no mercado comandando «O maior», espécie de hino ao Benfica que envolve outros trechos musicais: «As palavras de amor não se escolhem» «O fruto sempre proibido», «Tributo a Florbela Espanca», «Sonhos de inverno», «De improviso» e «Dinheiro? Não há». Como se nota pela simples amostra junta, trata-se de um produto sem outras ambições que não seja orientar a bússula para o adepto musical sem grandes exigências mas, basicamente, apaixonado pelo símbolo benfiquista.



Barreirense: um sarau a não perder

Continua a grande festa barreirense: no sábado, pelas 21 horas, no ginásio-sede do Futebol Clube Barreirense, processa-se um sarau de ginástica integrado nas comemorações das brilhantes bodas de diamante do clube do D. Manuel de Melo.

Neste sarau vão participar classes do Sporting Clube de Portugal, Cimpor (de Alhandra), Grupo Desportivo da Quimigal, Sociedade Filarmónica R. U. Alhosvedrense e, logicamente, da colectividade homenageada. A este sarau dá o seu apoio a «Coca-Cola».

O Futebol Clube Barreirense tem cerca de 900 praticantes de ginástica, distribuídos por 26 classes. Este ano, iniciou-se a ginástica de competição nos torneios organizados pela Federação Portuguesa da modalidade, já com óptimas classificações, nomeadamente aos 3º e 5ºníveis de graduação dos atletas.

—Colectividades—

Clube Oriental de Lisboa

O Clube Oriental de Lisboa vai reunir amanhã, pelas 21 horas, em Assembleia Geral (sessão ordinária), com a seguinte Ordem de Trabalhos: apresentação e votação do Relatório e Contas de 1985; e eleição dos novos Corpos Gerentes. Posteriormente, reunirá, em sessão extraordinária, para apreciação da suspensão de dois associados, por motivos disciplinares.

Cadorin versus Proust

Serge Cadorin nasceu em Stavelot (Bélgica), a 7 de Setembro de 1961. Encontra-se em Portugal desde há três anos e sente-se feliz por envergar a camisola do Portimonense. Anteriormente vestiu as cores do FC Liége e do Borussia Monchengladbach. Internacional em «esperanças» por quatro vezes, o jogador belga é casado e pai de uma miúda de dois anos (Sandy).

- Qual é, para si, o cúmulo da miséria?
  A existência da fome.
- Onde gostaria de viver?
  No Brasil.
- O ideal da felicidade terrena?
  Conseguir realizar-me profissionalmente e viver bem com a família.
- Tem «heróis» de romances?
  Não costumo ler.
- Figura histórica que distingue?
  Ninguém em especial.
- Personagem que salienta na vida real?
  Broock Shields.
- Tem pintores preferidos?
  Picasso e Miguel Ângelo.
- Músicos favoritos?
  Os Supertramps.
- Qualidade preferida no homem?
  A franqueza.
- A sua virtude maior?
  Honestidade.
- Qual a sua ocupação preferida?
  Jogar futebol.
- Quem gostaria de ter sido?
  Pelé.
- Principal traço do seu carácter?
  Sinceridade.
- O que mais aprecia nos seus amigos?
  Honestidade.
- Principal defeito?
  Dizer sempre aquilo que penso na frente da própria pessoa, ainda que, por vezes, isso me prejudique.
- Cor preferida?
  O azul.
- Autores favoritos em prosa?
  Nenhum em especial.
- Que poetas costuma ler?
  Nenhum.
- Os nomes preferidos?
  Carine e Sandy.
- O que mais detesta?
  A guerra.

DL CINEMA CRÍTICA

Hanna Schygulla e Bettina Gruhn em **«História de Piera»**: *Ferreri de volta a um cinema envolvente e perturbador*

"História de Piera" de Marco Ferreri

Jorge Leitão Ramos

Durante muito tempo é a desordem, o insólito (o escândalo?) de uma mulher para quem a moral não existe. Será que serenamos quando há uma «explicação» psiquiátrica em cena? Não, claro que não...

É isso que faz deste filme um objecto perturbante. O excesso de amor físico, a alegria dolorosa de uma mulher que pedala pela vida a consumir-se numa euforia sem morada, com um marido comunista que morrerá sozinho e ante os olhos de uma filha que se não sabe se a ama, a admira, a deseja imitar ou simplesmente sofre também de embriaguez pelo imprevisto.

Longos anos e muito filmes tem dedicado Marco Ferreri a falar do desejo e das suas angústias. Longos anos e muitos filmes foram ocupados por uma espécie de doença assombrosa e assombradora — até chegar ao patético **«Contos da loucura normal»**. Agora Ferreri, pela primeira vez segundo me lembro, tem em mãos um personagem de facto doente (isto de um ponto de vista clínico) e **«História de Piera»** é um filme são, positivo, cheio de ar, de mar e de esperança. Como se depois da dor houvesse calmaria. E, no entanto, esta fita incomoda, dir-se-ia que aquelas duas mulheres, inteiras, enormes, impossíveis e impossuíveis, são a Mulher naquilo que de mais vertiginoso e turbulento tem. **«História de Piera»** incomoda porque elas são o esvaziamento masculino, a morte anunciada para a iniciativa preponderante do macho, o prazer da posse e do domínio ao inverso? Quem isto escreve é um homem, raramente um filme põe questões tão fundas que a personalidade de quem vê — e ora escreve — seja determinante na emissão de um juízo crítico...

Sei, porém, que **«História de Piera»** me reconciliou com Ferreri. Ele volta a agarrar as coisas sem tergiversar e sem folclore, volta a fazer no espectador: a digestão não é fácil mas a fome nunca fica saciada.

Hanna Schygulla, Isabelle Huppert e Marcello Mastroianni formam a tríade de actores em quem todo o filme se centra. E, leitor, há cenas inesquecíveis onde se materializam as imagens fabulosas que Herberto Helder, um dia, sobre os actores escreveu.

FICHA:
ítulo original: Storia di Piera.
Realização: Marco Ferreri (Itália-França-RFA — 1983).

Argumento: Piera Degli Esposti, Dacia Maraini, Marco Ferreri.
Fotografia: Ennio Guarnieri.
Cenários: Francesco Frigeri, Luciana Levi.
Música: Philippe Sarde.
Montagem: Ruggero Mastroianni.
Interpretação: Isabelle Huppert (**Piera**), Hanna Schygulla (**Eugenia**), Marcello Mastroianni (**o pai**), Bettina Gruhn (**Piera, em criança**), Tanya Lopert (Elide), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Cinema: Quarteto.
Classificação: Para maiores de 16 anos.
Duração: 106 minutos.

DL TEATRO CRÍTICA

"Entregues à bicharada"

Carlos Porto

ENTREGUES À BICHARADA, **de Manuel António Pina. Dramaturgia: Maria João Reynaude.** Encenação: **João Luiz.** Cenografia: **Rui Aguiar.** Música: **Cândido Lima.** Interpretação: **Arlete de Sousa e Jorge Vasques.** Grupo **Pé de Vento.** (Porto, Março de 1986).

O grupo Pé de Vento continua no Porto uma actividade teatral que tem a ver com dois pressupostos fundamentais: dirigir-se a uma população infantil e em idade escolar (suponho ser actualmente o único grupo especializado nessa ária fora de Lisboa); interpretar quase exclusivamnte textos de autores nacionais (para o caso em especial do poeta e jornalista portuense Manuel António Pina).

Em «Entregues à Bicharada» reencontramos o grupo com um espectáculo que obedece a essas coordenadas: dirige-se a um público infantil e estreia uma peça de Manuel António Pina publicada em 1983 pela Afrontamento, com admiráveis ilustrações de João Botelho mas com um outro título «Os Dois Ladrões».

Neste espectáculo, mais do que nos anteriores, observa-se um adensamento dos sinais cénicos que parece prejudicar o que num espectáculo teatral, e ainda mais num espectáculo dirigido a crianças, deve ser prioritário; o seu carácter lúdico. Há, no entanto, na cenografia de Rui Aguiar elementos muito inventivos que ajudam a transformar o texto num espectáculo cenicamente sedutor.

A densidade do espectáculo tem a ver com o próprio texto e com a música de Cândido Lima que ajuda ao levamentamento das linhas, nem sempre claras, que percorrem esta história de gente e de animais e dos problemas de liberdade e de justiça que entre eles se levantam.

Os dois actores revelam uma certa dificuldade em corporizar os diversificados sinais propostos, havendo entre eles diferenças de modo de representar que deveriam ter sido limadas. O que há de excessivos na voz de Jorge Vasques é um exemplo disso.

Espectáculo inteligente, sério e forte, como são normalmente os espectáculos do grupo Pé de Vento, «Entregues à Bicharada» precisaria só de uma volta para ser, além disso, um espectáculo divertido.

"Número Um" promete sacudir espectáculo

Infatigável na sua tarefa de lançar publicações devotadas ao espectáculo, A. Duarte Ramos aí está, novamente: «Número Um» (cartaz de espectáculos diversificado por um jornal e uma revista semanais) aparece no mercado propondo-se apresentar «a mais completa programação de espectáculos».

Saindo a terreiro com cobertura especialmente dedicada a Amália Rodrigues, «Número Um» ostenta (subscrita por Fernando Correia, da Rádio Comercial) informação desportiva aliciante, logicamente centrada na recta final do campeonato nacional de futebol e na rampa que está a percorrer-se para o «mundial», no México.

«Número Um» tem como coordenador o jornalista Mário Contumélias, que está rodeado de uma equipa jovem e que se propõe sacudir todos os sectores do espectáculo. No exemplar de abertura, destaque muito especial para o bom aspecto gráfico da responsabilidade de ALF e José Ralha.

I Festival Intercéltico do Porto

De 18 de Abril a 3 de Maio vai decorrer no Porto o «I Festival Intercéltico», uma arrojada iniciativa do Instituto Francês do Porto, instituição responsável nestes últimos anos por diversas manifestações culturais do mais alto nível e que à cidade Invicta tem conseguido trazer alguns dos nomes mais importantes e representativo a cultura francesa nas mais diversas áreas.

A grande iniciativa deste ano será sem dúvida a realização deste Festival Intercéltico, que contará com a participação de Alan Stivell (França), Andy Irvine (Irlanda), Milladoiro e Emilio Cao (Espanha) e dos portugueses Júlio Pereira, Vai de Roda e Tentúgal.

Festival da Canção pode vir a ser na Suécia

O festival europeu da canção de 1986 poderá realizar-se na Suécia e não na Noruega, tal como está previsto, devido a uma disputa laboral, disseram os organizadores.

A transmissão do concurso está prevista para 4 de Maio, a partir da cidade de Bergen, depois de um grupo norueguês ter ganho o concurso do ano passado na Suécia.

Contudo, a menos que um conflito laboral que afecta os serviços de restaurantes e hotéis esteja resolvido dentro dos próximos nove dias, o espectáculo talvez tenha que ser realizado na Suécia, acrescentaram.

«O adiamento está fora de questão», afirmou Per Selstroem, um dos organizadores por parte da Noruega.

Selstroem afirmou ao diário de Oslo «Dagbladet» que a Suécia era o melhor anfitreão alternativo, mas adiantou que todos os implicados no festival estavam ainda optimistas em relação à possibilidade de o espectáculo poder ser feito na Noruega.

O concurso é transmitido em directo pela televisão e é visto por uma audiência que se estima em 500 milhões de telespectadores.

Júlio Isidro em pleno: "Central Park" faz 6 meses

No «Central Park» (Avenida António José de Almeida, 7, Lisboa) a preocupação é melhorar: agora, música e fardamentos novos. Júlio Isidro e Carlos Quinas mudaram o traje dos empregados e convidaram o Joe e o Tó para animarem as artes, com música a condizer. Depois, numa iniciativa que visa proteger a bolsa das raparigas, o sexo feminino fica isento de consumo obrigatório, com excepção de 6.ªs, sábados e vésperas de feriado. Para «eles»: o consumo habitual de 500 escudos. Outra inovação no «Central Park»: «matinées» aos domingos, com preços reduzidos.

Antestreia de "Sangue por Sangue"

Hoje, às 18.45h, no cinema Londres, o ABC-Cine-Clube de Lisboa **com o patrocínio do nosso suplemento** «Cartaz/DL», **vai organizar a antestreia de** «Sangue por sangue», **um dos filmes que maior êxito arrecadaram no último Fantasporto. Como sempre você leitor é destinatário privilegiado desta iniciativa.**

Já descrito como «visualmente tão disciplinado e coerente que possui o carácter obcessivo de um pesadelo «Sangue por Sangue.» vai buscar o seu título original a Dashiell Hammett e surge muito influenciado por James Cain e por Alfred Hitchcock.

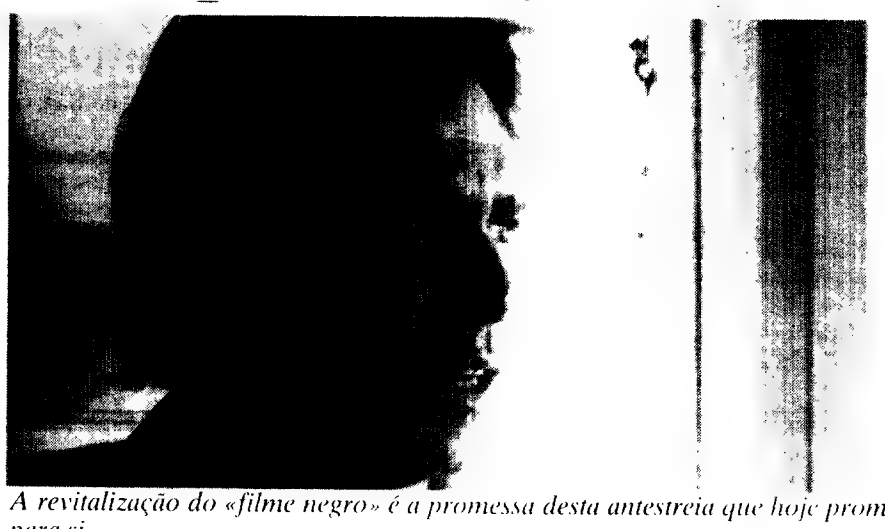
Trata-se do primeiro trabalho profissional de um realizador de 30 anos formado pela Escola de Cinema da Universidade de Nova Iorque, Joel Coen, e foi co-escrito e produzido pelo seu irmão Ethan num estatuto de total independência em relação a Hollywood.

Encarado pela crítica americana como uma vigorosa e elegante variação sobre o «filme negro», «**Sangue por Sangue**» tem sido aplaudido pelo seu carácter subversivo e revitalizador do género, por não cair nem no «pastiche» nem na paródia nem no mero «remake» que tê sido apanágio dos filmes recentes de idêntica inspiração.

Apresentado pela primeira vez nos Festivais de Dallas e de Nova Iorque, presente no Mercado do Filme de Cannes, «**Sangue por Sangue**» tem vindo a ser considerado como a mais segura e sólida «primeira curiosidade e, se cumprir as promessas, numa excelente surpresa.

Nada como ver para crer e é isso que lhe propomos faça hoje ao fim da tarde. Basta recortar o cupão e entregá-lo na bilheteira do Londres para ter acesso a uma antestreia por uma quantia igual à que despenderia numa segunda-feira por um filme já em exibição.

É bom descobrir novos talentos em acto de gestação. Prazer provável com «**Sangue por Sangue**».



A revitalização do «filme negro» é a promessa desta antestreia que hoje promovemos — para si

Barulho alegre por "pouco barulho"

Raras vezes os responsáveis por um espectáculo consideram o papel da Comunicação Social como fundamental na carreira das suas produções, no apoio que pode encaminhar para o êxito trabalhos feitos para os palcos ou para os écrans. Daí, portanto, que tenha constituído uma quase pedrada no charco a reunião-convívio proposta por Vasco Morgado para comemorar as 200 representações de «Pouco Barulho!», em cena no Teatro Villaret.

Comédia britânica (original de Michael Frayn, adaptada por César de Oliveira e Barry Scraig, com direcção e encenação de Varela Silva e cenas de autoria de Octávio Clérigo) «Pouco barulho!» mereceu um dos mais ambicionados galardões: o «Prémio especial dos críticos», devido à qualidade invulgar do espectáculo.

O cartaz é comandado por Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Natália de Sousa, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Mota, Jorge Nery e, em colaboração especial, ainda por Henrique Santos.

— Neste almoço (declarou Vasco Morgado, no Parque Mayer, à mesa do Restaurante «Manel») pretendi reunir e envolver no mesmo compromisso as pessoas que sentem que o Teatro vive de todos nós.

E lá estava muita gente: desde Herman José aos trabalhadores da ficha técnica (Carlos Ferreira, Rosa Feliciano, João Palmela, Artur de Oliveira Júnior, Numerindo Gaspar, Luís Oliveira, João Homem Figueiredo, José da Costa e Daniel Beckerman), muitas caras da Imprensa e da Rádio, secretários teatrais (Alexandrino, Dias, Henrique Gama, Carvalho da Silva), a namoradinha de Nicolau Breyner, o director-geral dos Espectáculos e o director do Teatro Nacional D. Maria II. Única ausência vibrantemente criticada por vários oradores: a RTP. Provavelmente, a essa hora estaria negociando a compra de mais três ou quatro «enlatados».

N. de S.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO

VASCO SANTAN

ENTRECAMPOS

FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Cartaz DL

«SANGUE POR SANGUE» de Joel Coen

Cinema Londres
Dia 7
18.45 h

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 125$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC).

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30 H TEL 726 08 18

CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

MAIORES 12

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00

PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F.GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB 16

"Um Adeus Português" estreia hoje em Lisboa

«Um Adeus Português» — o filme português de João Botelho galardoado nos Festivais Internacionais do Rio de Janeiro e de Berlim, estreia hoje em Lisboa (finalmente), nos cinemas Quarteto e Tivoli, podendo ainda ser visto, a partir de amanhã, no Estúdio 444 e no Lumière do Porto.

Ontem à noite, no Quarteto, «Um Adeus Português» foi exibido em antestreia a favor da Associação de Amizade Portugal-Portugal.

Para além da participação em importantes festivais, como os já referidos do Rio e Berlim e ainda nos certames de Londres, S. Francisco e Nova Iorque, o último filme de João Botelho deverá competir no festival italiano de Salso Magione e participar também no de Cannes.

ROTEIRO CULTURAL

José Carlos Faria e Vítor Santos numa cena da peça «O Fim do Princípio»

Teatro

• «O Fim do Princípio», do dramaturgo Sean O'Casey, está em cena a partir de hoje e até ao dia 20, em quatro únicos espectáculos que o **Teatro da Rainha** dá no Auditório do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (R. D. Luís I, 27, em Santos, não muito longe do Mercado da Ribeira). Com encenação de Fernando Mora Ramos, cenários e figurinos de José Carlos Faria e interpretação de Isabel Muñoz Cardoso, José Carlos Faria e Vítor Santos, os espectaculos realizam-se pelas 21.45 horas e dia 20 às 17.

Música

• No Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se esta noite, pelas 21.30 horas, um concerto pela **Orquestra Gulbenkian,** tendo como solista **Barbara Hendricks** (soprano) e maestro **Caludio Scimone.** Do programa consta a interpretação de obras de R. Strauss, Mozart, Berlioz e Offenbach.

• No salão nobre da Câmara Municipal de Chaves tem lugar amanhã, pelas 21.30 horas, um concerto musical por **Adérito Silveira** (clarinete) e **Alberto Augusto Mirando** (piano) além da participação do **Orfeão da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.**

• Também amanhã, no Rock Rendez-Vouz (R. da Benificência, em Lisboa) o grupo **Aix la Chapelle** realiza um espectáculo ao vivo, a partir das 23 horas. **This is video Clash** é o vídeo do grupo «The Clash» que é projectado.

Cinema

• No «AB Cine-Clube de Lisboa» (R. do Conde Redondo, 20-3 dt.º) tem lugar pelas 18.45 horas a antestreia do filme do realizador Joel Coen, **Sangue por Sangue,** que esteve presente no FANTASPORTO. Trata-se do primeiro trabalho profissional de um realizador de 30 anos formado pela Escola de Cinema da Universidade de Nova Iorque, Joel Coen, e foi co-escrito e produzido pelo seu irmão Ethan num estatuto de total independência em relação a Hollywood.

• Na Cinemateca Portuguesa continua o ciclo de cinema espanhol, hoje com a exibição, pelas 21.30 horas, do filme **El Pisito,** realizado por Marco Ferreri e I.M. Ferri

Exposições

• Três exposições são hoje inauguradas. Uma delas, a de pintura de **Sérgio Pombo,** tem lugar na Altamira — Galeria de Arte (R. Filipe Folque, 48-A) das 19 às 24 horas.

• Na Galeria Quadrum (R. Alberto Oliveira — Coruchéus, em Alvalade) inagura-se a exposição, também de pintura, da artista **Graça Pereira Coutinho,** intitulada «Pinturas 1985/86», a partir das 19 horas.

• E na Sociedade de Belas-Artes, pelas 18.30 horas **Maurício Abreu** inaugura a sua exposição de fotografias, subordinada ao tema «Apontamentos de Trabalho».

• Por outro lado, amanhã também é inaugurada a exposição de pintura de **Serrão Faria,** na Palma — Galeria de Arte (Calçada da Palma de Baixo, n.º 6), que tem por tema «Caballus». A mostra engloba gravura e pinturas do autor, que na ocasião lança o seu livro sobre o mesmo tema. A exposição conta ainda com esculturas de Augusto Cid e Soares Branco e estará aberta ao público todos os dias das 14 às 20 horas excepto domingos e feriados, até ao dia 6 do próximo mês.

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA».
Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET.
Em exibição no Estádio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70
JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
FÚRIA SEXUAL
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
SKY PIRATES – A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblogo
— T. 556824
O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VIOLÊNCIA EM NÁPOLES
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
MESTRE DO KUNG-FU
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
PERSEGUIÇÃO SELVAGEM
(int. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca
EL PASITO/1958
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
MÁQUINA DE MATAR
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ZONA DE PERIGO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
O MISTÉRIO DE YORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
ROCKY IV
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
MASK-MÁSCARA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS
(não acons. 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
SKY PIRATES — A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
JOÃO BRONCAS AVANÇADO FURA TODOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olympia
T. 325309
AS ULTRAPOTENTES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
JÚLIA E OS HOMENS
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
AS SÔFREGAS
(int. men. 18 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305
SKY PIRATAS — A GRANDE AVENTURA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45 e 19.00 h
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos) 21.30 h
UM CASAMENTO
(maiores 16 anos) 23.30 h

Sala 2
O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
MISSING
(m. 16 anos) 23.30 h

Sala 3
HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMERICAN GRAFITTI
(maiores 16 anos) 00.45 h

Sala 4
RUMBLE FISTO — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407
2019 – DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45 e 19.00 h
OH, AMIGOS MEUS (PARTE II)
(maiores 12 anos)
21.30 h

Restelo
T. 610375
COCCON – A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
AS AVERIGUAÇÕES DO PILOTO PIRX
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 126 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O SILÊNCIO DAS MULHERES VIOLADAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
007 – ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
LUTANDO PELA JUSTIÇA
(n. acons. a m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A história de Piera», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «Thor — O conquistador», às 15.30 e 21.15 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «O 1.º ano do resto das nossas vidas», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Rocky IV», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso
ESTÚDIO DOIS EME — «Rambo — A vingança do herói», às 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O exterminador 2», às 18.15 e 21.15 h (maiores 18 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «Bolero», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Rocky IV», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Nome: Carmen», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Divórcio em Hollywwod», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Silverado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OXFORD — «Vingança jurada», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Cactus Jack 'O Vilão'», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Flash dance», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «A paixão de Swann», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Fuga para a vitória», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 18 anos).
Sala 2 – «Christine, o carro assassino», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Electric Dreams – Amor é música», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – «O boxeur de Xangai», às 21.15 h (não acons. men. 18 anos)
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «Pânico em Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h (n. acons. 18 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «Classe», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «A raiva do herói», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Justiça do Dragão», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CINE-OCEANO – «Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
TRAFARIA – PAVILHÃO JARDIM — «Fuga do Inferno», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALTAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja Dt.ª (T. 707500); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, **Chelas**, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTRELA - INFANTE SANTO: Alb**, R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4, DF (T. 549479); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **POÇO DOS NEGROS: Modelar**, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO: Oriente**, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA: Unifa**, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Padreira, 1-3 (T. 548642); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 13, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-C (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, R. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216335). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Leão Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 9141697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maris Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217914). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h.

PASTELEIRA — R. André de Resende, 92; **SAMPAIO:** R. da Cedofeita, 636; **COSME:** R. de Costa Cabral, 584; **S. ROQUE DA LAMEIRA:** R. de S. Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL:** R. 31 de Janeiro, 203.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«**QUASE POR ACASO UMA MULHER**», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«**E o GODOT SEMPRE CHEGOU**», de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Topal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**JOGO DE LOUCOS**», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

O 1.º Acto Clube de Teatro

Palácio dos Anjos, Algés

Às sextas e sábados, às 21.30

«**O NOIVADO NO DAFUNDO**», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caedos.

«**O ILUSTRE CONFERENCISTA**», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caedos.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«**AS VIAGENS DO FERRO-VELHO**», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«**UNE PUCELLE POR UN GORILLE**», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Mazzum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingos, às 16.00

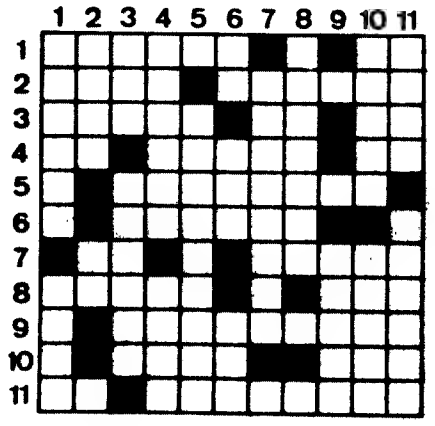
«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Dão ladridos ou latidos (o cão). Artigo definido.
2 Despacha. Desperto.
3 Cidade de Israel. Antes de Cristo. Prefixo de negação.
4 Interjeição brasileira, Guarnecera de asas. Preposição e artigo.
5 Peixeiro.
6 Combinava.
7 Serviço nacional. Mortificar (fig).
8 Remava para trás. Nome de mulher.
9 Fizessem enjoar.
10 Palmeira da Amazónia. Senhora.
11 Pronome reflexo. Acorrentais.



VERTICAIS:

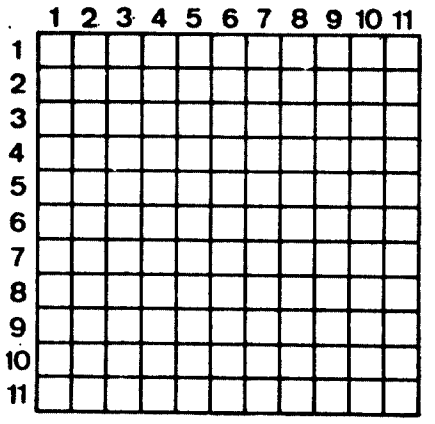
1 Cidade do Paquistão. Animais domésticos.
2 Arroi do Paraguai onde o general Osório foi ferido num sangrento combate (1868). Nota musical. Conjunção.
3 Quinhentos e dois em romano. Istmo que une as duas Américas.
4 Um dos arcanjos citados pela Bíblia. Fêmea do boi.
5 A. Intimaram.
6 Ruim. Fedor. Ena!
7 Grupo de excursionistas.
8 Embriagadas.
9 Fruta seca especialmente uvas.
10 Detestar. Estive unido por aderência.
11 Rio do Estado de Goiás. Urdes.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Espanha, província de Sevilha. Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.
2 Despacho. Ancora.
3 Basta! Conferir.
4 Cidade da Roménia. Prendo. Antes de Cristo.
5 Magote. Nota musical. Ferro temperado.
6 Brisa. Árvore indiana, de fibras têxteis. Clima.
7 Nome de flor. Concede.
8 Pronome pessoal. Rei de Basá morto por ordem de Moisés.
9 Artigo. Batráquios anuros.
10 Seguia. O mesmo que três. Consentimento.
11 Carcomeras.



VERTICAIS:

1 Antigo reino da península Ibérica.
2 Avarento. Curso de água natural e abundante.
3 Zomba. Alcatifar.
4 Ferrar.
5 Sobra.
6 Freguesia do concelho de Mirandela. Medida de superfície.
7 Dais sinais. Preposição.
8 Sufixo que designa abundância. Rio dos Estados Unidos.
9 Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
10 Segurado fortemente com os braços.
11 Seguia. Ousadia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 706**

HORIZONTAIS:

1 AMIGO. Ás. DE.
2 Vararam. Por.
3 Ita. Ameigar.
4 Lidariam. VA.
5 Ano. Agi. Nas.
6 Fim.
7 Trios. Nan.
8 MLl. Algas.
9 Depor. Aura.
10 Olon. Dosear.
11 Soro. Eu. Mia.

VERTICAIS:

1 Ávila. TODOS.
2 Matinar. Elo.
3 Irado. Impor.
4 Ga. Colono.
5 Orara. Sir.
6 AMIGO. DE.
7 Ameai. Na. Ou.
8 Im. Falas.
9 Pg. NINGUÉM.
10 Doavam. Arai.
11 Erras. Isara.

PROVÉRBIO: Amigos de todos, amigo de ninguém.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 543**

HORIZONTAIS:

1 Marémetro.
2 Acatarei. Cá.
3 Rolaras. Ter.
4 Ela. Opere.
5 Marfar. Emas.
6 Arisco.
7 Toar. Suaria.
8 Ossa. Ari.
9 Tio. Dá.
10 Ura. Vassalo.
11 Má. Nós. Moio.

VERTICAIS:

1 Maremoto. Um.
2 Acolá. Ostra.
3 Ralar. Ásia.
4 Eta. Faraó.
5 Marear. V.º
6 Era. Risadas.
7 Teso. Suras.
8 Ri. Pecai. Sm.
9 Temor. Cão.
10 Cera. Ir. Li.
11 Maresia. Soo.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.32**: Trechos de óperas; **17.00**: Integrais; **17.25**: O pianista Noel Lee; **18.00**: Música; **18.40**: Obra, de Claude Debussy; **19.43**: Música de bailado do século XX; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Concerto, para flauta, harpa e orquestra; **22.30**: Música do século XX; **23.00**: Música sinfónica; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Música, de Olivier Messiaen; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁRIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Som de retorno; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **1900**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos
— «A FLORESTA PORTUGUESA» — A Floresta na Arte — Modelagem
Será este o primeiro filme que abordará a importância da floresta como meio de produção de formas de arte. Limitar-se-á, nessa circunstância, a abordar a matéria-prima que a floresta fornece, a madeira, transformável pela modelagem.
Uma amostragem das aplicações da madeira:
A escultura, na marcenaria tipicamente portuguesa e na arte instrumental artesanal, bem como o fabrico de instrumentos de música, dando particular atenção aos genuinamente portugueses. Será ainda referida a arte tão característica da modelagem da cortiça.
Referindo ainda aspectos da nossa arte escultural em madeira, será ilustrada por um lado a actividade dos nossos santeiros e, por outro, a edição sumptuária ornamental: a talha.
— «O URSO TEDDY»

18.45 — País, País

19.15 — Desporto/Debate

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo
(28.º episódio):
Lúcia diz a Amauri que vai jogar uma grande cartada, casando-se com William Maciel. Combinam entre os dois que se verão de vez em quando mesmo depois de Lúcia estar casada. Amauri conhece Alice em casa de Zoraide e vai levá-la a casa, sem dizer o nome. Alfredo resolve dar uma grande festa de fim de ano para se vingar dos conselheiros que vetaram a entrada de Cláudio para o clube. Sónia é interrogada por um detective quando vai ao leilão. No mesmo instante, Lúcia e William passam perto e Sónia diz que Lúcia sabe explicar a origem do quadro. Lúcia nega conhecer Sónia.

21.15 — Vamos Jogar no Totobola

21.35 — Europa
A nacionalização do canal de Suez (Julho de 56) por Nasser. Apreensão na Europa por causa da dependência energética em relação ao petróleo do Médio Oriente. A celebração do Tratado de Roma é focada na entrevista com Joseph Luns, que o assinou: entrevistas com industriais franceses e italianos, que viveram o período de arranque da CEE; o Euratom. A novidade desde 1954: a arma nuclear. Hiroshima. Monopólio nuclear dos EUA, depois estendido à URSS e Grã-Bretanha. Interesse europeu em pôr em comum os esforços de investigação quanto à energia atómica industrial. Estes são, entre outros, os assuntos tratados no «Europa» desta semana.

22.00 — México/86

22.30 — As Aventuras de Sherlock Holmes
Melas, um intérprete, é levado para uma casa secreta e forçado a servir de intérprete no interrogatório de um grego que está amarrado e preso. O inquérito é interrompido pela entrada de uma bonita mulher e Melas é posto fora de casa.
Depois de contar a história a Holmes, Melas é novamente apanhado. Holmes e o dr. Watson seguem a sua pista...

«As aventuras de Sherlock Holmes» continuam na RTP 1

Durante a transmissão deste episódio, Artur Varatojo (o popular «Inspector Varatojo») dirigir-se-á aos espectadores, com uma saudação e uma «surpresa» assinalando o 25.º aniversário do início do programa «Selecção Policial», que durante largo período apresentou semanalmente na RTP.
Intérpretes: Jeremy Brett, David Burke.
Produtor: Michael Cox

23.25 — 24 Horas

23.50 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados
«Recruta Bailey» e «Home Movies»

20.05 — Conheça Melhor
«Grécia»:
Atenas foi uma das cidades mais importantes da civilização que se desenvolveu na Grécia há mais de dois mil e quinhentos anos e que nos deixou nas artes, especialmente na arquitectura e escultura e na literatura as suas mais elevadas criações.
«Conheça Melhor», através de algumas belas paisagens da Grécia, vai demonstrá-lo.
Produção: Félix Machado.

20.25 — A Família Vialhe
(3.º episódio)
Finalmente, a guerra termina, Mathilde Dupench e Pierre-Edward Vialhe casam-se contra a vontade do pai. A morte repentina da mãe, Marguerite Vialhe, reúne por alguns dia ou três filhos juntos do pai.
Intérpretes: Maurice Barrier, Bruno Devoldere, Sonia Vollereaux, Pauline Macia, Alix de Konapka.
Realização: Philippe Monnier.

21.30 — Da... Música
«ENCONTROS COM ANABELA CHAVES»
A violinista Anabela Chaves é entrevistada, neste programa, por Luís Casanova.
Anabela Chaves e Branco Pizzamiglio viola e oboé, respectivamente, interpretarão Passacaglia, Op. 11 N.º 15 de Hindemith, Suite para oboé e viola de W. Haentjes e Duo em sol maior para oboé e viola de C.P. E. Bach

22.05 — Documentário
«O Tempo e a Energia»

22.30 — Últimas Notícias

AMANHÃ

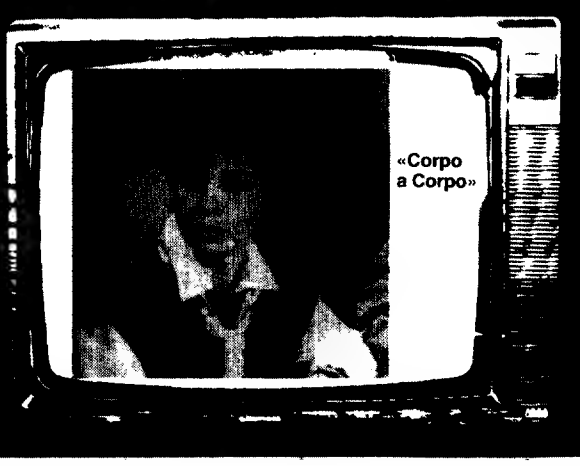
RTP 1
11.00 — Gente Singular
11.30 — Espaço 11/13
12.45 — Vereda Tropical
(10.º episódio)
Silvana diz a Jamil que vai regressar a casa, no Norte. Ele aconselha-a a não fazer isso.
Ao ser expulsa de casa pelo pai, Catarina chora desesperadamente, deixando-o cheio de remorsos. Luca pede a Bertazo que o ajude a descobrir Verónica pela matrícula do carro dela. Oliva exige que Veronica e Catarina façam as pazes. Luca chega babado a casa e beija Silvana quando ela pretende falar com ele. Gabi foge de casa na bicicleta de Alfredo. Bina fica muito surpreendida quando a enfermeira de Jamil lhe diz que ele tem os dias contados.
Silvana interroga Oliva quando este observa Zeca a jogar.
13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Follow Me
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.25 — O Ano do Francês
22.20 — Sarilhos com Elas
23.05 — 24 Horas
23.30 — Remate

RTP 2
19.30 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Enquanto é Tempo
20.30 — Adágio
21.00 — Viagem pelo Teatro
21.25 — Notícias
21.30 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES
S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1 21.55 — México/86
RTP 2 21.35 — Da... Música
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570



DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
08.34 **2,90 m**	01.42 **1,90 m**
21.03 **3,00 m**	14.08 **2,00 m**
Dia 18	
10.14 **2,90 m**	03.21 **1,90 m**
22.37 **3,10 m**	15.49 **2,00 m**

TEMPEATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	2º
VIANA DO CASTELO	5º
VILA REAL	4º
PORTO	6º
COIMBRA	6º
CABO CARVOEIRO	10º
CASTELO BRANCO	4º
PORTALEGRE	3º
LISBOA	7º
ÉVORA	5º
BEJA	5º
FARO	9º
SAGRES	11º
PONTA DELGADA	11º
FUNCHAL	12º

Indemnizações serão avultadas

RTP terá de readmitir 23 saneados

Por decisão do Supremo Tribunal de Justiça a RTP vai ser obrigada a readmitir os 23 trabalhadores que despediu, sem justa causa, há mais de 10 anos, na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro — soube esta manhã o «DL».

Segundo o acórdão do STJ — que confirma as decisões do Tribunal de Trabalho e do Tribunal da Relação, das quais a RTP foi recorrendo sucessivamente ao longo dos anos — a Televisão terá que reintegrar aqueles 23 trabalhadores pagando-lhes todas as remunerações entretanto vencidas e correspondentes à categoria profissional que todos eles teriam se tivessem continuado na empresa (há casos em que as promoções seriam automáticas).

Entre os trabalhadores despedidos encontram-se Artur Ramos (então chefe do Departamento de Teatro), Manuel Ferreira (Departamento Cultural), Mário Vieira de Carvalho e Alvaro Salazar (Departamento de Música), António Borga e António Manuel (Redacção), António Torrado (Programas Infantis).

Com excepção das sucessivas administrações da RTP toda a gente sabia que esta era uma causa perdida para o Lumiar.

Suspensos logo após o 25 de Novembro, aqueles 23 trabalhadores foram recebendo os salários a que tinham direito até Outubro de 76. Nessa altura, no entanto, o capitão Tomás Rosa, então presidente do conselho de administração, despachou, sozinho (os outros administradores ou estavam ausentes ou impedidos) o despedimento dos trabalhadores que de imediato impugnaram tal decisão e recorreram para o Tribunal de Trabalho.

Esta instância, e face à contestação entretanto feita pela RTP, decidiu-se pela reintegração dos 23, pois não havia qualquer justa causa que pudesse justificar o despedimento. A RTP, no entanto, não desarmou e recorreu para a Relação, que algum tempo depois confirmou a decisão do Tribunal de Trabalho. Teimosa, a RTP pediu então um parecer ao antigo ministro de Salazar, prof. dr. Antunes Varela. Nesse parecer (desconhece-se o «cachet») o professor emitiu uma opinião que se pode resumir mais ou menos ao seguinte: os trabalhadores, e não a empresa, é que deveriam provar que não havia razão para o despedimento...

De posse deste parecer a RTP recorreu para o Supremo, cujo acórdão, agora conhecido, confirma o que as outras instâncias haviam decidido.

O caso dos 23 parece agora ter chegado ao fim, sendo no entanto muito difícil contabilizar os prejuízos sofridos ao longo destes anos quer pelos trabalhadores, quer pela empresa. E há agora quem pergunte se vão ser pedidas responsabilidades ao capitão Tomás Rosa...

GNR prende no Algarve possuidores de droga

A Guarda Nacional Republicana deteve recentemente no distrito de Faro três indivíduos por posse e consumo de estupefacientes, informa uma nota divulgada pela corporação.

Os indivíduos foram detidos no decorrer de rusgas a discotecas, cafés e outros estabelecimentos nocturnos efectuadas pela Guarda em colaboração com a Polícia Judiciária da capital algarvia.

/D/E/C/A/R/A/S/

«IO APOLLONI é sempre notícia. No palco e na vida. Na coragem com que se expõe aos olhos do mundo e à crítica; na coragem do que faz e do que afirma. Notícia sempre. Sábado, dia 19 de Abril, Io Apolloni vai casar, com António Reis. O enlace da artista e do escritor e homem político terá lugar em Miraflores. Da participação que nos enviou não consta a hora. Adivinha-se que será antes do entardecer porque, como nos dizem, Io e António: «Amamos (Ela e Ele) o repouso no coração do lume».

HÉLDER CÂMARA, arcebispo resignatário de Olinda e Recife, que nos visita e nos fala de um cristianismo rejuvenescido, amanhã, sexta-feira, dia 18 de Abril, pelas 18 horas, na Aula Magna da Universidade Clássica de Lisboa, pronunciará uma conferência subordinada ao tema «Um desafio da Igreja ao Mundo do Saber» e seguida de debate participado por professores e alunos das Universidades de Lisboa. Depois, às 21.30 horas, na Igreja de S. Jorge de Arroios, D. Hélder Câmara preside a uma Celebração Eucarística. E no sábado, deixa Portugal onde se deslocou para participar na 1.ª Peregrinação Universitária a Fátima. De D. Hélder Câmara ficará a recordação da sua irradiante simpatia, do seu grande poder de comunicação, da sua lição de Fraternidade e de Justiça.

NORBERTO LOPES acaba de ser distinguido com o «Prémio da Imprensa Artur Portela», instituído em 1985 pela Casa da Imprensa e destinado a galardoar um nome vivo do jornalismo português que, ao longo dos anos, se tenha destacado pelas suas qualidades humanas e profissionais. A entrega do prémio (atribuído por decisão unânime do júri) a Norberto Lopes, que exerceu, entre outros cargos, o de director do «Diário de Lisboa» e de «A Capital», efectua-se no próximo dia 24, no decorrer da sessão comemorativa dos 81 anos da Casa da Imprensa.

PIERO OSTELLINO, director do «Corriere della Sera», de Milão, vem a Portugal, a convite do Instituto Italiano de Cultura, proferir uma série de conferências: em Lisboa dia 21 no Palácio Foz (18.30) e no Porto dia 23, às 21.30, no auditório do «Jornal de Notícias». Ostellino entrou para o «Corriere della Sera em 1970, sendo de 73 a 78 correspondente em Moscovo e de 1979 a 1980 correspondente em Pequim.

ROCHA DE MATOS, presidente da Associação Industrial Portuguesa, profere hoje, no salão nobre da Universidade do Minho, em Braga, uma conferência subordinada ao tema «Empresa e Universidade». Esta conferência, seguida de debate, é destinada a professores, alunos e empresários representantes das várias actividades económicas da região minhota.

RUI VILAR, presidente cessante do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, foi agraciado pelo governo francês com o grau de oficial da Legião de Honra. Antigo ministro das Finanças e governador do Banco de Portugal, Rui Vilar irá chefiar, em breve, a Direcção-Geral dos Serviços Alfandegários da Comissão da CEE em Bruxelas.

Violência sobre presos sobe ao Parlamento Europeu

O deputado Pegado Liz, do PRD, enviou ontem ao Parlamento Europeu uma resolução sobre «a violência exercida por guardas prisionais sobre presos em esquadras de polícia e cadeias em Portugal».

Esta proposta de resolução deverá baixar à Comissão de Direitos do Homem do Parlamento Europeu, podendo ser discutida em plenário numa das próximas sessões.

Na proposta apresentada por Pegado Liz, aquele deputado pede o rápido julgamento dos guardas culpados das atrocidades cometidas e recomenda a instituição de meios que permitam assegurar, em quaisquer circunstâncias, um tratamento dos presos de acordo com a sua dignidade humana, tendo como objectivo último do regime prisional a reintegração social dos presos.

Roubou o táxi e embateu na viatura do guarda nocturno

Um jovem militar da Força Aérea, a prestar serviço na serra de Monsanto, em Lisboa, roubou esta madrugada um táxi em Oeiras e dirigiu-se para S. Pedro do Estoril onde embateu na carrinha do guarda-nocturno que acabaria por detê-lo.

O motorista Vítor Manuel, de 24 anos, trabalha com uma viatura pertencente a José Marco Rodrigues, sócio da Cooperativa de Táxis da Costa do Sol, e hoje pelas duas horas e 40 minutos recebeu via rádio o pedido de um cliente no Autódromo do Estoril.

Tomou o passageiro que mandou seguir para Oeiras e ali chegados indicou uma rua escura. Na oportunidade apertou o pescoço ao condutor e empunhando uma arma tentou agredi-lo, tendo a vítima conseguido abrir a porta e fugir.

O assaltante tomaria os comandos do automóvel e arrancou sendo mais tarde preso pelo guarda-nocturno de S. Pedro do Estoril.

O jovem detido, filho de uma alta patente militar, tem já antecedentes da mesma natureza e vai hoje pelas 16 horas ser presente ao juiz de Instrução Criminal de Oeiras.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIARIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

Simone de Beauvoir com Jean Genet (ao centro) no Flore, em Paris, 1944

Simone de Beauvoir e Jean Genet — o fim de duas viagens

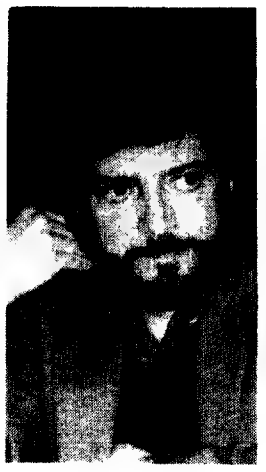
Em 1944, com Paris ocupada, Jean Genet encontra-se com Sartre, com Simone de Beauvoir e com Camus no Flore. Eis como Simone fala desse primeiro encontro: «Haviam-nos dito que ele tinha acabado de sair da prisão. É você o Sartre? Perguntou ele abruptamente. De cabelo cortado à escovinha e lábios apertados, olhando desconfiadamente e de modo quase agressivo, achámos que ele tinha o ar de um duro. Sentou-se, mas não ficou ali senão um momento. Depois voltou, e vimo-nos com muita frequência. Lá dureza tinha ele. Essa sociedade de que ele fora excluído desde os seus primeiros vagidos, ele tratava-a sem contemplações. Mas os seus olhos sabiam sorrir e, na sua boca, ainda perdurava o espanto da infância. Era fácil falar com ele: escutava, respondia. Seria impossível tomá-lo por um autodidacta. Nos seus gostos, nos seus julgamentos, ele tinha a audácia, a parcialidade, a desenvoltura das pessoas para quem a cultura é uma coisa natural e um notável discernimento.»

Evocações de Simone de Beauvoir e de Jean Genet, nas páginas 2 e 3

Lobo Antunes face ao seu júri

● *Entrevista e declarações de voto* págs. 6 e 7

Álvaro Salema



Manuel Gusmão

Glória Padrão

Carlos Reis

Paula Morão

Morreu o Castor

Escolher uma frase para epígrafe de um texto sobre Simone de Beauvoir é tentar reduzir o irredutível: a mistura de uma vida de «sage» com a nunca recusada resposta ao que o contrato social dela exigia. «Castor» é uma alcunha íntima inventada por Sartre. ele dizia-lhe, em 1929:
«Você é um Castor: os castores vão em bando e têm o espírito dos construtores».

APETECE dizer: morreu o Castor. Mas, de imediato, sentimos que não há, talvez, o direito de roubar à intimidade de Sartre e de Simone de Beauvoir essa afectuosa alcunha com que ele desdobrou o nome da sua companheira, recriando-o, num gesto tão característico do macho em relação à fêmea, na espécie humana. E depois, **nuts:** eles próprios, um a seguir ao outro, publicaram o segredo — esse como tantos outros. Portanto, e sem a má consciência do **pickpocket:** morreu o Castor.

Também apetece, para o serviço da depurada economia de um artigo de jornal, procurar, nos milhares de páginas da sua vasta obra, a frase que lhe sirva de epígrafe: nada de mais redutor. Nem dois parágrafos do **Segundo sexo,** nem uma generalização laica de **Para uma moral da ambiguidade —** o seu mais importante texto convencionalmente filosófico — nem um par de observações de um dos seus «romances» fundamentalmente autobiográficos.

De certo modo, o trabalho de escrita de Simone de Beauvoir, tão intimamente ligado ao seu «vivido», é uma longa deriva ao longo de empenhamentos, solidariedades, sempre marcada pela necessidade de ser fiel a uma moral. E é isso mesmo que a separa do perfil comum do escritor: Simone de Beauvoir é também o empenhamento na defesa da independência argelina, a defesa do Estado de Israel nos **Temps Modernes,** o inquérito à violência militar francesa sobre as mulheres argelinas em **Djamila Boupacha,** a direcção de **Idiot International,** a manifestante pelo aborto livre, a «maître à penser» das feministas (a maioria das quais, como Kate Milett, viria a preferir **Le femme rompue** ao **Segundo sexo**), a co-signatária de tantos manifestos, apelos, declarações movidos por causas internacionais. Quer dizer: inseparável do «reconforto da escrita», um sempre reactivado projecto de intervenção, ou, talvez mais exactamente, uma nunca rejeitada resposta pessoal àquilo que o contrato social dela exigia. Por isso, talvez, a encontremos, em 1970, ao lado de Sartre, apoiando a difusão, proibida, de **La cause du peuple,** ela que tinha tido a coragem de afirmar que «não se contava entre os intelectuais mais transtornados pelo Maio de 1968».

De súbito, face à sua morte, há quem descubra, num largo abraço que inclui a auto-remissão, que a obra de Simone de Beauvoir é talvez mais importante que a do seu companheiro de (quase) sempre. Que — o que é sem dúvida verdadeiro — o **Segundo sexo** influenciou incomensuravelmente mais a mudança social do que o **L'Être et le néant.** Mas, simultaneamente, recorda-se que Sartre foi, talvez excessivamente, a sua sombra tutelar; que só vinte anos depois de a sua intimidade se ter iniciado, face às pautas da agregação em filosofia, onde ele foi primeiro e ela segunda, ela publicou o livro que viria a tornar-se numa nova bíblia feminista (eles conheceram-se em 1929, e é em 1949 que Simone de Beauvoir publica o **Segundo sexo**). Nós saberemos sempre pouco acerca das releituras da **Náusea,** das sugestões de cortes e de acrescentos, dos nós desfeitos por ela no texto que Sartre não conseguia concluir, e que acaba por publicar em 38. Em compensação, julgamos saber que o próprio **Segundo sexo** foi sugerido ao Castor pelo seu amante e cúmplice.

Amante e cúmplice: como diz a própria Simone de Beauvoir, ela

Simone de Beauvoir em 1954: o Goncourt para «Os Mandarins»

soube, desde Agosto de 29, que Sartre nunca mais sairia da sua vida. Essa fidelidade partilhada incluía, no entanto, uma componente «perversa»: de facto, durante os cinquenta e um anos em que viveram e agiram «juntos», classificaram a sua ligação como **necessária,** admitindo desde o início que ela toleraria outras, **contingentes.** Supremo narcisismo do casal que desafia o princípio do terceiro excluído, e se considera superior às irregulares paixões que o eclipsam temporariamente, ou truque de malabarista, um pouco à maneira da «moral superior dos comunistas», indispensável à afirmação da perenidade dos objectivos, apesar da variedade — da incomensurável variedade — da acção?

Alguém que não está especialmente perto de ambos — Pierre Klossowski — terá definido com exactidão a natureza dessa «cumplicidade», que reside na afirmação de uma infinidade de alianças pontuais. Que elas se repitam entre os mesmos sujeitos, eis o que não torna senão mais bela a lenda, «tão bela que se treme ao pensarmos que ela pode ser verdadeira».

Intervalo no efeito **media:** o triângulo Jean-Paul Sartre - Olga Kosakiewics - Simone de Beauvoir, entre outros, funcionou tão mal como o seu mentor genealógico, o triângulo Nietzsche — Paul Reé - Lou Andréas Salomé. A tal ponto que, em L'Invitée, o «Castor» mata o personagem Xavière. A atitude desejada pelo casal é sem dúvida a defendida por Klossowski em **Les lois de l'hospitalité,** menos a atitude de **voyeur** do dono da casa. Mas, na prática, e transformando-se, sem véu, em literatura, a liberdade do outro é sempre **infernal,** para Sartre e Simone. Com esta diferença, para o «Castor»: é que, para o homem, a mulher «é o outro, mas sob a forma de não-essencial»; Adão é feito à imagem de Deus, e Eva feita à imagem de Adão, «tirada do seu lado». O feminismo do **Segundo sexo** nasce da recusa desta imposição judeo-cristã . O de **La femme rompue,** 19 anos depois, já não tem a negatividade da crítica como ponto de partida, prefere-lhe a afirmação da diferença. Por isso se transformará no livro de cabeceira das mulheres dos anos 70.

O Castor morreu, com 78 anos, seis anos menos um dia depois da morte de Sartre, e quase ao mesmo tempo que Jean Genet, esse enorme escritor que ambos ajudaram a arrancar às prisões francesas (ver artigo de Emídio Rosa de Oliveira neste mesmo **Ler Escrever).** É indispensável evitar as grandes frases de síntese sobre a sua vida e a sua obra. Deixemo-las para o poder, que afeiçoa a aliança com o que não pode vencer, sobretudo quando a aliança é póstuma e não passa de um gesto de protocolo de Estado. Também De Gaulle insistiu em chamar «mestre» a Sartre, e acabou por renunciar a prendê-lo quando ele assumiu a direcção do jornal militante Maoísta.

O Castor morreu, e nós não podemos senão renovar o convite à sua leitura, citando a sua bibliografia. Citar a bibliografia de Simone de Beauvoir é, para nós, a frase de fecho que julgamos impossível.

Romances, narrativas e novelas: **L'invitée** (1943); **Le sang des autres** (1945), particularmente bem traduzido para português por Miguel Serras Pereira, e inédito em Portugal até ao ano passado· **Tous les hommes sont mortels** (1946); **Les Mandarins** (1954), prémio Goncourt; **Les belles images** (1966); **Quand prime le spirituel** (1979); **Une mort si douce** (1964), inspirado na morte de sua mãe; **La femme rompue** (1968). Ensaios: **Pyrrhus et Cinéas** (1944); **Pour une morale de l'ambiguité** (1947); **L'existencialisme et la sagesse des nations** (1948); **L'Amérique au jour le jour** (1948); **Le Deuxième sexe** (1949); **Privilèges,** (1955), retomando mais tarde para **Faut-il brûler Sade?** (1972); **La longue marche** (1957), sobre a revolução chinesa; **La vieillesse** (1970). Teatro: uma única peça, **Les bouches inutiles** (1945). Uma biografia: **Djamila Boupacha** (1962), escrito em colaboração com Gisèle Halimi. Livros de memórias: **Mémoires d'une fille rangé** (1958); **La force de l'âge** (1960); **La force des choses** (1963); **Tout compete fait** (1972); **La cérémonie des adieux** (1981), a propósito da morte de Jean-Paul Sartre, uma reflexão sobre a morte. Aliás, tem-se dito com razão que poucos autores terão, como Simone de Beauvoir, preparado a sua própria morte.

JM

Com Sartre, distribuindo a proibida «Cause du Peuple»: militâncias ocasionais, militâncias constantes. Também aqui havia a necessidade e a contingência

Jean Genet ou a escrita como experiência radical

Genet conhecia a regra formulada por Apollinaire: «É preciso publicar tudo». Morre deixando um manuscrito a aparecer na editora Gallimard, intitulado: «Ur captif amovreux». Sabe que não há pensamento que não se faça acompanhar da sensação de provisório. A singularidade de Jean Genet deve-se a certos germes e a um complexo e acidentado jogo de circunstâncias que levam Jean-Paul Sartre a considerá-lo em 1952 num belo ensaio como santo, comediante e mártir. Genet decide não traficar as suas paixões ao passá-las à escrita e nunca aceitou a confortável ideologia da normalidade.

A sua errância de delinquente através de toda a Europa e o seu confessado fascínio pelo crime, roubo e homossexualidade, fazem dele o escritor maldito que Georges Bataille se apressa em destacar, depois de lida a obra de Sartre sobre Genet, num livro publicado em 1957, intitulado «A Literatura e o Mal». Os livros de Genet não são mais do que uma parcela da sua vida interior, por aí passam as suas paixões e os restos que a vida deixa e que Jacques Derrida mais tarde em 1972 vem mostrar como é que a literatura maldita de Genet pode ser revelada como o avesso, ou a zona perturbada que o discurso hegeliano da filosofia tentou eliminar à partida para salvar a pureza ariana do conceito.

O discurso impuro da literatura é o resultado para Genet de experiências imaginárias de apropriação. Trata-se de passar «por experiências para ver», como dizem os químicos: o roubo, a traição e a pederastia ao entrarem na categoria de actos poéticos permitem simultaneamente no plano da escrita que a imaginação que é uma operação corrosiva levasse o real.

... Decidi, insiste Genet, ao contrário de vós, viver de cabeça baixa e prosseguir no meu destino em direcção à noite, e explorar o contrário da vossa beleza. Aos vinte e um anos fugi e alistei-me para receber o pré. Ao fim de alguns dias desertei levando comigo as malas que pertenciam a oficiais negros. Vivi durante algum tempo do roubo, mas a prostituição agradava mais à minha indolência (Genet).

Viver para Jean Genet é observar-se viver e prosseguir tenazmente na procura do mal radical, pois os actos vis só são os que nos fazem parar a meio caminho. Esta reivindicação do mal leva-o a adoptar o criminoso como a figura arquétipal da moral do mal. A beleza do acto do crime salda-se pela precisão de uma arte voluntária que se subtrai às artimanhas do acaso — projectando-nos fora do tempo e ligando no instante supremo o destino do criminoso ao do santo. O poema, como diz Genet, terá sempre a beleza de um crime — crime que não será ornamento seguindo a propensão pastosa das figuras da retórica mas **golpe certeiro.** Esta verticalidade do acto em gesto estético coloca Genet numa solidão larvar, na solidão mortal de uma zona desesperada e brilhante onde o artista actua. Diz Genet: Na taberna podes dizer graças, brindar com quem quiseres. Mas o Anjo anuncia-se e deves **isolar-te** para o receber. Para nós, o Anjo é a noite que desceu à pista fulgurante. Que a tua solidão paradoxalmente se ilumine toda e pouco importe a escuridão feita de milhares de olhos que te julgam, temem e esperam que caias: vais dançar sobre e dentro de uma solidão deserta se possível com as pálpebras agrafadas. Mas nada — nem mesmo aplausos ou risos — pode impedir-te de dançares para a tua imagem. És um artista, continua Genet, não poderás recusar-te ao precipício monstruoso dos teus olhos. Deves dançar sozinho é a tua imagem quem dança para ti!

Jean Genet, para Sartre «comediante e mártir», assistindo aos ensaios de uma das suas peças

— Está pois definido o programa de Genet: trata-se de radicalizar a aparência e de a viver na escrita ou no teatro não como truque ou esconderijo mas como **exposição soberana.** Pergunta Genet: onde estavas antes de apareceres na pista? — Tristemente disperso nos teus gestos quotidianos. Se danças para o público estás perdido.

— Genet sabe que o pensamento é aquilo em que a posição energética se esquece representando-se. O jogo jogado consigo próprio fá-lo pressentir que os valores estéticos encerram de qualquer modo os valores éticos. O crime é uma ascese — ou a via labiríntica do círculo vicioso por onde se entra mas donde dificilmente se sai, só por golpe ou graça divinas. É neste sentido que a prisão e o jogo foram sempre os símbolos favoritos dos pensadores artistas que tentaram descrever a actividade humana, situando-se sempre fora do âmbito trivial do humano, tal o caso de Sade, Genet, Kafka e Nietzsche. O jogo está na origem da repetição. Repetimos porque finalmente não acertamos ou porque entretanto nos esquecemos. A lembrança para Genet é porosa. O crime é um número, uma série, a sexualidade uma posição, retratando ambas sempre a mesma postura do corpo frente ao limite que o espreita. A moral de Genet caracteriza-se pela fulguração do que se resolve e se desprende no instante, no momento em que os contrários se perdem e se conjugam para criar o estado de graça.

Emídio Rosa de Oliveira

Sala de espera

QUE lhe foi sempre difícil receber com naturalidade a noite, disse ela ou pensou sem o dizer totalmente porque as palavras foram outras, diferentes das que eu inventei. Logo que a luz morria começava a sentir-se receosa, ameaçada, e depois, mais tarde, quando se deitava, e antes de naufragar no sono, atravessava quase sempre um tempo mais ou menos longo, mais ou menos doloroso, de agonia. Embora não pudesse estar ali mais ninguém — vivia só — sentia uma presença. Abria os olhos mas dava com um muro entre ela e esse alguém que não havia, uma loucura. Porque a única presença era o ruidozinho do relógio, e as sombras ainda mais negras que o negrume do quarto e que tombavam para o lado esquerdo das coisas. Nada, pensava com força, mas não conseguia estar tranquila. Às vezes sentia, julgava sentir, passos levezinhos, uma das tábuas do soalho rangia, o guarda-fatos estalava. «Conhece um conto da Florbela Espanca».

Com ele não era bem assim. E, por acaso, conhecia o conto. A Gatita Blanca, não era? Lia, cansava-se de ler, passeava às escuras pela casa e sentava-se e levantava-se e ia ao frigorífico comer qualquer coisa, tudo com o maior cuidado para não os acordar, aos outros, porque os outros eram protegidos da noite e seus amigos. Depois voltava como um sonâmbulo, acabava por ceder e por morrer temporariamente. Que às vezes nem isso, às vezes não conseguia fechar os olhos e já era manhã. Um horror. Ninguém podia calcular.

Ela sabia, se sabia, um horror.

Eram duas almas gémeas, já não muito jovens, na sala de espera de um consultório. A empregada toda de branco vestida chamou então o senhor Fulano de Tal. Ele levantou-se e estimou as melhoras da senhora, que agradeceu. E que olhou em volta, com atenção, em busca de outra pessoa que lhe parecesse receptiva aos seus males.

Maria Judite de Carvalho

Quando o bandido Moriarty matou Holmes num abismo...

SIR Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo em 22 de Maio de 1859. Médico, viajante, militar no Sudão, na Guerra dos Boers e na I Grande Guerra, faleceu em Crowborough, Sussex, em 7 de Julho de 1930. Contava 71 anos.

As suas histórias começaram a ser publicadas em 1886 nos mais prestigiados jornais ingleses, sobre a forma de episódios e mantiveram-se ao longo de dezenas de anos, deliciando os leitores ingleses e alcançando prestígio e fama internacionais.

O personagem principal dos seus contos, sendo um caso ímpar de longevidade, é seguramente a maior lenda das histórias de crime e mistério até hoje publicadas. Que personagem? O mais que famoso detective Sherlock Holmes.

As aventuras de Holmes são na verdade o relato das memórias do seu inseparável amigo dr. Watson, no qual reconhecemos o próprio Conan Doyle, tal é a semelhança biográfica entre ambos. Mas as aventuras de Sherlock sofreram uma interrupção, quando em 1893 o autor escreveu «O Problema Final». A história conta-se em breves palavras. Holmes perseguia o perigoso bandido Moriarty, cérebro de uma feroz quadrilha de malfeitores. Trava-se luta e despenham-se ambos num abismo. Holmes é dado como morto.

No ano seguinte (1894), o editor londrino George Newnes publica «As Memórias de Sherlock Holmes». Contém este volume 11 histórias, a última das quais é «O Problema Final», que encerra a brilhante carreira do detective. Sete anos mais tarde, em Agosto de 1901, «The Strand Magazine» publica até Abril de 1902, em nove folhetins mensais, «O Cão dos Baskervilles», mencionado como anterior a «O Problema Final».

Encantado com o regresso do seu herói, o público reclama novas aventuras — e o movimento gerado pela popularidade do personagem é tanto que Conan Doyle o faz reaparecer, em Outubro de 1903, em «A Casa Vazia», novamente nas páginas do «The Strand Magazine», explicando a sua morte simulada e desvendando mais um caso.

Bem, depois disto Sir Arthur Conan Doyle escreveu largas dezenas de aventuras de Sherlock Holmes, num total de sessenta títulos.

Agora, entre nós, através da Marujo Editora, estão a ser editadas as «Histórias Completas de Sherlock Holmes». Nos escaparates, já o primeiro volume, compreendendo duas histórias: «Um Estudo em Vermelho» e «Um Escândalo na Boémia».

Estante infantil

TÍTULO — Enciclopédia Vida e Ciência

1.º Volume — O HOMEM

2.º Volume — O UNIVERSO

AUTOR — COORDENADOR — Robin Kerrod

REVISOR TÉCNICO — dr. Jorge Branco

EDITOR — Círculo de Leitores

NÃO podemos deixar de saudar o aparecimento de uma enciclopédia que há-de merecer lugar nas estantes dos mais novos.

O enriquecimento do imaginário não se processa apenas com recurso à pura ficção. Aliás, está por determinar o grau preciso de vinculação da **imagem** ao **real** circunstancial e histórico. Será tarefa a que um dia procurarei lançar ombros, esta de inserir as histórias na própria vivência da História, da História que é a mãe de todas as coisas...

... Todas as coisas de que a medida é o Homem, como se sabe. Talvez por isso a ENCICLOPEDIA VIDA E CIÊNCIA, num conjunto de oito volumes, abre com um volume precisamente dedicado ao Homem.

Claro que não fica tudo dito. Pessoalmente, considero que falta, na introdução, uma referência ao carácter social do Homem. De facto, não é a qualidade do seu cérebro, nem a possibilidade da utilização das mãos, nem a possibilidade de fabricar e utilizar os instrumentos (esta aliás passageiramente mencionada) que determinam só por si a evolução do Homem. Não podemos imaginar o Homem desligado de um processo social. A História da evolução dos homens passa pela História da evolução das sociedades humanas, não esquecendo, todavia, a importância individual do próprio homem — e daí a equação que nos pode dar a chave do destino do Homem: **D = E 1...**

No segundo volume, temos a visão deslumbrante do Universo, com uma viagem através do «infinito mais próximo». As inúmeras ilustrações (referidas sempre a um texto, o que dinamiza extraordinariamente a leitura) transforma cada tema num verdadeiro espectáculo que desemboca nos feitos dos cosmonautas e astronautas. As crianças do nosso tempo vivem ao nível do quotidiano (e por vezes já ao nível da rotina...) as ficções científicas que embalaram a infância dos mais velhos...

Ficções que não assentam em ficção, mas em ciência, conhecimento, dados adquiridos ao longo dos séculos. Esta «Enciclopédia Vida e Ciência», editada pelo Círculo de Leitores, propõe-se exactamente «explicar ao leitor médio, tanto adultos como crianças, os diversos aspectos da ciência que são, não só fascinantes, como de importância vital para a compreensão do mundo actual».

Do mundo actual, que é como quem diz, do homem actual. Livro assim, claro, terá seu espaço numa estante infantil... actual.

Mário Castrim

Uma rosa é uma rosa é uma rosa

■ *O que é uma obra-prima? Os dedos das mãos talvez cheguem para contar o número de exemplares de «Debaixo do Vulcão» vendidos no primeiro ano de edição. Como é que os jornais literários podem viver de livros desses?*

A Cinemateca Portuguesa apresentou no fim do Ciclo Musical «O rei das rosas», último filme daquele que Fassbinder considerava o maior cineasta da sua geração: Werner Schroeter.

Tal filme pertence a outro cinema. Pretendo simplesmente assinalar a sua presença e lançar um aviso à distribuição.

Não posso nem pretendo impor um cinema que electrochoque os mansos espectadores do outro. Cada qual tem o direito de morrer de pasmaceira como bem entender, consciente ou inconscientemente, seja ela Spielberg, Coppola, Pollack ou Rhomer.

Foi um grave inconveniente para o cinema o seu princípio assentar num fácil e enganador meio de reproduzir a realidade. O neo-realismo — por exemplo — chamou-lhe um figo. Mas, neo ou não-neo, o cinema esteve sempre mais do lado do realismo que do néon.

De todas as maneiras, não me interessa minimamente cair na outra face trapaceira do realismo, seja ela a da crítica que se quer objectiva ou a do ensaio que se julga não-ficção.

Interessa-me gritar que só por milagre não arde a tela por onde passa incandescente «O rei das rosas». E se, para cantar o que esse filme me faz cantar, recorrer à calúnia ou ao ultraje, fá-lo-ei sem remorsos.

Um filme que não convida ao crime não me interessa. Nada a ver com o facto acidental do filme comportar ou não um crime. É o próprio filme que — em si — terá de ser um acto de insubmissão, um delito, uma transgressão. Que raio de arte pode transmitir o pretendente artista que não transgride e aceita integrar o bom comportamento dos zombis cidadãos exemplares?

O querer-perceber

Quem inventou a civilização do querer-perceber? O querer-perceber nada tem a ver com o saber. Claro que tem. Mas digo que não, evidentemente não quero perceber porquê. Sei porquê. Sem o saber.

O querer-perceber conduz a preferir a estética à beleza, a ética à sua prática, a exegese à obra, a análise orgástica ao orgasmo, o móbil do crime ao absolutismo do gesto.

Susan Sontag escreve um livro a que chama «Contra a interpretação» que é ainda uma forma de interpretar os realizadores que a interessam. Talvez não se consiga ultrapassar essa condição de tradutor entre a fonte de emoção e ela própria, mas objectos de emoção existem que convidam ao imediatismo, seja ele de repulsa ou de adesão.

Pretendo simplesmente assinalar um desses objectos em vias de extinção, um filme que reduz Hollywood a uma fábrica de enlatados de plástico, a uma espécie de Museu Grévin que insistem em impingir-nos como matriz de sonhos.

O cinema (a literatura também) instalou-se na tímida e cómoda posição de narrador de histórias sem qualquer tipo de urgência vital para o diluído autor. Imagine-se agora que tipo de urgência sentirá o espectador em querer conhecê-las. No entanto, os cinemas estão quase tão cheios como os estádios de futebol. Por isso não reconheço uma diferença tangível entre o cinema oscarado e a telenovela.

Não queriam matá-lo

Uma noite, Hitchcock sonhou algo **que lhe pareceu** uma história fabulosa **para um** filme extraordinário. Estremunhado, rabiscou algumas palavras para não perder a grande ideia. Na manhã seguinte, leu com espanto as palavras da noite: «Um homem ama uma mulher».

«Boy meets girl» — eis o sacro paradigma da fábrica de sonhos. Hollywood e os seus ersatz do resto do império opiaram-nos com toda a arte de fuga desse «leit-motiv».

«Eles não queriam matá-lo, queriam apenas uma história» diz um cartaz de «O estado das coisas».

E o crítico obediente resume a história da cine-novela nas colunas da rubrica especializada.

Não admira que os cegos vão ao cinema. A ilustração cinematográfica dos folhetins radiofónicos não merece olhos. O seu essencial (passe o eufemismo) é invisível para eles — já dizia o Saint-Ex, só que não se referia ao cinema.

«O Rei das Rosas» é cinema. Que «boy meets girl» tenha dado lugar a «boy meets boy» é apenas acidente (Cf. Fernando Pessoa). É a sua própria essência que é cinematográfica. Tal acontecimento deve ser divulgado. Não interessa que apenas uma rala assistência o tenha acolhido. Não interessa que não esteja em exibição. É preciso quebrar o capitalista círculo vicioso que engorda os produtores vendilhões ao levar à desdentada boca da passividade consumista os já predestinados «best-sellers», à custa de quatro estrelas, três estrelas e outras menções publicitárias que aconselham a ver impreterivelmente a diarreia de obras-primas com selo de garantia.

Actualidade das miopias

O que é uma obra-prima? Os dedos das mãos talvez cheguem para contar o número de exemplares de «Debaixo do Vulcão» vendidos no primeiro ano de edição. Como é que os jornais literários podem viver contemporaneamente de livros desses? No cinquentenário da morte de Pessoa, os árbitros culturais mofam da exiguidade das notícias necrológicas que há meio século cobriram essa morte. Que pretensão balofa a dos abutres serôdios ao poder pensar que não teriam então sofrido da mesma miopia dos seus antepassados colegas funcionários. É preciso desconfiar da arte que se entende com o poder, seja ele o dos **media** ou o dos presidentes que atiram invólucres rosas sociais aos poetas castrados por quatrocentos anos de monumental sobrevivência.

Não interessa quantas pessoas viram «O Rei das Rosas». Esse filme existe. Esse filme é.

«Um poema deve ser, não significar».

Não interessa que para Auden essa sua frase não seja um poema. Apesar do seu didactismo, ela serve-me de linha de demarcação entre o território artístico que me interessa e o outro.

Em «Prénom Carmen», Godard diz «Hoje ninguém faz o que lhe apetece».

Tenho realmente a sensação de que a maior parte dos realizadores apenas julga realizar os filmes que lhe apetece, que críticos inapetentes criticarão por obrigação, enquanto o público virá a digeri-los sem apetite.

Talvez as pessoas se tenham deixado dirigir por um falso dever que associa alimento cultural a obrigatoriedade de significado.

«No trespassing»

Um dia, perguntaram a Borges se sabia que Foucault se tinha servido de uma longa citação de uma sua enciclopédia apócrifa. Presumo que o entrevistador francês pensava que Borges se sentiria honrado. A resposta foi: «A minha imaginação construiu estranhos e pequenos enigmas e não gosto que se passeie neles como em terreno conquistado».

Buñuel e outros surrealistas gostavam também de colocar à entrada das suas obras a tabuleta «No trespassing».

Nada pode ser se não significar, mas talvez seja desnecessário tentar quebrar a identidade aparente que alguns mágicos conseguem estabelecer entre essas duas fases da relação ao mundo.

A autópsia não tem muito a ver com o salto no vazio com que alguns artistas brincam aos «happy few».

Numa sequência de «O Sangue de um poeta», assistimos à sua agonia perante uma assistência altamente mundana, abanicando-se na mais real indiferença. Ao cabo, é mais nítida tal atitude do que a intelectual mania de determinar o grupo sanguíneo.

«Em que é que se reconhece um grande amor»? — pergunta uma personagem de Marguerite Duras. Eu diria qu a impossibilidade de falar dele o identifica. Assim acontece com certos filmes. «O rei das rosas», «A cidade dos piratas» de Raoul Ruiz, os primeiros Philipe Garrel.

A morte de mãos à obra

A impossibilidade de falar de um grande amor, apesar de tudo o que cruzo me conduzir a ele.

Preferir não escrever um texto sobre «O rei das rosas». Preferir submeter-me a algo que já tivesse escrito:

que meu galope galope o papel flamejanteque a dita me ditou/que a lua se cale e nasça solto dos bastidores o vento/que um sopro de vida e fausto me despenteie o devido austero/que tudo seja descomedido enorme trágico tragicómico cósmico/ que os andrajos teatrais deslumbrem os trajes de luz-/que a cólera me faça viver mais do que o permitido prometido/ que igreja estado e contra-estado se grangrenem de pústulas/ que face a seus desígnios inoperantes opostos a festa estale/que a loucura invada a razão fantoche insequiosa de infinito/ que o teatro purifique pelo fogo o espaço mental confinado/ que sejam arrancadas vivas as perucas-biombo impostoras/ que as feridas não se escondam mas exibam/que o gesto renasça se liberte e empolgue/ que a vida surja brote jorre quente petulante sem balaústre/ que eu roje rasgue e ruja até ao rubro a carne encarnada.

. . . . . .

Pour mémoire:

«O rei das rosas» e «Lightning over water» (a paixão de Nick Ray segundo Wim Wenders) tornam mais aguda a expressão de Cocteau: «Le cinéma c'est la mort au travail».

Ao transgredirem o tabu de filmar moribundos, Schroeter e Wenders terão de admitir a intromissão de reacções extracinematográficas no espectador desses dois filmes.

Quando a nuca de Magdalena Montezuma eclipsa o seu rosto num dos últimos planos de «O rei das rosas», sei que não terei dela nenhuma imagem posterior. Magdalena Montezuma, a mesma dupla inicial de Maria Malibran. Ao eclipse desse rosto sobrepõem-se recordações que não cabem nesta página. Il faut ne pas rater sa sortie.

Ramiro S. Osório

Um espaço privilegiado

O Ler-Escrever é um espaço privilegiado para a publicidade do livro. Quanto mais os nossos leitores o lêem, mais têm vontade de ler os textos e os autores a que ele se refere, em cada novo número. Porque não pode este espaço ser para si, já na próxima semana?

Lemos para si

«Em Nome do Corpo»
Isabel de Sá
Rolim

«A Pequena Morte»
Hélia Correia
Black Sun Editores

AUTORA de uma escrita marcada por uma temática constante, embora nela possamos detectar algumas variantes, é Isabel de Sá. Penso, por exemplo, no livro «Esquizo Frenia» (uma viagem literária onde se efectua o percurso do esquizofrénico) que me parece aquele que melhor ilustra a teoria de a excepção (refiro-me à abordagem de assuntos não inscritos nos códigos de um polimorfismo de predominância homossexual) confirmar a regra. E a regra, quando se fala em Isabel de Sá, é a escrita exaltadora do universo lésbico. Universo deliciosamente assumido em o «Festim Das Serpentes Novas» («A vós, mulheres / cuja alma tem odores de violeta, devo meus amores, / minha pederastia, cintura rendilhada de andorinhas») e evocado como um rito noutros escritos de sua autoria. Recordo aquela obra-prima que é (do livro «Nervura») o poema que fala das pérolas que deslizavam para o seio da mulher...

Envolta numa atmosfera mística, a palavra de Isabel de Sá era uma palavra contida (ler «Restos de Infantas»). Como se a contenção desvendasse o mistério encantatório das múltiplas infantas e ninfas que ia descrevendo. Um desvendar repleto de símbolos onde o lirismo nos fazia lembrar a poética de Safo ou a singela beleza de certos poemas de Eugénio de Andrade. Porém, «Em Nome Do Corpo» algo mudou. Refiro-me à forma da escrita que se despe da sua lapidada simbologia para se expandir sem os artefactos habituais. Assim, é com um misto de surpresa e de desencanto que li «Em Nome Do Corpo». Nele me surpreendeu o desleixo discursivo (aqui não posso deixar de elogiar a citação que o abre até porque me remete para essa fabulosa trans-sexualidade que é «A Nova Desordem Amorosa» de Pascal Bruckner e Alain Finkielrlkraut) de uma autora que me seduziu devido à capacidade que me mostrava de suster a palavra no exacto momento (registava do fugaz aquilo que nele há de imperecível da manifestação do pleno. Fixadora do instante, Isabel de Sá fazia-o na perfeição. Ora, o instante é fugaz «Em Nome Do Corpo». Sucumbe juntamente com o verbo que descuidadamente o apreende. E o que nele há de fulgurante deve-se apenas a um estilo específico desta escritora. Passo a citar: «Quisera eu amá-la em esquife cristalino.» Ou: «Num ritual quase infantil ela voltava à minha pele, nunca esquecendo o gesto de espalhar as pétalas, para depois as retirar uma a uma como se bebesse do meu corpo gota a gota.»

Esta escrita prima pela facilidade se me reportar aos outros livros (todos) que de Isabel de Sá reflecti criticamente. Uma facilidade que objectivamente nos atira o olhar para mulheres que voluptuosamente atravessam o corpo da autora. Passo a transcrever: «Num fim de tarde ela surgira, nervosa (...). Levou-me para o exterior onde se encontrava a outra (...). No olhar foi-me dado entender que ela fazia a vassalagem do amor. Éramos então um trio. O poema nascia, cristalino, sem túmulo ou mácula.» Ou: «Era uma mulher sumptuosa, de cabelos levemente ondulados. Os olhos escuros tinham uma expressão terna e denunciavam estranha fragilidade. Aproximava de mim o gesto, vigoroso, ao prender-me a mão entre os seus dedos deixando uma impressão de queimadura.»

Surpreendida eu ao ler a poética e descritiva prosa de um erotismo em que o poema só existe como nomeação. Cito: «O poema aparecia tatuado na palma da mão».

De um erotismo rasteiro e rastejante ao longo do seu repetitivo deambular por círculos «gays». E, por isso, não me espantaram as palavras do último texto deste livro e que faço questão de transcrever: «Palavra antes da palavra, apenas sugestão é tudo quanto desejo nestes textos do acaso. Mil vezes mais fácil escrever um poema que viver a vida na sua verdade.»

Textos do acaso são estes em que não há sugestão de nada e, na verdade, é óbvio que é mais fácil escrevê-los (falta-lhes o exímio voo descoberto noutros textos desta autora) do que «viver a vida».

Um certo desencanto é a leitura de «Em Nome Do Corpo» (atente-se na banalidade dos títulos que o constituem e de que é exemplo «O Engate» ou «Prova de Amor») — e é-o também a contemplação (excepto o da capa) dos desenhos que, da autoria de Graça Martins, o ilustram. Também esta cedeu a uma quase repetição de outros que nos mostrara.

Lamentável que Isabel de Sá tenha publicado «Em Nome Do Corpo», e digo-o a pensar no facto de ela me ter habituado a uma poética que sempre incluí entre a que de melhor se faz em Portugal. E volto-me, maravilhada, para «A Pequena Morte» (Ed. Black Sun Editores) de Hélia Correia...

«A Pequena Morte» é uma série de poemas onde a palavra emerge com um brilho respirador da virulenta condição humana. Carne, o verbo prende-nos na certeza da irrefutável opacidade que lhe deu o Ser. Passo a mencionar: «Esta mulher de rastos, / cabra, cobra, / a da língua veloz. / A que precariamente / encerra as fontes, / tremendo, / oculto o espaço / entre os joelhos. / A que se ampara ao muro / e corre em volta, / protegendo a garganta. /Extenuada pelo cerco do amor. / Desvanecida, sob as mãos / de ferro: o agressor / que abate e rompe as veias, / o que arroxeia a pele / com seus tormentos. / As costas sobre a terra, / o derradeiro / pulsar das lavas. / A paisagem vermelha, / o luminoso / rastejar de quem arde, / de quem olha / à distância / o coração.»

Saída das vísceras é a palavra de Hélia Correia neste livro publicado em conjunto com Jaime Rocha («Esse Eterno Canto» efectivo que me fora anunciado em «Beber A Cor» e que abre assim: «Hélia: Comprar-te-ei painéis, / lençóis decapitados, / a tinta do universo...»)

Ana Paula Portugal

O Sangue dos Outros, Simone de Beauvoir, Trad. Miguel Serras Pereira, ed. Dom Quixote, 1985, col. Ficção Universal

As palavras, sempre as mesmas, ecoavam mudas naquela noite clandestina. Elas substituíam o corpo do homem ansiando pelo nada para o reconduzirem à memória de imagens passadas, à «forma particular de uma história» que naquele momento se tornava brutal pela simples constatação de que ele continuava a existir e a decidir, apesar dos outros, do seu sangue e da sua morte. A França estava ocupada pelas forças alemãs. A experiência de guerra afastara a possibilidade da inocência. Ser militante não representava já partilhar o entusiasmo dos tempos da Frente Popular, mas sim arrostar a culpa de decidir sobre os actos dos outros, de ser para eles a «rocha que os esmaga», o ser sobre quem recai o seu sangue.

«Primeiro Jacques e agora Hélène». Dizem que a morte nos surpreende a olharmos o «filme» da nossa vida. Mas naquela noite «sem brilho, sem estrelas, sem voz», não era ele que estava a morrer quando por si desfilaram os nomes que deram corpo ao seu percurso de militante. Ele era o espectador da morte de outro, o homem que de novo experimentava o baptismo pelo sangue dos outros, o ser votado, uma vez mais, à impossibilidade de partilhar sentimentos tão solitários como o são a culpa e a dor.

Sentado no quarto, Jean olhava a morte de Hélène, enquanto «os minutos chamavam outros minutos, expulsando-se, empurrando-se uns aos outros, sem fim». «Primeiro Jacques». Nessa altura optara por não agir nunca mais. «Agora Hélène». A escolha é inútil quando se está destinado a seguir a «forma particular de uma história» já concebida no momento em que se nasce e cumprida, naquela noite, com a decisão de continuar para que a morte dos outros não fosse inútil, para que não deixasse de saber nunca mais que estava vivo e que essa condição não seria já a procura da paz, mas sim «a coragem de aceitar para sempre o risco e a angústia, de suportar os meus crimes e o remorso que sem fim me há-de dilacerar».

Quarenta anos após ter escrito «O Sangue dos Outros», Simone de Beauvoir viveu, na segunda-feira passada, o «sonho da morte» que recusava a Jean naquele seu romance. Não sei se foi por isso que me recordei de imediato deste livro ao saber que a sua autora tinha enfim conhecido a experiência de morte que no romance o seu personagem tenta em vão partilhar. Ou se foi também porque aquele é um livro sobre a culpa do militante, condição que a escritora assumiu até ao fim. Ou se foi ainda porque «O Sangue dos Outros» é um escrito sobre a fatalidade e a solidão e na morte ambas se cruzam. Ou se foi afinal porque este é um dos livros mais pungentes que retenho na memória.

Em torno da **fatalidade**, da **solidão** e da **memória**, «O Sangue dos Outros» transforma o leitor num espectador da inviabilidade da liberdade de acção, da partilha e da esperança da redenção. O protagonista luta pela liberdade — «bem supremo que torna inocentes e vãs todas as pedras e todas as rochas, esse bem que salva cada homem de todos os outros e de

Simone de Beauvoir em 1945

mim próprio» — porque outra coisa não teria sido possível, «como se desde o meu nascimento não estivesse tudo destinado: a absoluta podridão contida em todo o destino humano». Não agir foi um sonho por ele alimentado quando da morte de Jacques, ainda no tempo da Frente Popular . Mas cedo os outros recomeçaram a tropeçar nele. Jean, militante, é também o ser que decide e que condena e que deixa de lutar contra esta sua condição quando, no final de uma noite densa, olha uma vez mais para a cama onde Hélène acabara de morrer, atingida por uma bala... «Para ti, nada senão uma pedra inocente: tu tinhas escolhido. Aqueles que vão ser fuzilados amanhã não escolheram: eu sou a rocha que os esmaga (...) Serei sempre para eles a força cega da fatalidade, separada deles para sempre».

Mas Jean, que ao longo de uma noite é conduzido pela memória em busca de uma qualquer redenção, vê-se confrontado com a imensa solidão da sua culpa e da dor de Hélène, ambas impossíveis de partilhar. «Estás só, deitada nessa cama, e eu não posso senão ouvir esse arquejo que sai dos teus lábiios e que tu não ouves» (...) «É ela quem morre. Eu vivo. Dentro de duas horas, ele dirá «Está tudo pronto». Eu vou ouvi-lo. Estarei ali, diante dele, preso no dilaceramento da angústia, e inteiro noutro lado: não podendo nem retirar-me do mundo, nem perder-me nele. Estar morto. Não saber mais nada. Não conhecer o peso do meu cadáver. Mas estou vivo. Sei. Não deixarei de saber nunca mais».

Jean, no final dessa noite, também não deixará de saber nunca mais que o homem é ainda um ser solitário não só porque não pode partilhar, mas fundamentalmente porque existe sempre um outro. Ele que acreditou poder ser esse outro quando, num primeiro impulso de militante, abandonou a casa dos pais para ser operário, ou quando olhava os despojos sangrentos saídos do interior de Hélène quando esta abortou ou quando imaginou ser Marcel, quando lhe comunicasse a morte do seu irmão mais novo. Ele, militante, que ao longo do seu percurso acabaria sempre por interiorizar a culpa de não poder ser todos os outros possíveis, assume no final da sua definitiva solidão ao compreender que não há um «nós», mas apenas um «eu» e o(s) outro(s): «Não escaparei à maldição: para sempre serei um outro para eles».

Clara Viana

Primeira mão

LIVROS Horizonte, das mais exigentes editoras que existem entre nós, continua a lançar as «Obras Completas de Alexandre Cabral». Que volume saiu agora? Saiu agora, e já se encontra nos escaparates, o IV volume. Título: «Correspondência de Camilo Castelo Branco». Essa correspondência é constituída pela troca de impressões com o chamado «clã Castilho».

Isto é: são cartas endereçadas a António Feliciano de Castilho (180 missivas), Eugénio de Castilho (1) e Júlio de Castilho (15). Sem dúvida que estamos perante um epistolário de invulgar e insuspeitada riqueza.

Ainda de Alexandre Cabral, saiu «Subsídio para uma Interpretação da Novelística Camiliana». Cabral, estudioso de Camilo, faz ao leitor um convite: penetrar no conhecimento de uma parte da produção camiliana. Como é óbvio, o ponto de referência é a novelística.

Por sua vez, na Colecção Horizonte Romance, temos «Serenade», de James M. Cain, numa tradução de António Borga. Refira-se que Cain quis ser cantor de ópera, mas optou pelo jornalismo e pela literatura. Revela, no entanto, um apurado sentido musical na trama deste romance. Três personagens: uma cantora de ópera, um jovem maestro e uma prostituta mexicana...

Num outro campo, temos mais duas obras da Biblioteca da Educação Profissional (BEP): «A Primeira Infância», de Irene Lézine (tradução de M. Rodrigues Martins), especialista eminente dos problemas do desenvolvimento da criança e directora de Investigação no Centre National de Recherches Scientifiques de Paris; e «A Criança e a Representação do Espaço», de Isabel Cotinelli Telmo. Está aqui o leitor face a uma análise cuidada dos desenhos infantis, desenhos que contribuem para o desenvolvimento efectivo, cognitivo e social da criança. Que desenhos? O desenho de casas, feitos por crianças dos 7 aos 12 anos. O livro em questão, como é evidente, reproduz muitos desses desenhos.

Outra colecção: «Espaço e Sociedade». Surge-nos aqui a obra «Regionalização e Processo Histórico», Autor: José António dos Santos. Constitui a obra uma abordagem global e sucinta da evolução histórica da regionalização portuguesa. JAS, licenciado em Geografia, é técnico do Ministério responsável pelas autarquias locais e assistente convidado da Universidade Nova de Lisboa.

Abordando uma outra área, e inserto na Colecção Movimento, registe-se um novo lançamento: «A Arte e a Revolução Industrial nos Séculos XVIII e XIX». Em poucas palavras, diremos que é um esboço de singular acuidade sobre a expressão que tiveram nas Artes as diversas fases da Revolução Industrial no séc. XVIII (1760 a 1800) e no séc. XIX (1800 a 1870). Uma particular atenção também sobre os dias da Comuna de Paris (1871).

Finalmente, de Alice Jorge (diplomada pela ESBAL) e Maria Gabriel (pintora e gravadora), o álbum didáctico «Técnicas da Gravura Artística», profusamente ilustrado com reproduções de artistas nacionais e estrangeiros. Um livro essencial sobre a matéria em questão.

Diz Lobo Antunes

Os críticos portugueses podem não gostar de mim mas não me podem ignorar

A sala das Publicações D. Quixote estava cheia de fumo. Lobo Antunes, que chegara atrasado mais de uma hora, acabava de dar uma entrevista. Seguia-se outra, neste caso a do «DL», que isto de prémios, para mais da Associação Portuguesa de Escritores, dá sempre direito, e obrigação, a conversa com jornalistas, tantas vezes distraídos do fenómeno literário no vertiginoso correr dos dias.

Sem gravata, olhos inchados de quem esteve a dormir até tarde, maço de cigarros aberto em cima da mesa, Lobo Antunes, apesar de cansado, mostrou-se bem disposto e cordial. Digamos que compreende e aceita as regras do jogo e o que disser em contrário...

No tudo, no entanto, a dúvida sempre presente: que dizer que não tivesse sido já dito? Claro, claro: o Prémio, o seu significado, a controvérsia gerada com as declarações de voto do júri... E por aí começamos: que comentários, do autor premiado, face às declarações dos cinco membros do júri que, um tanto insolitamente, mais do que um prémio, parecem antes ter atribuído uma condenação ou um presente envenenado?

«Comentários?» — interroga com ar divertido Lobo Antunes enquanto se mexe na cadeira e muda de posição. «Não vou fazer nenhum comentário. Além do mais nem me compete...»

Faz-se um pequeno silêncio. Lobo Antunes acha então que deve dizer mais alguma coisa.

«Sabe, para mim é tranquilizador que as declarações do júri tenham sido o que foram. Que tenham tido aquele tom. Se fossem entusiásticas tinha a certeza que havia escrito um mau livro...»

«... Lá está você a gozar com os críticos...»

«Não, não. Acredite que é verdade que quando soube que me tinham dado o prémio fiquei muito apreensivo...»

«Ora essa!»

«A sério. Só fiquei muito contente quando soube o teor das declarações do júri — e este, se quiser, é o único comentário que faço. Assim posso ter a esperança de que escrevi um livro realmente bom. Imagine o horror que era se eles se pusessem a fazer elogios... E que diabo, bem vistas as coisas eles têm o direito a ter opiniões e a ter os seus gostos pessoas. Não é? E têm também o direito a ficar tristes por não terem conseguido premiar os autores de que gostam...»

Gramáticas

«Aí vai a pergunta da praxe: que significa para si este prémio?»

«Significa que os críticos portugueses podem não gostar do que eu faço, mas não o podem ignorar».

«Uma coisa é ser premiado, e outra é aceitar receber o prémio. Perante o que disseram aqueles que o premiaram você vai a Tróia receber o dito?»

«Penso que a melhor maneira de responder a esta questão é receber mesmo o prémio. Penso eu. Irei, portanto, receber o prémio. Em Tróia».

«Já agora: que vai fazer aos mil contos? Dão um certo jeito...»

«É verdade sim senhor. Dão jeito. Vou comprar gramáticas para oferecer aos críticos...»

«Isso vai ser um nunca mais acabar de gramáticas...»

«Pois. Mas também dão jeito... E além disso também há por aí um nunca mais acabar de críticos. De resto penso que o meu dever de lealdade é fundamentalmente para com os meus leitores. A esses é que eu tenho que prestar contas.»

«Dos mil contos?»

«Tem piada, essa. Não. Você sabe onde quero chegar»

«Continuando a falar do júri — não deste em particular mas em geral. Você disse recentemente que os júris deveriam ser compostos não por críticos mas por criadores. Porquê?»

«Repare: penso que os criadores são quem está mais por dentro destas questões, são os que têm uma experiência própria e pessoal desta coisa que é escrever um romance ou uma novela. Quero no entanto deixar claro que aceito a opinião do Carlos Eurico da Costa, ou da Associação Portuguesa de

Escritores, quanto ao modo como devem se constituídos os júris. Provavelmente sou eu quem não tem razão.»

«Você disse há tempos que havia ficado chateado por o seu livro 'Fado Alexandrino' não ter recebido o prémio da APE. Isto só pode significar que afinal de contas o prémio é mesmo importante para si...»

«A importância do prémio para mim é que só o posso voltar a receber daqui a 10 anos...»

«Se bem entendo refere-se às imposições do Regulamento. Certo?»

«Certo.»

«Mas olhe que ou me engano muito ou ele vai ser alterado...»

«Ah sim? Logo se verá...»

«Outra coisa: afinal você vive só da escrita ou continua a trabalhar como médico?»

«Por enquanto continuo médico e escritor. Mas a medicina será abandonada a favor dos meus medíocres livros, esteja descansado.»

«Quem, eu? Descansadíssimo... Mas falava dos seus medíocres livros...»

«O que eu dizia é que a medicina será abandonada a favor dos meus medíocres livros que serão, tenho esperança, aceites com a maior reserva pelos críticos portugueses...»

Jornais e fascínios

«Deixando os críticos e falando de jornais. Em entrevista ao 'Expresso', à Clara Ferreira Alves, você disse que não costumava ler jornais, excepção feita à 'Bola'. Mas dá entrevistas aos jornais todos... Essa afirmação foi mais uma 'boutade', foi para chatear, ou é verdade que não lê mesmo jornais?»

«É mesmo verdade que não leio jornais. Vejo o Último Jornal e chega. Mas não há nenhum preconceito, nenhuma razão especial.»

«Quer dizer: você gosta é do desporto...»

«Claro que também gosto do desporto. De resto pratiquei. Quanto à 'Bola': é um jornal bem feito, onde há jornalistas de grande qualidade e com quem aprendi um bocado a escrever. Aliás, deixe-me que lhe diga, quando às vezes leio outros jornais — porque isso também acontece, que diabo... — vou logo às páginas do desporto a ver se o Benfica comprou alguém, se adquiriu algum novo jogador...»

«Ah, bom, então você é do Benfica...»

«Sim senhor. Sócio dois mil e tal.»

«E quem não é do Benfica não é bom chefe de famália. Sabe-se...»

«Pois. Mas ainda quanto aos jornais — eu estou um bocado como o personagem do Eça que costumava dizer, a propósito de um acontecimento de que tinha notícia: 'Li no Smith', que era um criado que tinha a missão de lhe contar tudo... Sabe, isto aqui é tão pequeno que a gente chega a qualquer sítio e fica logo a saber tudo... mas quero sublinhar que isto não tem nada contra os jornalistas...»

«... Muito agradecido...»

«... mas tem a ver apenas com o factor tempo e com os hábitos adquiridos. Ler um jornal demora tanto tempo! Já viu se eu começasse a ler, por exemplo, o 'Expresso'? Era preciso tomar sais de frutos... Ainda por cima se eu pego num jornal fico a ler as orações ao Divino Espírito Santo que sempre aparecem e me dão um gozo danado. E na 'Capital', então, pelo-me por aqueles anúncios duns cavalheiros a proporem coisas interessantíssimas às senhoras e vice-versa. É fascinante. Não lhe acontece isso? E depois não se tem tempo nem para ler o resto do jornal nem para nada.»

«Vou-lhe contar uma coisa que não pensava dizer-lhe. No sábado, quando telefonei para o Hospital Miguel Bombarda à sua procura, sabe o que é que a telefonista me disse?»

«Não. O que é que foi?»

«Como ela não o encontrava no seu local habitual de trabalho e eu garantia que você estava lá dentro, ela saiu-se com esta: 'É capaz, é capaz. Embora seja o seu dia de folga, como é tão bom rapazinho e tão trabalhador pode ser que tenha vindo ver um doente... Palavra que pensei que estava a gozar comigo. Você é assim tão bom rapazinho e tão trabalhador?»

«Agora é você que está a gozar comigo? Ela disse isso, sei lá, porque talvez eu tenha relações porreiras com as pessoas do hospital.»

É bem capaz de ter sido isso.

Ribeiro Cardoso

As declarações de voto dos cinco membros do júri que atribui este ano o grande Prémio de Romance e Novela

Declarações de voto

As declarações de voto dos cinco membros do júri que atribui este ano o grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escrittores foram, no mínimo, surpreendentes, e polémicas.

Na verdade, não se entende muito bem como se pode atribuir um prémio com os «considerandos» que aparecem nas referidas declarações. Louve-se, no entanto a coragem — se de coragem de tratou — de os ter tornado públicos.

Claro que muita coisa fica por esclarecer. Por exemplo: é ou não obrigatório que um prémio como o da APE seja atribuído apenas a uma obra excepcional? É, ou não, aceitável que se premeie uma obra com tantas reticências?

Por outro lado, as dificuldades encontradas pelo júri para chegar a um consenso que tornasse possível a atribuição do prémio tornou evidente uma coisa que muitos já tinham visto anteriormente: o regulamento deste prémio, como está, não serve. Pelo menos no que respeita aos 4/5 necessários para a sua atribuição. Carlos Eurico da Costa, secretário-geral do prémio, já afirmou, de resto, que todas as sugestões feitas a propósito desta questão foram tomadas na devida conta e em breve se tomarão decisões.

Aguardemos pois. Entretanto, e para que o leitor possa tirar as suas conclusões, aqui ficam as declarações de voto dos cinco membros do júri.

Embora não sendo o da minha preferência...

Não foi missão fácil a do júri que assumiu a responsabilidade da atribuição do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores a obra publicada em 1985. Entre algumas dezenas de livros do género, ou dele tendendo a aproximar-se, os poucos que foram seleccionados motivaram, em todos os casos, objecções de vária ordem, não só quanto à qualidade intrinsecamente literária como à caracterização legítima de conformidade com a designação do Prémio. A escolha final de **Auto dos Danados,** de António Lobo Antunes, foi conseguida em debatido consenso, numa difícil maioria, entre outras obras a que se reconheceu nível justificativo de primazia.

Embora não sendo o livro de Lobo Antunes o da minha maior preferência (entre hesitantes preferências), não tive relutância intransponível em acompanhar com o meu voto o da maioria finalmente manifestada, reconhecendo em **Auto dos Danados** originalidade de construção da estrutura narrativa, imaginação verbal a imprimir força de criatividade à sequência do narrado, vivacidade imagética, especulação vigorosa do burlesco a ressaltar das personagens e até de ambiente natural em que se movem — reconstituição conseguida, nas páginas mais expressivas, da degradação e dos contrastes de condição humana numa famlia de latifundiários. De aspectos menos positivos a considerar na obra premiada pareceu-me que não seria curial fazer menção, aqui e agora, dado que aceitei a opção mantida pela maioria do júri e, consequentemente, dei a minha anuência à atribuição do Prémio.

Álvaro Salema

Nem excepcional nem flagrantemente inovadora...

A votação conducente à atribuiçao do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores não pode alhear-se de certos condicionamentos que necessariamente interferem na escolha que agora se anuncia. Antes de mais, trata-se de tomar em consideraçáo a produção literária de um ano apenas, lapso de tempo em que a quantidade do que se publica nem sempre corresponde à qualidade que se deseja; e se essa qualidade, no ano de 1985, permite ainda assim, sem se atraiçoar o espírito e a intenção que presidem ao Prémio, concretizar uma opção, é forçoso reconhecer que o elenco de obras submetidas a ponderação não parece apresentar, **em média,** a qualidade que em anos anteriores foi evidente. Não se trata agora de procurar uma explicação para o que se afirma, mas tão-só de invocar um dos factores de perturbação relativa que marcaram a minha reflexão no decurso (e já antes) das reuniões do Júri; e trata-se também de reconhecer que nenhum juízo crítico se exerce à margem da memória activa de quem aprecia e em função de uma inevitável confrontação com outros títulos e com outros nomes, fundada nesse trabalho da memória. Além do mais, prescrevendo *o Regulamento* que a atribuição do Prémio deve incidir apenas sobre determinados géneros (concretamente o romance e a novela) mais restrito ainda se torna o campo de selecção — e mais relativizados os juízos que se enunciam.

Ainda assim, depois de uma reflexão balizada pelos condicionamentos invocados e na sequência dos debates que tiveram lugar ao longo das reuniões do Júri, acabei por atribuir o meu voto ao romance **Auto dos Danados,** de António Lobo Antunes. Não foi, no entanto, sem vacilação que aqui cheguei; uma vacilação em que entrou, naturalmente, a consideração de obras que cumpre mencionar e cujo mérito deve ser sublinhado: entre outros, os romances **Vida e Morte dos Santiagos,** de Mário Ventura, **Ciclone de Setembro,** de Cristóvão de Aguiar, **Os Nós e os Laços,** de António Alçada Baptista e **O Único Animal Que?,** de Augusto Abelaira. Para além do sentido de uma menção inteiramente justa, a evocação destes títulos tem também aqui uma função relativizadora: ela significa que o voto final não traduz necessariamente um juízo definitivo e irreversível, mas antes e apenas uma preferência localizada, susceptível de ser revista e posta em causa, quando e se o aconselharem as circunstâncias de tempo e de espaço, e tudo o mais que nelas se encontra implicado.

Se finalmente me inclinei para **Auto dos Danados** foi por pensar que, **sem se tratar de uma obra excepcional ou flagrantemente inovadora,** o presente romance de Lobo Antunes é bem representativo de temas e estratégias literárias dotadas de inequívoca actualidade — representatividade a que não falta, aliás, uma marca de «excesso», também ela significativa, tanto na estrutura interna da narrativa, como na sua relação com o macrotexto cultural que a envolve. Inscrita com toda a nitidez na nossa História recente, a história relatada suscita um jogo de referências ficcionais capazes de cativarem a atenção do leitor. Essas referências ficcionais historicamente enquadradas não se enunciam, no entanto, em registo factualista nem são manipuladas pelo narrador, entidade que consideravelmente se dilui ao longo do relato, escapando a tentações de dirigismo ideológico; elas são apropriadas e interiorizadas por personagens mergulhadas numa acção turbulenta e tentacular: é pelo registo pessoal das personagens, pelo crivo das suas vivências, traumas e desequilíbrios emocionais, que aparecem filtradas as acções e o seu devir. A pluralidade de vozes que assim se enunciam, os seus encontros e desencontros, os seus conflitos e tensões, representam, num tom estilístico sintonizado com a violência latente ou manifesta que atravessa o romance, um microcosmos a que a experiência histórica do leitor não fica certamente indiferente. Na cena desse diálogo com o leitor que toda a obra literária propõe, **Auto dos Danados** enuncia um desafio que é uma proposta de reflexão sobre o nosso tempo histórico, mas também sobre temas (o tempo, a morte, a decadência) que o transcendem. Pode responder-se afirmativa ou negativamente a esse desafio; pode reagir-se a ele de boa ou de má fé; mas não parece possível ignorá-lo.

Carlos Reis

Para facilitar o consenso maioritário...

Na ficção em prosa de 1985 há para mim um livro que distintamente sobressai: **Um Falcão no punho de Maria Gabriela Llansol**; momento do que me parece ser uma das experiências limites da ficção portuguesa contemporânea. Fui levado contudo a admitir que este livro não corresponde, em termos de **género** ao que, clara e talvez demasiado estritamente, o regulamento do prémio aponta, embora tenha para mim que nem a indicação subtitular «Diário 1» lhe retira o carácter de ficção. E, arriscarei mesmo, de ficção narrativa. Insisto, pois, que é uma admirável, fascinante e comovedora fala mínima, uma pequena música de câmara, sobre terra da criação.

Entretanto, continuei a pensar que o prémio devia ser atribuído. Porque não vejo bem a crítica a magnificá-lo e a olhar de tão alto a produção dos autores. Na circunstância, prefiro outros erros. Passei então por vários livros, por uma ou outra razão estimáveis. Detive-me em três deles:

Vida e Morte dos Santiagos é um romance coerentemente tradicional que joga num modelo narrativo já aliás provado na nossa, e não só, literatura contemporânea. Insistindo na «saga familiar», aposta na produtividade efabulativa, em detrimento da encenação do tempo histórico. A aposta não se contesta, mas acontece que demasiado se repetem os mecanismos da construção fabular, o que enfraquece a parada. Sente-se mais, então, um certo cinzento da escrita, a neutralização do estatuto do narrador e algo como uma falta de paixão histórica.

Oscilei finalmente muito entre o livro de Abelaira e o de Lobo Antunes. **O Único Animal Que?** é um curioso romance que, talvez inesperadamente, se liga à tradição do romance filosófico do séc. XVIII. É um livro evidentemente inteligente e mesmo divertido, e a questão que visa encenar é certamente uma questão central: a levantada pela hipótese Sapir-Worf sobre o estatuto da linguagem. Não tenho qualquer preconceito contra a vontade filosófica animando a ficção literária, até porque penso que toda ela, mais ou menos fortemente, produz efeitos gnosiológicos e antropológicos. Contudo penso que, neste livro, os mecanismos especificamente ficcionais funcionam demasiado como um anteparo da fome de teoria, essa sim sentida como fundamental, como um movimento apenas táctico de uma vontade sobretudo ensaística.

O regulamento do prémio destina-se a um livro e exclui que o seja sobretudo ao conjunto de uma obra. Por isso, e **também para facilitar o consenso maioritário**, acabei por apoiar a atribuição do prémio a **Auto dos Danados**. Mas não-só. O livro começou por me pôr a costumada dúvida: trata-se tão só de um laborioso esforço, corroído, na acumulação, perfil e teor das comparações e outras imagens, por um irresgatável mau gosto estilístico, ou trata-se de uma outra coisa, — de um violento delírio, sustentado e controlado, combinando-se com a acção de construir o som e a fúria da desagregação de universos individuais num quadro familiar, social e histórico? Acabei, claro, por me inclinar para esta hipótese, e fui sensível, no livro, ao arriscado da sua construção dos discursos de que se faz, e ao que me parece ser uma inegável **força**, que um aterrorizado apelo por ternura vem, em certo momento, confirmar como força **grotesca**, e não como simples produto de um furor doentio e inconveniente para certas convenções do bom gosto.

Manuel Gusmão

Desta vez o Prémio não deve ser atribuído...

Considerando, acima de tudo, a cultura escrita portuguesa e os escritores portugueses e perante o panorama da ficção/85 **entendo que desta vez não deve ser atribuído** o «Grande Prémio de Romance e Novela» da Associação Portuguesa de Escritores.

A atribuição deste prémio, apesar da sua curta história, impôs-se já como notável acontecimento cultural. A importância e dignidade do prémio tem justamente merecido atenção e expectativa e **não pode admitir-se nenhuma espécie de descrédito da cultura, dos trabalhadores da língua portuguesa e da Associação Portuguesa de Escritores** perante o público, as entidades culturais do país e o todo nacional.

Este prémio é instituído pela APE e a ela cabe em primeiro lugar manter a sua própria responsabilidade e a dignidade dos resultados a que o tempo nos habituou. Subsidiado fundamentalmente pelas mais importantes estruturas institucionais de cultura, à APE e aos júris que escolhe cabe também responder pela responsabilização indirecta dessas mesmas estruturas.

Subsidiado e mantido em tempo de inflação de prémios destinados a valorar objectos de literatura escrita, a um júri compete também exercer um *certo ofício pedagógico* como indicador idóneo de qualidade junto da opinião pública, **sempre incompatível com a teoria cómoda e fácil de «do mal o menos».**

Considerando tudo isto, considerando ainda a grande qualidade das obras premiadas anteriormente «Balada da Praia dos Cães» de José Cardoso Pires, «Os Meninos de Ouro» de Agustina Bessa Luís, «Amadeo» de Mário Cláudio e também das que o não tendo sido o poderiam ser porque nos recomendam em qualquer lugar no mundo (e lembro, entre outros, «Para sempre» de Vergílio Ferreira, «Memorial do Convento» e «O Ano da Morte de Ricardo Reis» de José Saramago, «O Bosque Harmonioso» de Augusto Abelaira, «Lúcialima» de Maria Velho da Costa, «O Cais das Merendas» de Lídia Jorge) repito que entendo que perante o panorama da ficção/85 não deve ser atribuído o prémio desta vez. Dado que a posição maioritária do juri se orientou noutro sentido, restar-me-ia a abstenção.

No entanto, *o regulamento* prevê-a mas para a proibir. Só por isso tive de designar um livro. E escolhi o jogo irónico e inteligente de Augusto Abelaira, «O único animal que?». Não se leia nesta escolha um voto a favor porque o não é apesar de o autor de «Bolor» estar na primeira linha dos escritores portugueses. Leia-se só nesta escolha a atitude necessária da **coarctação de uma** *regulamento*.

Que me desculpe Augusto Abelaira se entender que o seu livro foi nomeado com mau uso, se entender que foi usado por estrangulamento. Na verdade, foi-o.

Maria Glória Padrão

Apesar de algumas reservas...

Tomando como referência a qualidade dos livros consagrados em anteriores edições do Grande Prémio da APE (quer a dos que obtiveram o prémio, quer a de outros que estiveram em discussão), um olhar sobre a produção de romance e novela no ano de 1985 terá de confrontar-se com uma **sensação global de mediania,** na ausência de obras de uma excepcionalidade evidente.

Abro no entanto uma excepção, pois um livro há que se me afigura de uma luminosidade irradiante, de um saber tão estranho que é de difícil nomeação; refiro-me a **Um Falcão no Punho,** de Maria Gabriela Llansol. Entendeu-se, porém, que a menção expressa de «diário» excluía este volume do âmbito do prémio; considero que este livro tem inegável estatuto ficcional, e por isso não partilho esta opinião, mas aceitei o consenso da maioria, limitando-me por isso a registar que este seria, para mim, o livro a distinguir com o presente galardão.

De entre os restantes livros a concurso, quero mencionar os que mais atraíram a minha atenção. Assim, saliento: o quadro sensível, entre o terno e o desencantado, que da sua geração traçou António Alçada Baptista em **Os Nós e os Laços;** o prometedor, divertido e inteligente **O Heliventilador de Resende,** de António Mega Ferreira; o pouco referido e talvez injustamente pouco lido **Todo o Alfabeto dessa Alegria,** de José Amaro Dionísio; a tentativa em parte falhada, mas interessante, de mergulhar no universo de faz-de-conta da infância de Maria Isabel Barreno, em **Célia e Celina.**

Quero ainda fazer menção especial a **O Único Animal Que?,** de Augusto Abelaida, lúcida e perspicaz meditação sobre o homem, num estilo marcado por um humor finíssimo; mas é um livro em que a vertente reflexiva acaba por abafar a efabulação, que parece avançar mais por golpes artificiosos que vão mantendo a intriga do que por um projecto romanesco suficientemente coeso (o que talvez se explique pela técnica do folhetim que o livro começou por ser).

Finalmente, ponderado o conjunto das obras concorrentes, decidi atribuir o meu voto a **Auto dos Danados,** de António Lobo Antunes. **Apesar de algumas reservas,** que dizem respeito sobretudo ao gosto para mim duvidoso de alguma da imagética do autor, reconheço neste livro uma aposta arriscada, e em boa parte conseguida, em termos de técnica de narração. De facto, à história da degradação de uma família corresponde um progressivo estilhaçar da própria coerência dos tempos e das vozes que contam as várias versões da história; chega-se, nos últimos capítulos, a uma considerável desenvoltura na mescla dos vários discursos, o que, sendo um sinal da fusão entre a narrativa e o mundo à beira do grotesco que é narrado, se revela um estímulo à inteligência do leitor. O subtítulo da última jornada do livro, «A máquina de influenciar na génese da esquizofrenia», pode tomar-se como um indicador do que move estas personagens, estes «danados» sempre suspensos entre a demência e o ritual inútil dos seus dias, mantendo-se vivos ao longo de gerações por uma raiva surda e fantasmatizada — à imagem, afinal, de um certo Portugal que os tornou possíveis.

Este **Auto dos Danados** é um livro com força, mesmo a de incomodar a tranquilidade das consciências, e que vale a pena ler, ultrapassando resistências criadas à obra anterior de António Lobo Antunes. Pessoalmente, mantendo embora as reservas que já referi, não vejo razões que me impeçam de lhe atribuir o meu voto para o Grande Prémio da APE de 1985.

Paula Morão

Acabados de chegar

VERCORS

O Silêncio do Mar

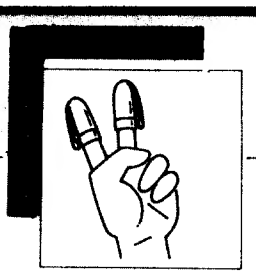
■ **O Silêncio do Mar, Vercors, Ed. Presença**

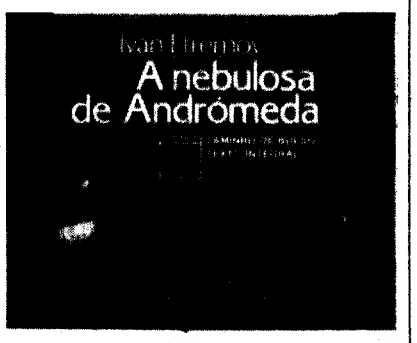
O Silêncio do Mar, de Vercors, é um daqueles livros que se insere para sempre no leitor, quer pelo subido sentido ético de que se reveste, quer por referenciar uma data crucial da história humana. Que grande economia a do autor! Só três personagens em menos de setenta páginas: o tio, a sobrinha, o oficial alemão. O cenário é a França ocupada no decurso da II Grande Guerra Mundial. O invasor (personificado no oficial alemão) terá de viver durante um tempo sob o mesmo tecto do velho tio e da jovem sobrinha. Um triângulo assim constituído: dois franceses e um alemão. O oficial, isolado da sua pátria, é uma torrente de palavras e recordações. Só o silêncio, no entanto, lhe responde. Mas aquelas três pessoas, independentemente da sua ideologia, têm a mesma biologia. E por isso mesmo, embora só um fale e os outros dois se calem, acaba por tecer-se um fio de cumplicidade humana entre todos. Aflora mesmo, embora nunca confessado, um enamoramento entre a jovem francesa e o oficial alemão. Este um dia parte, de todo tomado pelas teorias hitlerianas, vencendo a deserção que lentamente ia crescendo nele. Ele diz «Adeus!» — e a sobrinha, junta do tio, quebra o silêncio pela primeira vez: «Adeus...» Numa palavra: um clássico que exige lugar de honra na estante de todos nós. Edição da **Presença,** numa tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo e Maria Teresa Belo. **P.A.**

■ **«A Criança dos Dois aos Seis Anos»**

Virgílio Moreira, Caminho

«Será o meu filho normal?» — esta a pergunta que está na base de todas as atitudes e comportamentos dos pais face à criança e, também, sem darem por isso, no seu quotidiano. A partir desta questão, desenvolve-se toda a matéria deste livro de VM, autor de um volume anterior intitulado «A Criança no Primeiro Ano de Vida» (ambos os títulos fazendo parte da «Biblioteca da Saúde», da direcção de Emílio Peres, médico). Este segundo livro é o prolongamento do primeiro. Trata-se, nesta segunda etapa, de como se desenvolve a criança até ir para a escola primária. Ao longo das páginas, somos alertados para os passos sucessivos do desenvolvimento físico, psíquico e emocional das crianças naquele período etário. Para além da exposição global sobre o tema, a presente obra compreende ainda um índice de quadros, figuras e textos anexos.





■ **A Nebulosa de Andrómeda.** Iván Efrémov, Caminho de Bolso, Ficção Científica, trad. do espanhol por Franco de Sousa

A grande saga de Efrémov entra, em terceira edição portuguesa, na colecção de bolso da Caminho. Habitualmente, a colecção apresenta inéditos em português, mas compreende-se que tenha querido incluir «A Nebulosa de Andrómeda» entre os seus títulos: é que se trata, de facto, de um monumento da ficção científica contemporânea. Erg Noor, Veda Kong e Der Veter mereciam um público mais largo — e certamente que a Caminho de Bolso lho vai oferecer.

Os Moon

A eleição de Pierre Ceyrac como deputado da Frente Nacional, da extrema-direita francesa, significa a entrada da seita Moon no Parlamento deste paíd a Europa Ocidental, afirma um livro esta semana posto à venda em Paris.

«O império Moon», escrito por Jean-François Boyer, repórter do «Canal Um» da Televisão francesa, é uma obra de 149 páginas que representa o culminar de dois anos de investigação do seu autor com vários colaboradores.

Ceyrac, secretário-geral da «Causa-Europa», ramo político da seita Moon, foi eleito nas eleições legislativas de 16 de Março último, nas listas do movimento de Jean-Marie Le Pen, de confessas simpatias neo-nazis.

Segundo Boyer, Ceyrac é uma das três cabeças em França do império do reverendo sul-coreano Sun Myung Moon, juntamente com Henri Blanchard, presidente da Associação para a Unificação do Cristianismo Mundial e Jean-Pierre Gabriel, redactor-chefe do periódico «Nova Esperança».

«Númerosos amigos e simpatizantes da 'Causa' foram eleitos noutras listas, regionais ou legislativas, através de toda a França», precisa Laurent Ladouce, signatário duma carta divulgada à Imprensa pelo movimento integrista.

Renasce a Feira

CONDIÇÕES climatéricas, reduzido poder de compra dos portugueses e o poder de atracção do Campeonato Mundial de Futebol, condicionam a edição deste ano da Feira do Livro de Lisboa.

O certame decorrerá de 16 de Maio a 8 de Junho, ou seja, uma semana mais cedo do que em anos anteriores.

— A 31 de Maio começam as transmissões dos jogos do Campeonato e nós sabemos que isso vai reter muito público em casa e nos cafés à hora das transmissões. Por isso adiantámos uma semana a data de abertura — explicou-nos José Vieira, chefe dos serviços da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, entidade promotora da Feira do Livro de Lisboa.

Mas fazer recuar essa data para evitar a coincidência também não seria aconselhável, porque iria apanhar o público potencial comprador de livros sem dinheiro e porque tratando-se de uma feira de rua, as condições climatéricas não aconselhavam ao adiantamento.

— O melhor período é, sabemos por experiência, Maio-Junho — comentou José Vieira.

A feira será composta por 110 pavilhões, estando 90 editores directamente representados e cerca de 120 fazendo-se representar nos pavilhões desses 90. Duas editoras não estarão presentes: o Centro do Livro Brasileiro e Difusora Bíblica. As razões não foram expressas por José Vieira que apenas adiantou que no caso da Difusora Bíblica e por actividades que lhe são inerentes, não é a primeira vez que se ausenta do certame, voltando depois.

O calendário cultural está ainda em preparação.

Apesar de todos os condicionalismos, os organizadores da Feira deste ano consideram que as perspectivas são boas. Foram publicados mais de 2 mil títulos desde a edição de 85, que estarão presentes e espera-se que a frequência do público não seja inferior à média de 500 a 600 mil pessoas que frequentaram a Feira do Livro em anos anteriores.

Os pavilhões já começaram a ser montados. Foto Hernando Domingues arquivo «DL»

O eu nos outros

O desenho íntimo das coisas

O que por vezes nos torna silenciosos, afastados uns dos outros, é a nossa incapacidade de apreendermos o desenho íntimo das coisas. O desenho das suas estruturas, dos seus números secretos, das suas proporções mais escondidas. Porque não basta o que vem só à superfície dos olhos: é-nos também necessário o que de modo invisível sustenta as nossas visões.

Suponhamos, na lousa negra do nosso raciocínio, um cubo no espaço.

Será que efectivamente o construímos no espaço (ponto a ponto, linha a linha, face a face) ou será que no espaço o colocamos automaticamente por mera existência na nossa memória? Em suma: abstracção ou transposição...?

E é já por aqui, no relâmpago desta interrogação, que o silêncio nos invade e nos afasta de nós próprios. De repente, vai-se-nos o chão dos pés, e logo hesitamos entre a ideia pura e o peso do objecto. Entramos pelo monólogo, de olhos fechados, até uma solução clara. E se o monólogo é difícil, moroso, o diálogo com os outros também o é. Entre nós e outrem, não há regras definitivas para eleições — e as afinidades são muito raras. Quem na assembleia que todos nós somos, ouvindo o orador essencial, o acompanha ao íntimo desenho das coisas? Poucos — e dos poucos muitos transitoriamente. Esta, enfim, a nossa percentagem de comunicação.

Se frios, se não hipócritas, temos de aceitar que não bastam só as palavras à superfície das coisas. Nunca nos entenderemos por aí: por aí só delicadamente nos cumprimentaremos. Mais friamente ainda: por aí, e perdidos no espaço que a Terra percorre, seremos satélites dessa mesma Terra na mais glacial e distante harmonia.

Tantas línguas — e que silêncio de palavras!

Apetece (o papel assim o exige num grito branco) envolver a Terra num cobertor, embalá-la, adormecê-la numa fonética qualquer, e deitá-la, por fim, numa estrutura por inventar do espaço enorme. E com ela todos os números que a habitam, todos os números que dão por um nome, todos os números que se cruzam à sua superfície... O que urge é que haja um despertar diferente do despertar de todos os dias: a ascensão plena de intimidade de todas as coisas!

E é de novo por aqui, no relâmpago desta exclamação, que voltamos à concepção de um cubo no espaço (ponto a ponto, linha a linha, face a face), cumprindo uma ideia puríssima de construção abstracta, de olhos fechados, a fim de compreendermos a estrutura secreta dos volumes que nos rodeiam — e que são uma arca, um armário, o nosso próprio caixão... Vida e morte, numa palavra.

Somos ou não somos capazes desse raciocínio que toma a intimidade de tudo para tudo explicar? Não cabe aqui a resposta que o branco do papel exige. Mas se não quisermos ficar à superfície das coisas, dos sinais, das palavras, teremos todos de ser um lápis espacial que no espaço um cubo construa, pronto a receber dentro a esfera da Terra em toda a sua essência. E só então poderão ser íntimos a forma e o conteúdo da nossa existência.

Pedro Alvim